INTRODUÇÃO

POR QUE A LITURGIA?

SEGUNDA PARTE

A CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO CRISTÃO

A cena representa o encontro de Jesus com a mulher hemorroíssa. Essa mulher, enferma há muitos anos, é curada ao tocar o manto de Jesus pela "força que dele saíra" (cf. Mc 5,25-34).

Os sacramentos da Igreja continuam hoje as obras que Cristo cumprira durante sua vida terrestre (cf. § 1115). Os sacramentos são como que essas "forças que saem" do Corpo de Cristo para curar as feridas do pecado e para nos dar a vida nova do Cristo (cf. § 1116).

Esta pintura simboliza, pois, o poder divino e salvador do Filho de Deus, que salva o homem todo, alma e corpo, por meio da vida sacramental.

INTRODUÇÃO

POR QUE A LITURGIA?

1066 No Símbolo da Fé, a Igreja confessa o mistério da Santíssima Trindade e seu "desígnio benevolente" (Ef 1,9) sobre toda a criação: o Pai realiza o "mistério de sua vontade" entregando seu Filho bem-amado e seu Espírito para a salvação do mundo e para a glória de seu nome. Este é o mistério de Cristo[1], revelado e realizado na história segundo um plano, uma "disposição" sabiamente ordenada que S. Paulo denomina "a realização do mistério" (Ef 3,9) e que a tradição patrística chamará de "Economia do Verbo Encarnado" ou "a Economia da Salvação".

1067 "Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, da qual foram prelúdio as maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal de sua bem-aventurada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão. Por este mistério, Cristo, 'morrendo, destruiu nossa morte, e ressuscitando, recuperou nossa vida'. Pois do lado de Cristo adormecido na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja."[2]

Esta é a razão pela qual, na liturgia, a Igreja celebra principalmente o mistério pascal pelo qual Cristo realizou a obra da nossa salvação.

1068 É este mistério de Cristo que a Igreja anuncia e celebra em sua liturgia, a fim de que os fiéis vivam e dêem testemunho dele no mundo:

Com efeito, a liturgia, pela qual, principalmente no divino sacrifício da Eucaristia, "se exerce a obra de nossa redenção", contribui do modo mais excelente para que os fiéis, em sua vida, exprimam e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja[3].

A Celebração do Mistério Cristão

QUE SIGNIFICA A PALAVRA LITURGIA?

1069 A palavra "liturgia" significa originalmente "obra pública", "serviço da parte do povo e em favor do povo". Na tradição cristã, ela quer significar que o povo de Deus toma parte na "obra de Deus"[4]. Pela liturgia, Cristo, nosso redentor e sumo sacerdote, continua em sua Igreja, com ela e por ela, a obra de nossa redenção.

1070 A palavra "liturgia" no Novo Testamento é empregada para designar não somente a celebração do culto divino[5], mas também o anúncio do Evangelho[6] e a caridade em ato[7]. Em todas essas situações, trata-se do serviço de Deus e dos homens. Na celebração litúrgica, a Igreja é serva à imagem do seu Senhor, o único "liturgo"[8], participando de seu sacerdócio (culto) profético (anúncio) e régio (serviço de caridade):

Com razão, portanto, a liturgia é tida como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem, e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, cabeça e membros. Disto se segue que toda a celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote e de seu corpo que é a Igreja, é ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja[9].

A LITURGIA COMO FONTE DE VIDA

1071 Além de ser obra de Cristo, a liturgia é também uma ação de sua Igreja. Ela realiza e manifesta a Igreja como sinal visível da comunhão entre Deus e os homens por meio de

---

1. Sf. Ef 3,4.
2. SC 5
3. SC 2
4. Cf. Jo 17,4
5. Cf. At 13,2; Lc 1,23
6. Cf. Rm 15,16; FI 2,14-17.30
7. Cf. Rm 15,27; 2Cor 9,1; FI 2,25
8. Cf. Hb 8,2.6
9. SC 7

Cristo. Empenha os fiéis na vida nova da comunidade. Implica uma participação "consciente, ativa e frutuosa" de todos.[10]

1072 "A liturgia não esgota toda a ação da Igreja"[11]: ela tem de ser precedida pela evangelização, pela fé e pela conversão;

Introdução

pode então produzir seus frutos na vida dos fiéis: a vida nova segundo o Espírito, o compromisso com a missão da Igreja e o serviço de sua unidade.

ORAÇÃO E LITURGIA

1073 A liturgia é também participação da oração de Cristo, dirigida ao Pai no Espírito Santo. Nela, toda oração cristã encontra sua fonte e seu termo. Pela liturgia, o homem interior é enraizado e fundado[12] no "grande amor com o qual o Pai nos amou" (Ef 2,4) em seu Filho bem-amado. É a mesma "maravilha de Deus" que é vivida e interiorizada por toda oração, "em todo tempo, no Espírito" (Ef 6,18).

CATEQUESE E LITURGIA

1074 "A liturgia é o ápice para o qual tende a ação da Igreja, e ao mesmo tempo é a fonte donde emana toda a sua força".[13] Ela é, portanto, o lugar privilegiado da catequese do povo de Deus. "A catequese está intrinsecamente ligada a toda ação litúrgica e sacramental, pois é nos sacramentos, e sobretudo na Eucaristia, que Cristo Jesus age em plenitude para a transformação dos homens."[14]

1075 A catequese litúrgica tem em vista introduzir no mistério de Cristo (ela é "mistagogia"), procedendo do visível para O invisível, do significante para o significado, dos "sacramentos" para os "mistérios". Tal catequese é da competência dos catecismos locais e regionais. O presente Catecismo, que pretende servir para a Igreja inteira, na diversidade de seus ritos e de suas culturas[15], apresentará o que é fundamental e comum a toda a Igreja no tocante à liturgia como mistério e como celebração (Seção I), e em seguida os sete sacramentos e os sacramentais (Seção II).

PRIMEIRA SEÇÃO

A ECONOMIA SACRAMENTAL

1076 No dia de Pentecostes, pela efusão do Espírito Santo, a Igreja é manifestada ao mundo[16]. O dom do Espírito inaugura um tempo novo na "dispensação do mistério": o tempo da Igreja, durante o qual Cristo manifesta, torna presente e comunica sua obra de salvação pela liturgia de sua Igreja, "até que ele venha" (1Cor 11,26). Durante este tempo da Igreja, Cristo vive e age em sua Igreja e com ela de forma nova, própria deste tempo novo. Age pelos sacramentos; é isto que a Tra dição comum do Oriente e do Ocidente chama de "economia sacramental"; esta consiste na comunicação (ou "dispensação") dos frutos do Mistério Pascal de Cristo na celebração da liturgia "sacramental" da Igreja.

Por isso, importa ilustrar primeiro esta "dispensação sacramental" (Capítulo 1). Assim aparecerão com mais clareza a natureza e os aspectos essenciais da celebração Litúrgica (Capítulo II).

CAPÍTULO 1

O MISTÉRIO PASCAL NO TEMPO DA

IGREJA

ARTIGO 1

A LITURGIA.

OBRA DA SANTISSIMA TRINDADE

O Pai, fonte e fim da liturgia

1077"Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em

Cristo. Nele escolheu-nos antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor. Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória de sua graça, com a qual ele nos agraciou no Bem-amado" (Ef 1,3-6).

1078 Abençoar é uma ação divina que dá a vida e da qual o Pai é a fonte. Sua bênção é ao mesmo tempo palavra e dom (benedictio, eulogia, pronuncie euloguia"). Aplicado ao homem, esse termo significará a adoração e a entrega a seu criador, na ação de graças.

---

[10]. SC 11
[11]. Sc 9
[12]. Cf. Ef 3,16-17
[13]. SC 10
[14]. CT 23
[15]. Cf. SC 3-4
[16]. Cf. SC 6; LG 2

1079 Desde o início até a consumação dos tempos, toda a obra de Deus é bênção. Desde o poema litúrgico da primeira criação até os cânticos da Jerusalém celeste os autores inspirados anunciam o projeto de salvação como uma imensa bênção divina.

1080 Desde o começo, Deus abençoa os seres vivos, especialmente o homem e a mulher. A aliança com Noé e com todos os seres animados renova esta bênção de fecundidade, apesar do pecado do homem, por causa do qual a terra é "amaldiçoada". Mas é a partir de Abraão que a bênção divina penetra a história dos homens, que caminhava para a morte, para fazê-la retomar à vida, à sua fonte: pela fé do "pai dos crentes" que acolhe a bênção, inaugura-se a história da salvação.

1081 As bênçãos divinas manifestam-se em eventos impressionantes e salvadores: o nascimento de Isaac, a saída do Egito (Páscoa e Êxodo), o dom da Terra Prometida, a eleição de Davi, a presença de Deus no templo, o exílio purificador e o retomo de um "pequeno resto". A lei, os profetas e os salmos, que tecem a liturgia do povo eleito, lembram essas bênçãos divinas e ao mesmo tempo lhes respondem mediante as bênçãos de louvor e de ação de graças.

1082 Na liturgia da Igreja, a bênção divina é plenamente revelada e comunicada: o Pai é reconhecido e adorado como a fonte e o fim de todas as bênçãos da criação e da salvação; em seu Verbo, encarnado, morto e ressuscitado por nós, ele nos

cumula com suas bênçãos, e por meio dele derrama em nossos corações o dom que contém todos os dons: o Espírito Santo.

1083 Compreende-se então a dupla dimensão da liturgia cristã como resposta de fé e de amor às "bênçãos espirituais" com

A Celebração do Mistério Cristão

as quais o Pai nos presenteia. Por um lado, a Igreja, unida a seu Senhor e "sob a ação do Espírito Santo"[17], bendiz o Pai "por seu dom inefável" (2Cor 9,15) mediante a adoração, o louvor e a ação de graças. Por outro lado, e até a consumação do projeto de Deus, a Igreja não cessa de oferecer ao Pai "a oferenda de seus próprios dons" e de implorar que Ele envie o Espírito Santo sobre a oferta, sobre si mesma, sobre os fiéis e sobre o mundo inteiro, a fim de que pela comunhão com a morte e a ressurreição de Cristo-Sacerdote e pelo poder do Espírito estas bênçãos divinas produzam frutos de vida "para louvor e glória de sua graça" (Ef 1,6).

A obra de Cristo na liturgia

CRISTO GLORIFICADO...

1084 "Sentado à direita do Pai" e derramando o Espírito Santo em seu corpo que é a Igreja, Cristo age agora pelos sacramentos, instituídos por Ele para comunicar sua graça. Os sacramentos são sinais sensíveis (palavras e ações), acessíveis à nossa humanidade atual. Realizam eficazmente a graça que significam em virtude da ação de Cristo e pelo poder do Espírito Santo.

1085 Na liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza principalmente seu mistério pascal. Durante sua vida terrestre, Jesus anunciava seu Mistério pascal por seu ensinamento e o antecipava por seus atos. Quando chegou sua hora[18], viveu o único evento da história que não passa: Jesus morre, é sepultado, ressuscita dentre os mortos e está sentado à direita do Pai "uma vez por todas" (Rm 6,10; Hb 7,27; 9,12). É um evento real, acontecido em nossa história, mas é único: todos os outros eventos da história acontecem uma vez e depois passam, engolidos pelo passado. O Mistério pascal de Cristo, ao contrário, não pode ficar somente no passado, já que por sua morte destruiu a morte, e tudo o que Cristo é, fez e sofreu por todos os homens participa da eternidade divina, e por isso

A Economia Sacramental

abraça todos os tempos e nele se mantém presente. O evento da cruz e da ressurreição permanece e atrai tudo para a vida.

... A PARTIR DA IGREJA DOS APÓSTOLOS...

1086 "Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, da mesma forma Ele mesmo enviou os apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para pregarem o Evangelho a toda criatura, anunciarem que o Filho de Deus, por sua Morte e Ressurreição, nos libertou do poder de Satanás e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas ainda para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação por meio do sacrifício e dos sacramentos, em torno dos quais gravita toda a vida litúrgica."[19]

1087 Dessa forma, Cristo ressuscitado, ao dar o Espírito Santo aos Apóstolos, confia-lhes seu poder de santificação[20]: eles tornam-se assim sinais sacramentais de Cristo. Pelo

---

[17]. Cf. Lc 10,21
[18] Cf. Jo 13,1; 17,1
[19]. SC 6 - 20
[20]. Cf. Jo 20,21-23

poder do mesmo Espírito Santo, os Apóstolos confiam este poder a seus sucessores. Esta "sucessão apostólica" estrutura toda a vida litúrgica da Igreja; ela mesma é sacramental, transmitida pelo sacramento da ordem.

... ESTÁ PRESENTE NA LITURGIA TERRESTRE...

1088 "Para levar a efeito tão grande obra" — a saber, a dispensação ou comunicação de sua obra de salvação "Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois 'aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz', quanto sobretudo sob as espécies eucarísticas. Presente está por sua força nos sacramentos, a tal ponto que, quando alguém batiza, é Cristo mesmo que batiza. Presente está por sua palavra, pois é ele mesmo quem fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja. Presente está, finalmente, quando a Igreja reza e salmodia, ele que prometeu:

'Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles' (Mt 18,20)."[21]

A Celebração do Mistério Cristão

1089 "Na realização de tão grande obra, por meio da qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados, Cristo sempre associa a si a Igreja, sua esposa diletíssima, que o invoca como seu Senhor e por ele presta culto ao eterno Pai."[22]

... QUE PARTICIPA DA LITURGIA CELESTE...

1090 "Na liturgia terrestre, antegozando participamos (já) da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, na qualidade de peregrinos, caminhamos. Lá, Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do tabernáculo verdadeiro; com toda a milícia do exército celestial cantamos um hino de glória ao Senhor e, venerando a memória dos santos, esperamos fazer parte da sociedade deles; suspiramos pelo Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até que ele, nossa vida, se manifeste e nós apareçamos com ele na glória."[23]

O Espírito Santo e a Igreja na liturgia

1091 Na liturgia, o Espírito Santo é o pedagogo da fé do povo de Deus, o artífice das "obras-primas de Deus", que são os sacramentos da nova aliança. O desejo e a obra do Espírito no coração da Igreja é que vivamos da vida de Cristo ressuscitado. Quando encontra em nós a resposta de fé que ele mesmo suscitou, realiza-se uma verdadeira cooperação. Por meio dela a liturgia se toma a obra comum do Espírito Santo e da Igreja.

1092 Nesta comunicação sacramental do mistério de Cristo, o Espírito age da mesma forma que nos outros tempos da eco nomia da salvação: prepara a Igreja para encontrar seu Senhor, recorda e manifesta Cristo à fé da assembléia, torna presente e atualiza o mistério de Cristo por seu poder transformador e, finalmente, como Espírito de comunhão, une a Igreja à vida e à missão de Cristo.

A Economia Sacramental

O ESPÍRITO SANTO PREPARA PARA ACOLHER A CRISTO

1093 Na economia sacramental o Espírito Santo leva á realização as figuras da antiga aliança. Visto que a Igreja de Cristo estava "admiravelmente preparada na história do Povo de Israel e na Antiga Aliança"[24], a liturgia da Igreja conserva como parte integrante e insubstituível — tornando-os seus — alguns elementos do culto da Antiga Aliança:

principalmente a leitura do Antigo Testamento; a oração dos Salmos; e sobretudo a memória dos eventos salvadores e das realidades significativas que encontraram sua realização no Mistério de Cristo (a Promessa e a Aliança, o Êxodo e a Páscoa, o Reino e o Templo, o exílio e a volta).

1094 É em torno desta harmonia dos dois Testamentos[25] que se articula a catequese pascal do Senhor[26], e posteriormente a dos Apóstolos e dos Padres da Igreja. Esta catequese desvenda o que permanecia escondido sob a letra do Antigo Testamento: o mistério de Cristo. Ela é denominada "tipológica" porque revela a novidade de Cristo a partir das "figuras" (tipos) que a anunciavam nos fatos, nas palavras e nos símbolos da primeira aliança. Por esta releitura no Espírito de verdade a partir de Cristo, as figuras são desveladas[27]. Assim, o dilúvio e a arca de Noé prefiguravam a salvação pelo Batismo[28], o mesmo acontecendo com a nuvem e a travessia do Mar Vermelho, e a água do rochedo era a figura dos dons espirituais de Cristo[29]; o maná do deserto prefigurava a Eucaristia, "o verdadeiro Pão do Céu" (Jo 6,32).

---

[21] SC 7
[22]. SC 7
[23]. SC 8; cf. LG 50
[24]. LG 2
[25]. Cf. DV 14-16
[26]. Cf. Lc 24,13-49
[27]. Cf. 2Cor 3,14-16
[28]. Cf. 1Pd 3,21
[29]. Cf. 1Cor 10,1-6

1095 É por isso que a Igreja, particularmente no advento, na quaresma e sobretudo na noite de Páscoa, relê e revive todos esses grandes acontecimentos da história da salvação no "hoje" de sua liturgia. Mas isso exige também que a catequese ajude os fiéis a se abrirem a esta compreensão "espiritual" da economia da salvação, tal como a liturgia da Igreja a manifesta e no-la faz viver.

A Celebração do Mistério Cristão

1096 Liturgia judaica e liturgia cristã. Um conhecimento mais aprimorado da fé e da vida religiosa do povo judaico, tais como são professadas e vividas ainda hoje, pode ajudar a compreender melhor certos aspectos da liturgia cristã. Para os judeus e para os cristãos, a Sagrada Escritura é uma parte essencial de suas liturgias: para a proclamação da Palavra de Deus, a resposta a esta palavra, a oração de louvor e de intercessão pelos vivos e pelos mortos, o recurso à misericórdia divina. A Liturgia da palavra, em sua estrutura própria, tem sua origem na oração judaica. A Oração das horas, bem como outros textos e formulários litúrgicos, tem seus paralelos na oração judaica, o mesmo acontecendo com as próprias fórmulas de nossas orações mais veneráveis, entre elas o Pai Nosso. Também as orações eucarÍsticas inspiram-se em modelos da tradição judaica. As relações entre liturgia judaica e liturgia cristã — mas também a diferença de seus conteúdos — são particularmente visíveis nas grandes festas do ano litúrgico, como a Páscoa. Cristãos e judeus celebram a Páscoa; Páscoa da história, orientada para o futuro, entre os judeus; Páscoa realizada na morte e na Ressurreição de Cristo, entre os cristãos, ainda que sempre à espera da consumação definitiva.

1097 Na liturgia da nova aliança, toda ação litúrgica, especialmente a celebração assembléia litúrgica tira sua unidade da "comunhão do Espírito Santo", que congrega os filhos de Deus no único corpo de Cristo. Ela ultrapassa as afinidades humanas, raciais, culturais e sociais.

1098 A assembléia deve se preparar para se encontrar com seu Senhor, deve ser "um povo bem-disposto"[30]. Essa preparação dos corações é obra comum do Espírito Santo e da assembléia, em particular de seus ministros. A graça do Espírito Santo procura despertar a fé, a conversão do coração e a adesão à vontade do Pai. Essas disposições constituem pressupostos para receber as outras graças oferecidas na própria celebração e para os frutos de vida nova que ela está destinada a produzir posteriormente.

O ESPÍRITO SANTO RECORDA O MISTÉRIO DE CRISTO

1099 O Espírito e a Igreja cooperam para manifestar o Cristo e sua obra de salvação na liturgia. Principalmente na Eucaris-

A Economia Sacramental

tia, e analogicamente nos demais sacramentos, a liturgia é memorial do Mistério da Salvação. O Espírito Santo é a memória viva da Igreja[31].

1100 A Palavra de Deus, O Espírito Santo recorda primeiro à assembléia litúrgica o sentido do evento da salvação, dando vida à Palavra de Deus, que é anunciada para ser recebida e vivida:

Na celebração da liturgia é máxima a importância da Sagrada Escritura, pois dela são tirados os textos que se lêem e que são explicados na homilia e os salmos cantados. É de sua inspiração e bafejo que surgiram as preces, as orações e os hinos litúrgicos. E é dela também que as ações e os símbolos tiram sua significação[32].

1101 É o Espírito Santo que dá aos leitores e aos ouvintes, segundo as disposições de seus corações, a compreensão espiritual da Palavra de Deus. Por meio das palavras, das ações e dos símbolos que formam a trama de uma celebração, o Espírito põe os fiéis e os ministros em relação viva com Cristo, palavra e imagem do Pai, a fim de que possam fazer passar à sua vida o sentido daquilo que ouvem, contemplam e fazem na celebração.

1102 "É a palavra da salvação que alimenta a fé no coração dos cristãos: é ela que faz nascer e dá crescimento à comunhão dos cristãos."[33] O anúncio da Palavra de Deus não se limita a um ensinamento: quer suscitar a resposta da fé, como consentimento e compromisso, em vista da aliança entre Deus e seu povo. É ainda o Espírito Santo que dá a graça da fé, que a fortifica e a faz crescer na comunidade. A assembléia litúrgica é primeiramente comunhão na fé.

1103 A anamnese. A celebração litúrgica refere-se sempre às intervenções salvíficas de Deus na história. "A economia da revelação concretiza-se por meio das ações e das palavras intimamente interligadas. (...) As palavras proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido."[34] Na liturgia da palavra, o Espírito Santo "recorda" à assembléia tudo o que Cristo fez por nós. Segundo a natureza das ações litúrgicas e as tradições

A Celebração do Mistério Cristão

---

[30]. Cf. Lc 1,17
[31]. Cf. Lo 14,26
[32]. SC 24
[33]. PO 4
[34]. DV 2

rituais das Igrejas, uma celebração "faz memória" das maravilhas de Deus em uma anamnese mais ou menos desenvolvida. O Espírito Santo, que desperta assim a memória da Igreja, suscita então a ação de graças e o louvor (doxologia).

O ESPÍRITO SANTO ATUALIZA O MISTÉRIO DE CRISTO

1104 A liturgia cristã não somente recorda os acontecimentos que nos salvaram, como também os atualiza, torna-os presentes. O mistério pascal de Cristo é celebrado, não é repetido; o que se repete são as celebrações; em cada uma delas sobrevém a efusão do Espírito Santo que atualiza o único mistério.

1105 A epiclese ("invocação sobre") é a intercessão na qual o sacerdote suplica ao Pai que envie o Espírito Santificador para que as oferendas se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo, e para que ao recebê-los os fiéis se tornem eles mesmos uma oferenda viva a Deus.

Juntamente com a anamnese, a epiclese está no cerne de cada celebração sacramental, mais especialmente da Eucaristia:

Perguntas como o pão se converte no Corpo de Cristo e o vinho... em Sangue de Cristo. Respondo-te: o Espírito Santo irrompe e realiza aquilo que ultrapassa toda palavra e todo pensamento... Basta-te saber que isso acontece por obra do Espírito Santo, do mesmo modo que, da Santíssima Virgem e pelo mesmo Espírito Santo, o Senhor por si mesmo e em si mesmo assumiu a carne[35].

1107 O poder transformador do Espírito Santo na liturgia apressa a vinda do Reino e a consumação do mistério da salvação. Na expectativa e na esperança ele nos faz realmente antecipar a comunhão plena da Santíssima Trindade. Enviado pelo Pai que ouve a epiclese da Igreja, o Espírito dá a vida aos que o acolhem e constitui para eles, desde já, "o penhor" de sua herança[36].

A Economia Sacramental

A COMUNHÃO DO ESPÍRITO SANTO

1108 O fim da missão do Espírito Santo em toda a ação litúrgica é colocar-se em comunhão com Cristo para formar seu corpo. O Espírito Santo é como que a seiva da videira do Pai que produz seus frutos nos ramos[37]. Na liturgia realiza-se a cooperação mais íntima entre o Espírito Santo e a Igreja. Ele, o Espírito de comunhão, permanece indefectivelmente na Igreja, e é por isso que a Igreja é o grande sacramento da Comunhão divina que congrega os filhos de Deus dispersos. O fruto do Espírito na liturgia é inseparavelmente comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna entre os irmãos[38].

1109 A epiclese é também a oração para o efeito pleno da comunhão da assembléia com o mistério de Cristo. "A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo" (2Cor 13,13) devem permanecer sempre conosco e produzir frutos para além da celebração eucarística. A Igreja pede, pois, ao Pai que envie o Espírito Santo para que faça da vida dos fiéis uma oferenda viva a Deus por meio da transformação espiritual à imagem de Cristo, (por meio) da preocupação pela unidade da Igreja e da participação da sua missão pelo testemunho e pelo serviço da caridade.

RESUMINDO

1110 Na liturgia da igreja, Deus Pai é bendito e adorado como a fonte de todas as bênçãos da criação e da salvação, com as quais nos abençoou em seu Filho, para dar-nos o Espírito da adoção filial.

1111 A obra de Cristo na liturgia é sacramental porque seu mistério de salvação se torna presente nela mediante o poder de seu Espírito Santo; porque seu corpo, que é a Igreja, é como que o sacramento (sinal e instrumento) no qual o Espírito Santo dispensa o mistério da salvação; porque por meio de suas ações litúrgicas a Igreja peregrina já participa, por antecipação, da liturgia celeste.

A Celebração do Mistério Cristão

1112 A missão do Espírito Santo na liturgia da Igreja é preparar a assembléia para encontrar-se com Cristo; recordar e manifestar Cristo à fé da assembléia; tornar presente e atualizar a obra salvífica de Cristo por seu poder transformador e fazer frutificar o dom da comunhão na Igreja.

ARTIGO 2

O MISTERIO PASCAL NOS

SACRAMENTOS DA IGREJA

1113 Toda a vida litúrgica da Igreja gravita em tomo do sacrifício eucarístico e dos sacramentos[39]. Há na Igreja sete sacramentos: o Batismo, a Confirmação ou Crisma, a

---

[35]. S. João Damasceno, *De fide orthodoxa*, 4,13: PG 94,1142A
[36]. Cf. Ef 1,14; 2Cor 1,22
[37]. Cf. Lo 15,1-17; GI 5,22
[38]. Cf. 1Jo 1,3-7
[39]. Cf. SC 6

Eucaristia, a Penitência, a Unção dos Enfermos, a Ordem, o Matrimônio[40]. No presente artigo trataremos daquilo que é comum, do ponto de vista doutrinal, aos sete sacramentos da Igreja. O que lhes é comum sob o aspecto da celebração será exposto no Capítulo II, e o que é próprio de cada um deles será objeto da Seção II.

I. Os sacramentos de Cristo

1114 "Fiéis à doutrina das Sagradas Escrituras, às tradições apostólicas (...) e ao sentimento unânime dos Padres"[41], professamos que "os sacramentos da nova lei foram todos instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo"[42].

1115 As palavras e as ações de Jesus durante sua vida oculta e durante seu ministério público já eram salvíficas. Antecipavam o poder de seu mistério pascal. Anunciavam e preparavam o que iriam dar à Igreja quando tudo fosse realizado. Os mistérios da vida de Cristo são os fundamentos daquilo que agora, por meio dos minis-

A Economia Sacramental

tros de sua Igreja, Cristo dispensa nos sacramentos, pois "aquilo que era visível em nosso Salvador passou para seus mistérios"[43].

1116 Os sacramentos são "forças que saem" do corpo de Cristo[44], sempre vivo e vivificante; são ações do Espírito Santo operante no corpo de Cristo, que é a Igreja; são "as obras-primas de Deus" na Nova e Eterna Aliança.

II. Os sacramentos da Igreja

1117 Graças ao Espírito Santo que a conduz à"verdade plena"(Jo 16,13), a Igreja reconheceu pouco a pouco este tesouro recebido de Jesus e precisou sua "dispensação", tal como o fez com o cânon das Sagradas Escrituras e com a doutrina da fé, qual fiel dispensadora dos mistérios de Deus[45]. Assim, ao longo dos séculos, a Igreja foi discernindo que entre suas celebrações litúrgicas existem sete que são, no sentido próprio da palavra, sacramentos instituídos pelo Senhor.

1118 Os sacramentos são "da Igreja" no duplo sentido de que existem "por meio dela" e "para ela". São "por meio da Igreja", pois esta é o sacramento da ação de Cristo operando em seu seio graças à missão do Espírito Santo. E são "para a Igreja", pois são esses "sacramentos que fazem a Igreja"[46]; com efeito, manifestam e comunicam aos homens, sobretudo na Eucaristia, o mistério da comunhão do Deus amor, uno em três pessoas.

1119 Formando com Cristo-cabeça "como que uma única pessoa mística"[47], a Igreja age nos sacramentos como "comunidade sacerdotal", "organicamente estruturada"[48]. Pelo Batismo e pela Confirmação, o povo sacerdotal é capacitado a celebrar a liturgia; por outro lado, certos fiéis, "revestidos de uma ordem sagrada, são instituídos em nome de Cristo para apascentar a Igreja por meio da palavra e da graça de Deus[49]

1120 O ministério ordenado ou sacerdócio ministerial[50] está a serviço do sacerdócio batismal. Garante que, nos sacramentos, é Cristo

A Celebração do Mistério Cristão

que age pelo Espírito Santo para a Igreja. A missão de salvação confiada pelo Pai a seu Filho encarnado é confiada aos apóstolos e, por meio deles, a seus sucessores: recebem o Espírito de Jesus para agir em seu nome e em sua pessoa[51]. Assim, o ministro ordenado é o elo sacramental que liga a ação litúrgica àquilo que disseram e fizeram os apóstolos, e, por meio destes, ao que disse e fez Cristo, fonte e fundamento dos sacramentos.

1121 Os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Ordem conferem, além da graça, um caráter sacramental ou "selo" pelo qual o cristão participa do sacerdócio de Cristo e faz parte da Igreja segundo estados e funções diversas. Esta con figuração com Cristo e com a Igreja, realizada pelo Espírito, é indelével[52], permanece para sempre no cristão como disposição positiva para a graça, como promessa e garantia da proteção divina e como vocação ao culto divino e ao serviço da Igreja. Por isso estes sacramentos nunca podem ser reiterados.

Os sacramentos da fé

1122 Cristo enviou seus apóstolos para que "em seu Nome fosse proclamado a todas as nações o arrependimento para a remissão dos pecados" (Lc 24,47). "Fazei que todos os povos se tomem discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28,19). A missão de batizar, portanto a missão sacramental, está implícita na missão

---

[40]. Cf. DS 860; 1310; 1601
[41]. Conc. de Trento, 7ª sessão. *Decretum de sacramentis*, Proemium: DS 1600
[42]. Conc. de Trento, 7ª sessão. *Canones de sacramentis in genere*, canon 1: DS 1601
[43]. S. Leão Magno, Serm. 74,2: PL 54,398A
[44]. Cf. Lc 5,17; 6,19; 8,46
[45]. Cf. Mt 13,52; 1Cor 4,1
[46]. Sto. Agostinho, De civ. Dei, 22,17; cf. Sto. Tomás de Aquino, S. Th. III,64,2 ad 3
[47]. Pio XII, enc. *Mystici Corporis*
[48]. LG 11
[49]. LG 11
[50]. LG 10
[51]. Cf. Lo 20,21-23; Lc 24,47; Mt 28,18-20
[52]. Conc. de Trento: DS 1609

de evangelizar, pois o sacramento é preparado pela Palavra de Deus e pela fé, que é assentimento a esta Palavra:

O povo de Deus congrega-se antes de mais nada pela Palavra do Deus vivo. (...) A proclamação da Palavra é indispensável ao ministério sacramental, pois se trata dos sacramentos da fé, e esta nasce e se alimenta da Palavra[53].

1123 "Os sacramentos destinam-se à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e ainda ao culto a ser prestado a Deus.

A Economia Sacramernal

Sendo sinais, destinam-se também à instrução. Não só supõem a fé, mas por palavras e coisas também a alimentam, a fortalecem e a exprimem. Por esta razão são chamados sacramentos da fé."[54]

1124 A fé da Igreja é anterior à fé do fiel, que é convidado a aderir a ela. Quando a Igreja celebra os sacramentos, confessa a fé recebida dos apóstolos. Daí o adágio antigo: lex orandi, lex credendi ("a lei da oração é a lei da fé") (ou então: legem credendi, lex statuat supplicandi a lei do que suplica estabeleça a lei do que crê, segundo Próspero de Aquitânia[55] [século V]). A lei da oração é a lei da fé, ou seja: a Igreja traduz em sua profissão de fé aquilo que expressa em sua oração. A liturgia é um elemento constitutivo da santa e viva Tradição[56].

1125 É por isso que nenhum rito sacramental pode ser modificado ou manipulado ao arbítrio do ministro ou da comunidade. Nem mesmo a suprema autoridade da Igreja pode alterar a Liturgia ao seu arbítrio, mas somente na obediência da fé e no religioso respeito do Mistério da Liturgia.

1126 De resto, visto que os sacramentos exprimem e desenvolvem a comunhão de fé na Igreja, a lex orandi é um dos critérios essenciais do diálogo que busca restaurar a unidade dos cristãos[57].

Sacramentos da salvação

1127 Celebrados dignamente na fé, os sacramentos conferem a graça que significam[58]. São eficazes porque neles age o próprio Cristo; é ele quem batiza, é ele quem atua em seus sacramentos, a fim de comunicar a graça significada pelo sacramento, O Pai sempre atende à oração da Igreja de seu Filho, a qual, na epiclese de cada sacramento, exprime sua fé no poder do Espírito. Assim como o fogo transforma nele mesmo tudo o que toca, o Espírito Santo transforma em vida divina o que é submetido ao seu poder.

1128 Este é o sentido da afirmação da Igreja[59]: os sacramentos atuam ex opere operato (literalmente: "pelo próprio fato de a

A Celebração do Mistério Cristão

ação ser realizada"), isto é, em virtude da obra salvífica de Cristo, realizada uma vez por todas. Daí segue-se que "o sacramento não é realizado pela justiça do homem que o confere ou o recebe, mas pelo poder de Deus"[60]. A partir de momento em que um sacramento é celebrado em conformidade com a intenção da Igreja, o poder de Cristo e de seu Espírito agem nele e por ele, independentemente da santidade pessoal do ministro. Contudo, os frutos dos sacramentos dependem também das disposições de quem os recebe.

1129 A Igreja afirma que para os crentes os sacramentos da nova aliança são necessários à salvação[61]. A "graça sacramental" é a graça do Espírito Santo dada por Cristo e peculiar a cada sacramento. O Espírito cura e transforma os que o recebem, conformando-os com o Filho de Deus, O fruto da vida sacramental é que o Espírito de adoção deifica[62] os fiéis unindo-os vitalmente ao Filho único, o Salvador.

Os sacramentos da Vida Eterna

1130 A Igreja celebra o mistério de seu Senhor "até que Ele venha" e até que "Deus seja tudo em todos" (lCor 11,26; 15,28). Desde a era apostólica a liturgia é atraída para seu termo (meta final) pelo gemido do Espírito na Igreja: "Maran athá.[1]" (Palavras aramaicas que significam: "O Senhor vem") (lCor 16,22). A liturgia participa assim do desejo de Jesus: "Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco (...) até que ela se cumpra no Reino de Deus" (Lc 22,15-16). Nos sacramentos de Cristo, a Igreja já recebe o penhor da herança dele, já participa da Vida Eterna, embora ainda "aguarde a bendita esperança, a manifestação da glória de nosso grande Deus e Salvador, Cristo Jesus" (Tt 2,13). "O Espírito e a esposa dizem: Vem! (...) Vem, Senhor Jesus!" (Ap 22,17.20).

---

[53]. PO 4
[54]. SC 59
[55]. *Indiculus*, c. 8: DS 246 (PL 51,209). Tradução: a lei do rezar determine a lei do crer
[56]. Cf. DV 8
[57]. Cf. UR 2 e 15
[58]. Cf. Conc. de Trento: DS 1605 e 1606
[59]. Cf. Conc. de Trento: DS 1608
[60]. Sto. Tomás de Aquino, S. Th. III,68,8
[61]. Cf. Conc. de Trento: DS 1604
[62]. Cf. 2Pd 1,4

Sto. Tomás resume assim as diversas dimensões do sinal sacramental: “Daí que o sacramento é um sinal rememorativo daqui-

60. Sto. Tomás de Aquino, S. Th. 111,68,8. — 61. CI’. Cone, de Trento: DS

1604. — 62. Cf. 2Pd 1,4.

lo que antecedeu, isto é, a Paixão de Cristo; e demonstrativo daquilo que em nós é realizado pela Paixão de Cristo, a saber, a graça; e prenunciador, isto é, que prenuncia a glória futura”[63].

RESUMINDO

1131 Os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, por meio dos quais nos é dispensada a vida divina. Os ritos visíveis sob os quais os sacramentos são celebrados significam e realizam as graças próprias de cada sacramento. Produzem fruto naqueles que os recebem com as disposições exigidas.

1132 A Igreja celebra os sacramentos como comunidade sacerdotal estruturada pelo sacerdócio batismal e pelo dos ministros ordenados.

1133 O Espírito Santo prepara para a recepção dos sacramentos por meio da Palavra de Deus e da fé que acolhe a Palavra nos corações bem dispostos. Então, os sacramentos fortalecem e exprimem a fé.

1134 O fruto da vida sacramental é ao mesmo tempo pessoal e eclesial. Por um lado, este fruto é para cada fiel uma vida para Deus em Cristo Jesus; por outro, é para a Igreja crescimento na caridade e em sua missão de testemunho.

CAPÍTULO II

A CELEBRAÇÃO SACRAMENTAL DO

MISTÉRIO PASCAL

1135 A catequese da liturgia implica primeiramente a compreensão da economia sacramental (Capítulo I). À sua luz revela-se a novidade de sua celebração. No presente capítulo, portanto, tratar-se-á da celebração dos sacramentos da Igreja. Considerar-se-á aquilo que, pela diversidade das tradições litúrgicas, é comum

à celebração dos sete sacramentos; o que é próprio de cada um deles será apresentado mais adiante. Esta catequese fundamental das celebrações sacramentais responderá às questões primordiais que os fiéis levantam a este respeito:

Quem celebra?

Como celebrar?

Quando celebrar?

Onde celebrar?

ARTIGO 1

CELEBRAR A LITURGIA DA IGREJA

Quem celebra?

1136 A liturgia é “ação” do “Cristo todo” (“Christus totus”). Os que desde agora a celebram, para além dos sinais, já estão na liturgia celeste, em que a celebração é toda festa e comunhão.

Os CELEBRANTES DA LITURGIA CELESTE

1137 O Apocalipse de S.João, lido na liturgia da Igreja, revela-nos primeiramente “um trono no céu e, no trono, alguém senta do”[64]: “o Senhor Deus” (Is 6,1)[65]. Em seguida, o Cordeiro, “imo lado e de pé” (Ap 5,6)[66]: Cristo crucificado e ressuscitado, o único sumo sacerdote do verdadeiro santuário[67], o mesmo “que oferece e é oferecido, que dá e que é dado”[68]. Finalmente, “o rio de água da vida (...) que saía do trono de Deus e do Cordeiro” (Ap 22,1), um dos mais belos símbolos do Espírito Santo[69].

1138 “Recapitulados” em Cristo, participam do serviço do lou vor a Deus e da realização de seu desígnio: as potências ce lestes[70], a criação inteira (os quatro viventes), os servidores da antiga e da nova aliança (os vinte e quatro anciãos), o novo

povo de Deus (os cento e quarenta e quatro mil)[71], em especial os mártires “imolados por causa da Palavra de Deus” (Ap 6,9) e a Santa Mãe de Deus (a mulher[72]; a Esposa do

---

[63]. Sto. Tomás de Aquino, S. Th. III,60,3
[64]. Cf. Ap 4,2
[65]. Cf. Ez 1,26-28
[66]. Cf. Jo 1,29
[67]. Cf. Hb 4,14-15; 10,19-21 etc.
[68]. Liturgia de S. João Crisóstomo, Anáfora
[69]. Cf. Jo 4,10-14; Ap 21,6
[70]. Cf. Ap 4-5; Is 6,2-3

Cordeiro[73]), e finalmente "uma multidão imensa, impossível de se enumerar, de toda nação, raça, povo e língua" (Ap 7,9).

1139 É dessa liturgia eterna que o Espírito e a Igreja nos fazem participar quando celebramos o mistério da salvação nos sacramentos.

OS CELEBRANTES DA LITURGIA SACRAMENTAL

1140 É toda a comunidade, o corpo de Cristo unido à sua Cabeça, que celebra. "As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é o 'sacramento da unidade', isto é, o povo santo, unido e ordenado sob a direção dos Bispos. Por isso, estas celebrações pertencem a todo o corpo da Igreja, influem sobre ele e o manifestam; mas atingem a cada um de seus membros de modo diferente, conforme a diversidade de ordens, ofícios e da participação atual efetiva."[74] É por isso que "todas as vezes que os ritos, de acordo com sua própria natureza, admitem uma celebração comunitária, com assistência e participação ativa dos fiéis, seja inculcado que na medida do possível, ela deve ser preferida à celebração individual ou quase privada"[75].

1141 A assembléia que celebra é a comunidade dos batizados, os quais, "pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual e sacerdócio santo e para poderem oferecer um sacrifício espiritual toda atividade humana do cristão"[76]. Este "sacerdócio comum" é o de Cristo, único sacerdote, participado por todos os seus membros[77]:

A mãe Igreja deseja ardentemente que todos os fiéis sejam levados àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da liturgia exige e à qual, por força do batismo, o povo cristão, "geração escolhida, sacerdócio régio, gente santa, povo de conquista" (1Pd 2,9)[78], tem direito e obrigação[79].

A Celebração do Mistério Cristão

1142 Mas "os membros não têm todos a mesma função" (Rm 12,4). Certos membros são chamados por Deus, na e pela Igreja, a um serviço especial da comunidade. Tais servidores são esco lhidos e consagrados pelo sacramento da ordem, por meio do qual o Espírito Santo os toma aptos a agir na pessoa de Cristo- -Cabeça para o serviço de todos os membros da Igreja[80]. O ministro ordenado é como o "ícone" de Cristo Sacerdote. Já que o sacramento da Igreja se manifesta plenamente na Eucaristia, é na presidência da Eucaristia que o ministério do Bispo aparece primeiro, e, em comunhão com ele, o dos presbíteros e dos diáconos.

1143 No intuito de servir às funções do sacerdócio comum dos fiéis, existem também outros ministérios particulares, não consagrados pelo sacramento da ordem, e cuja função é determinada pelos bispos de acordo com as tradições litúrgicas e as necessidades pastorais. "Também os ajudantes, os leitores, os comentaristas e os membros do coral desempenham um verdadeiro ministério litúrgico."[81]

1144 Assim, na celebração dos sacramentos, a assembléia inteira é o "liturgo", cada um segundo sua função, mas na "unidade do Espírito", que age em todos. "Nas celebrações litúrgicas, cada qual, ministro ou fiel, ao desempenhar sua função, faça tudo e só aquilo que pela natureza da coisa ou pelas normas litúrgicas lhe compete."[82]

II. Como celebrar?

SINAIS E SÍMBOLOS

1145 Uma celebração sacramental é tecida de sinais e de símbolos. Segundo a pedagogia divina da salvação, o significado dos sinais e símbolos deita raízes na obra da criação e na cultura humana, adquire precisão nos eventos da antiga aliança e se revela plenamente na pessoa e na obra de Cristo.

1146 Sinais do mundo dos homens. Na vida humana, sinais e símbolos ocupam um lugar importante. Sendo o homem um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual, exprime e percebe as realidades espirituais por meio de sinais e de símbolos materiais. Como ser social, o homem precisa de sinais e de símbolos para comunicar-se com os outros, pela linguagem, por gestos, por ações. Vale o mesmo para sua relação com Deus.

1147 Deus fala ao homem por intermédio da criação visível. O cosmos material apresenta-se à inteligência do homem para que este leia nele os vestígios de seu criador[83]. A luz e a noite, o vento e o fogo, a água e a terra, a arvore e os frutos falam de Deus, simbolizam ao mesmo tempo a grandeza e a proximidade dele.

---

[71]. Cf. Ap 7,1-8; 14,1
[72]. Cf. Ap 12
[73]. Cf. Ap 21,9
[74]. SC 26
[75]. SC 27
[76]. LG 10
[77]. Cf. LG 10; 34; PO 2
[78]. Cf. 1Pd 2,4-5
[79]. SC 14
[80]. Cf. PO 2 e 15
[81]. SC 29
[82]. SC 28
[83]. Cf. Sb 13,1; Rm 1,19-20; At 14,17

1148 Enquanto criaturas, essas realidades sensíveis podem tornar-se o lugar de expressão da ação de Deus que santifica os homens, e da ação dos homens que prestam seu culto a Deus. Acontece o mesmo com os sinais e os símbolos da vida social dos homens: lavar e ungir, partir o pão e partilhar o cálice podem exprimir a presença santificante de Deus e a gratidão do homem diante de seu criador.

1149 As grandes religiões da humanidade atestam, muitas vezes de maneira impressionante, este sentido cósmico e simbólico dos ritos religiosos. A liturgia da Igreja pressupõe, integra e santifica elementos da criação e da cultura humana conferindo-lhes a dignidade de sinais da graça, da nova criação em Jesus Cristo.

1150 Sinais da aliança. O povo eleito recebe de Deus sinais e símbolos distintivos que marcam sua vida litúrgica: estes não mais são apenas celebrações de ciclos cósmicos e gestos sociais, mas sinais da aliança, símbolos das grandes obras realizadas por Deus em favor de seu povo. Entre tais sinais litúrgicos da antiga aliança podemos mencionar a circuncisão, a unção e a consagração dos reis e dos sacerdotes, a imposição das mãos, os sacrifícios, e sobretudo a Páscoa. A Igreja vê nesses sinais uma prefiguração dos sacramentos da Nova Aliança.

1151 Sinais assumidos por Cristo. Em sua pregação, o Senhor Jesus serve-se muitas vezes dos sinais da criação para dar a conhecer os mistérios do Reino de Deus[84]. Realiza suas curas

ou sublinha sua pregação com sinais materiais ou gestos simbólicos[85]. Dá um sentido novo aos fatos e aos sinais da Antiga Aliança, particularmente ao Êxodo e à Páscoa[86], por ser ele mesmo o sentido de todos esses sinais.

1152 Sinais sacramentais. Desde Pentecostes, é por meio dos sinais sacramentais de sua Igreja que o Espírito Santo realiza a santificação. Os sacramentos da Igreja não abolem, antes purificam e integram toda a riqueza dos sinais e dos símbolos do cosmos e da vida social. Além disso, realizam os tipos e as figuras da antiga aliança, significam e realizam a salvação operada por Cristo, e prefiguram e antecipam a glória do céu.

PALAVRAS E AÇÕES

1153 Uma celebração sacramental é um encontro dos filhos de Deus com seu Pai, em Cristo e no Espírito Santo, e este encontro se exprime como um diálogo, mediante ações e palavras. Sem dúvida, as ações simbólicas já são em si mesmas uma linguagem, mas é preciso que a Palavra de Deus e a resposta de fé acompanhem e vivifiquem estas ações para que a semente do Reino produza seu fruto na terra fértil. As ações litúrgicas significam o que a Palavra de Deus exprime: iniciativa gratuita de Deus e ao mesmo tempo a resposta de fé de seu povo.

1154 Liturgia da palavra é parte integrante das celebrações sacramentais. Para alimentar a fé dos fiéis, os sinais da Palavra de Deus precisam ser valorizados: o livro da palavra (lecionário ou evangeliário), sua veneração (procissão, incenso, luz), o lugar de onde é anunciado (ambão), sua leitura audível e inteligível, a homilia do ministro que prolonga sua proclamação, as respostas da assembléia (aclamações, salmos de meditação, ladainhas, profissão de fé...).

1155 Inseparáveis enquanto sinais e ensinamento, a palavra e a ação litúrgicas são indissociáveis também enquanto realizam o que significam. O Espírito Santo não somente dá a compreensão da Palavra de Deus suscitando a fé; pelos sacramentos ele realiza também as "maravilhas" de Deus anunciadas pela palavra: torna presente e comunica a obra do Pai realizada pelo Filho bem-amado.

CANTO E MÚSICA

1156 "A tradição musical da Igreja universal constitui um tesouro de valor inestimável que se destaca entre as demais expressões de arte, principalmente porque o canto sacro, ligado às palavras, é parte necessária ou integrante da liturgia solene."[87] A composição e o canto dos salmos inspirados, com freqüência acompanhados por instrumentos musicais, já aparecem intimamente ligados às celebrações litúrgicas da antiga aliança. A Igreja continua e desenvolve esta tradição: Recitai "uns com os outros salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor em vosso coração" (Ef 5,19)[88]. "Quem canta reza duas vezes."[89]

1157 O canto e a música desempenham sua função de sinais de maneira tanto mais significativa por "estarem intimamente ligados à ação litúrgica"[90], segundo três critérios principais: a beleza expressiva da oração, a participação unânime da assembléia nos

---

[84]. Cf. Lc 8,10
[85]. Cf. Jo 9,6; Mc 7,33-35; 8,22-25
[86]. Cf. Lc 9,31; 22,7-20
[87]. SC 112
[88]. Cf. Cl 3,16-17
[89]. Cf. Sto. Agostinho, En. In Psal. 72,1
[90]. SC 112

momentos previstos e o caráter solene da celebração. Participam assim da finalidade das palavras e das ações litúrgicas: a glória de Deus e a santificação dos fiéis[91]:

Quanto chorei ouvindo vossos hinos, vossos cânticos, os acentos suaves que ecoavam em vossa Igreja! Que emoção me causavam! Fluíam em meu ouvido, destilando a verdade em meu coração. Um grande elã de piedade me elevava, e as lágrimas corriam-me pela face, mas me faziam bem[92].

1158 A harmonia dos sinais (canto, música, palavras e ações) é aqui mais expressiva e fecunda por exprimir-se na riqueza cultural própria do povo de Deus que celebra[93]. Por isso, o "canto

religioso popular será inteligentemente incentivado a fim de que as vozes dos fiéis possam ressoar nos pios e sagrados exercícios e nas próprias ações litúrgicas, de acordo com as normas e prescrições das rubricas"[94] Todavia, "os textos destinados ao canto sacro hão de ser conformes à doutrina católica, sendo até tirados de preferência das Sagradas Escrituras e das fontes litúrgicas"[95].

As SANTAS IMAGENS

1159 A imagem sacra, o ícone litúrgico, representa principalmente Cristo. Ela não pode representar o Deus invisível e incompreensível; é a encarnação do Filho de Deus que inaugurou uma nova "economia" das imagens:

Antigamente Deus, que não tem nem corpo nem aparência, não podia em absoluto ser representado por uma imagem. Mas agora que se mostrou na carne e viveu com os homens posso fazer uma imagem daquilo que vi de Deus. (...) Com o rosto descoberto, contemplamos a glória do Senhor[96].

1160 A iconografia cristã transcreve pela imagem a mensagem evangélica que a Sagrada Escritura transmite pela palavra. Imagem e palavra iluminam-se mutuamente:

Para proferir sucintamente nossa profissão de fé, conservamos todas as tradições da Igreja, escritas ou não-escritas, que nos tem sido transmitidas sem alteração. Uma delas é a representação pictórica das imagens, que concorda com a pregação da história evangélica, crendo que, de verdade e não na aparência, o Verbo de Deus se fez homem, o que é também útil e proveitoso, pois as coisas que se iluminam mutuamente têm sem dúvida um significado recíproco[97].

1161 Todos os sinais da celebração litúrgica são relativos a Cristo: são-no também as imagens sacras da santa mãe de Deus e dos santos. Significam o Cristo que é glorificado neles. Manifestam "a nuvem de testemunhas" (Hb 12,1) que continuam a participar da salvação do mundo e às quais estamos unidos, sobretudo na celebração sacramental. Por meio de seus Ícones, revela-se à nossa fé o homem criado "à imagem de Deus"[98] e transfigurado "à sua semelhança", assim como os anjos, também recapitulados em Cristo:

Na trilha da doutrina divinamente inspirada de nossos santos Padres e da tradição da Igreja católica, que sabemos ser a tradição do Espírito Santo que habita nela, definimos com toda certeza e acerto que as veneráveis e santas imagens, bem como as representações da cruz preciosa e vivificante, sejam elas pintadas, de mosaico ou de qualquer outra matéria apropriada, devem ser colocadas nas santas igrejas de Deus, sobre os utensílios e as vestes sacras, sobre paredes e em quadros, nas casas e nos caminhos, tanto a imagem de Nosso Senhor, Deus e Salvador, Jesus Cristo, como a de Nossa Senhora, a puríssima e santíssima mãe de Deus, dos santos anjos, de todos os santos e dos justos[99].

1162 "A beleza e a cor das imagens estimulam minha oração. É uma festa para os meus olhos, tanto quanto o espetáculo do campo estimula meu coração a dar glória a Deus."[100] A contemplação dos icones santos, associada à meditação da Palavra de Deus e ao canto dos hinos litúrgicos, entra na harmonia dos sinais da celebração para que o mistério celebrado se grave na memória do coração e se exprima em seguida na vida nova dos fiéis.

III. Quando celebrar?

O TEMPO LITÚRGICO

1163 "A santa mãe Igreja julga seu dever celebrar com piedosa recordação, em certos dias fixos no decurso do ano, a obra salvífica de seu divino esposo. Em cada semana, no dia que ela passou a chamar 'dia do Senhor', recorda a ressurreição do Senhor, celebrando-a uma vez por ano, juntamente com sua sagrada

[91]. Cf. SC 112
[92]. Sto. Agostinho, Conf. 9,6,14
[93]. Cf. SC 119
[94]. SC 118
[95]. SC 121
[96]. S. João Damasceno, Imag. 1,16: PG 96,1245A
[97]. II Conc. de Nicéia, em 787. *Terminus*: COD p. 135
[98]. Cf. Rm 8,29; 1Jo 3,2
[99]. II Conc. de Nicéia: DS 600
[100]. S. João Damasceno, Imag. 1,27: PG 94,1268B

paixão, na solenidade máxima da Páscoa. E desdobra todo o mistério de Cristo durante o ciclo do ano. (...) Recordando assim os mistérios da Redenção, franqueia aos fiéis as riquezas das virtudes e dos méritos de seu Senhor, de maneira a tomá-los como que presentes o tempo todo, para que os fiéis entrem em contato com eles e sejam repletos da graça da salvação."[101]

O povo de Deus, desde a lei mosaica, conheceu festas fixas a partir da páscoa para comemorar as ações admiráveis do Deus salvador, dar-lhe graças por elas, perpetuar-lhes a lembrança e ensinar às novas gerações a conformar sua conduta com elas. Na era da Igreja, situada entre a páscoa de Cristo, já realizada uma vez por todas, e a consumação dela no Reino de Deus, a liturgia celebrada em dias fixos está toda impregnada da novidade do mistério de Cristo.

1165 Quando celebra o mistério de Cristo, há uma palavra que marca a oração da Igreja: hoje!, fazendo eco à oração que seu Senhor lhe ensinou[102] e o apelo do Espírito Santo[103]. Este "hoje" do Deus vivo em que o homem é chamado a entrar é "a hora" da Páscoa de Jesus que atravessa e leva toda a história:

A vida estendeu-se sobre todos os seres, e todos ficam repletos de uma generosa luz; o Oriente dos orientes invadiu o universo, e aquele que era "antes da estrela da manhã" e antes dos astros, imortal e imenso, o grande Cristo brilha sobre todos os seres mais que o sol! É por isso que, para nós que cremos nele, se instaura um dia de luz, longo, eterno, que não se apaga: a páscoa mística[104].

O DIA DO SENHOR

1166 "Devido à tradição apostólica que tem origem no próprio dia da ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal a cada oitavo dia, no dia chamado com razão o dia do Senhor ou domingo."[105] O dia da ressurreição de Cristo é ao mesmo tempo "o primeiro dia da semana", memorial do primeiro dia da criação, e o "oitavo dia", em que Cristo, depois de seu "repouso" do grande sábado, inaugura o dia "que o Senhor fez", o "dia que não conhece ocaso"[106]. A "Ceia do Senhor" é seu centro, pois é aqui que toda a comunidade dos fiéis se encontra com o Senhor ressuscitado, que os convida a seu banquete[107]:

O dia do Senhor, o dia da ressurreição, o dia dos cristãos, é o nosso dia. É por isso que ele se chama dia do Senhor: pois foi nesse dia que o Senhor subiu vitorioso para junto do Pai. Se os pagãos o denominam dia do sol, também nós o confessamos de bom grado: pois hoje levantou-se a luz do mundo, hoje apareceu o sol de justiça cujos raios trazem a salvação[108].

1167 O domingo é o dia por excelência da assembléia litúrgica, em que os fiéis se reúnem "para, ouvindo a Palavra de Deus e participando da Eucaristia, lembrarem-se da paixão, ressurreição e glória do Senhor Jesus, e darem graças a Deus que os 'regenerou para a viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos'"[109]:

Quando meditamos, ó Cristo, as maravilhas que foram operadas neste dia de domingo de vossa santa ressurreição, dizemos: Bendito é o dia do domingo, pois foi nele que se deu o começo da criação (...) a salvação do mundo (...) a renovação do gênero humano. (...) É nele que o céu e a terra rejubilaram e que o universo inteiro foi repleto de luz. Bendito é o dia do domingo, pois nele foram abertas as portas do paraíso para que Adão e todos os banidos entrem nele sem medo.[110]

O ANO LITÚRGICO

1168 Partindo do tríduo pascal, como de sua fonte de luz, o tempo novo da Ressurreição enche todo o ano litúrgico com sua claridade. Aproximando-se progressivamente de ambas as vertentes desta fonte, o ano é transfigurado pela liturgia. E realmente "ano de graça do Senhor"[111]. A economia da salvação está em ação na

A Celebração do Mistério Cristão

moldura do tempo, mas desde a sua realização na Páscoa de Jesus e a efusão do Espírito Santo o fim da história é antecipado, "em antegozo", e o Reino de Deus penetra nosso tempo.

1169 Por isso, a páscoa não é simplesmente uma festa entre outras: é a "festa das festas", "solenidade das solenidades", como a Eucaristia é o sacramento dos sacramentos (o grande sacramento). Sto. Atanásio a denomina "o grande domingo"[112], como a semana santa é chamada no Oriente "a grande semana". O mistério da ressurreição, no qual Cristo

---

[101]. SC 102
[102]. Cf. Mt 6,11
[103]. Cf. Hb 3,7-4,11; SI 95,8
[104]. Pseudo-Hipólito Romano, *In sanctum Pascha* 1,1-2: Studia patristica mediolanensia 15,230-232 (PG 59.755)
[105]. SC 106
[106]. Liturgia bizantina
[107]. Cf. Jo 21,12; Lc 24,30
[108]. S. Jerônimo, *In die dominica Paschae homilia*: CCL 78,550,52
[109]. SC 106
[110]. Fanqîth, Ofício siro-antioqueno, vol. 6, 1ª parte do verão, p. 193 b
[111]. Cf. Lc 4,19
[112]. Sto. Anastácio de Alexandria, Ep. fest. 1 (do ano de 329), 10: PG 26,1366

esmagou a morte, penetra nosso velho tempo com sua poderosa energia até que tudo lhe seja submetido.

1170 No Concílio de Nicéia (em 325), todas as Igrejas chegaram a um acordo acerca de que a páscoa cristã fosse celebrada no domingo que segue a lua cheia (14 Nisan) depois do equinócio de primavera. Por causa dos diversos métodos utilizados para calcular o dia 14 de mês de Nisan, o dia da Páscoa nem sempre ocorre simultaneamente nas Igrejas ocidentais e orientais. Por isso busca-se um acordo, a fim de se chegar novamente a celebrar em uma data comum o dia da Ressurreição do Senhor.

1171 O ano litúrgico é o desdobramento dos diversos aspectos do único mistério pascal. Isto vale muito particularmente para o ciclo das festas em tomo do mistério da encarnação (Anunciação, Natal, Epifania) que comemoram o começo de nossa salvação e nos comunicam as primícias do Mistério da Páscoa.

O SANTORAL NO ANO LITURGICO

1172 "Ao celebrar o ciclo anual dos mistérios de Cristo, a santa Igreja venera com particular amor a bem-aventurada mãe de Deus, Maria, que por um vínculo indissolúvel está unida à obra salvífica de seu Filho; em Maria a Igreja admira e exalta o mais excelente fruto da redenção e a contempla com alegria como puríssima imagem do que ela própria anseia e espera ser em sua totalidade."[113]

1173 Quando, no ciclo anual, a Igreja faz memória dos mártires e dos outros santos, "proclama o mistério pascal" naqueles e naquelas "que sofreram com Cristo e estão glorificados com ele, e propõe seu exemplo aos fiéis para que atraia todos ao Pai por Cristo e, por seus méritos, impetra os benefícios de Deus"[114]

A LITURGIA DAS HORAS

1174 O Mistério de Cristo, sua Encarnação e sua Páscoa, que celebramos na Eucaristia, especialmente na assembléia dominical, penetra e transfigura o tempo de cada dia pela celebração da Liturgia das Horas, "o Ofício Divino"[115]. Esta celebração, em fidelidade às recomendações apostólicas de "orar sem cessar"[116], "está constituída de tal modo que todo o curso do dia e da noite seja consagrado pelo louvor de Deus"[117]. Ela constitui "a oração pública da Igreja"[118], na qual os fiéis (clérigos, religiosos e leigos) exercem o sacerdócio régio dos batizados. Celebrada "segundo a forma aprovada" pela Igreja, a Liturgia das Horas "é verdadeiramente a voz da própria esposa que fala com o esposo, e é até a oração de Cristo, com seu corpo, ao Pai"[119].

1175 A Liturgia das Horas é destinada a tornar-se a oração de todo o povo de Deus. Nela, o próprio Cristo "continua a exercer sua função sacerdotal por meio de sua Igreja"[120]; cada um participa dela segundo seu lugar próprio na Igreja e segundo as circunstâncias de sua vida: os presbíteros, enquanto dedicados ao ministério da palavra[121]; os religiosos e as religiosas, pelo carisma de sua vida consagrada[122]; todos os fiéis, segundo suas possibilidades: "Os pastores de almas cuidarão que as horas principais, especialmente as vésperas, nos domingos e dias festivos mais solenes, sejam celebradas comunitariamente na Igreja. Recomenda-se que os próprios leigos recitem o Ofício divino, ou juntamente com os presbíteros, ou reunidos entre si, e até cada um individualmente"[123].

A Celebração do Mistério Cristão

1176 Celebrar a Liturgia das Horas exige não somente que se harmonize a voz com o coração que reza, mas também "que se adquira um conhecimento litúrgico bíblico mais rico, principalmente dos Salmos"[124]

1177 Os hinos e as ladainhas da Oração das Horas inserem a oração dos salmos no tempo da Igreja, exprimindo o simbolismo do momento do dia, do tempo litúrgico ou da festa celebrada. Além disso, a leitura da Palavra de Deus a cada hora (com os responsos ou os tropários que vêm depois dela) e, em certas horas, as leituras dos Padres da Igreja e dos mestres espirituais revelam mais profundamente o sentido do mistério celebrado, ajudam na compreensão dos salmos e pre param para a oração silenciosa. A lectio divina, em que a Palavra de Deus é lida e meditada para tomar-se oração, está assim enraizada na celebração litúrgica.

1178 A Liturgia das Horas, que é como que um prolongamento da celebração eucarística, não exclui, mas requer de maneira complementar as diversas devoções do Povo de Deus, particularmente a adoração e o culto do Santíssimo Sacramento.

Onde celebrar?

---

[113]. SC 103
[114]. SC 104; cf. SC 108 e 111
[115]. Cf. SC IV
[116]. Cf. 1Ts 5,15; Ef 6,18
[117]. SC 84
[118]. SC 98
[119]. SC 84
[120]. SC 83
[121]. SC 86; 96; PO 5
[122]. Cf SC 98
[123]. SC 100
[124]. SC 90

1179 O culto “em espírito e em verdade” (Jo 4,24) da nova aliança não está ligado a um lugar exclusivo. A terra inteira é santa e foi entregue aos filhos dos homens. O que ocupa lugar primordial quando os fiéis se congregam em um mesmo lugar são as “pedras vivas” reunidas para “a construção de um edifício espiritual” (1Pd 2,5). O Corpo de Cristo ressuscitado é o templo espiritual do qual jorra a fonte de água viva. Incorporados a Cristo pelo Espírito Santo, “nós é que somos o templo do Deus vivo” (2Cor 6,16).

1180 Quando o exercício da liberdade religiosa não sofre entraves[125], os cristãos constroem edifícios destinados ao culto divino. Essas igrejas visíveis não são simples lugares de reunião, mas significam e manifestam a Igreja viva neste lugar, morada de Deus com os homens reconciliados e unidos em Cristo.

1181 “A casa de oração onde a Eucaristia é celebrada e conservada, onde os fiéis se reúnem, onde a presença do Filho de Deus (Jesus, nosso Salvador, o qual se ofereceu por nós no altar do sacrifício) é honrada para auxilio e consolação dos cristãos deve ser bela e adequada para a oração e as celebrações religiosas.”[126] Nesta “casa de Deus”, a verdade e a harmonia dos sinais que a constituem devem manifestar o Cristo que está presente e age neste lugar[127]:

1182 O altar da nova aliança é a cruz do Senhor[128], da qual brotam os sacramentos do mistério pascal. Sobre o altar, que é o centro da igreja, se faz presente o Sacrifício da Cruz sob os sinais sacramentais. Ele é também a mesa do Senhor, para a qual o povo de Deus é convidado[129]. Em certas liturgias orientais, o altar é também o símbolo do sepulcro (Cristo morreu de verdade e ressuscitou de verdade).

1183 O tabernáculo (ou sacrário) deve estar localizado “nas igrejas em um dos lugares mais dignos, com o máximo decoro”[130]. A nobreza, a disposição e a segurança do tabernáculo eucarístico[131] devem favorecer a adoração do Senhor realmente presente no Santíssimo Sacramento do altar.

O Santo Crisma (Mýron = perfume líquido) que, usado na unção, é sinal sacramental do selo do dom do Espírito Santo, é tradicionalmente conservado e venerado em um lugar seguro da igreja. Perto dele pode-se colocar o óleo dos catecúmenos e o dos enfermos.

1184 A cadeira (cátedra) do Bispo ou do presbítero “deve exprimir a função daquele que preside a assembléia e dirige a oração”[132]

O ambão. “A dignidade da Palavra de Deus exige que exista na igreja um lugar que favoreça o anúncio desta Palavra e para o qual, durante a liturgia da Palavra, se volta espontaneamente a atenção dos fiéis.”[133]

1185 O congraçamento do povo de Deus começa pelo Batismo; por isso, a igreja deve ter um lugar para a celebração do Batismo (batistério) e fazer com que o povo lembre as promessas feitas na celebração do Batismo. (O persignar-se com água benta faz lembrar o Batismo.)

A Celebração do Mistério Cristão

A renovação da vida batismal exige a penitência. Por isso, a Igreja deve prestar-se à expressão do arrependimento e ao recebimento do perdão, o que exige um lugar apropriado para acolher os penitentes.

A igreja deve também ser um espaço que convide ao recolhimento e à oração silenciosa, que prolongue e interiorize a grande oração da Eucaristia.

1186 Finalmente, a igreja tem um significado escatológico. Para entrar na casa de Deus, é preciso atravessar um limiar, símbolo da passagem do mundo ferido pelo pecado para o mundo da vida nova ao qual todos os homens são chamados. A igreja visível simboliza a casa paterna para a qual o povo de Deus está a caminho e na qual o Pai “enxugará toda lágrima de seus olhos” (Ap 21,4). Por isso, a igreja também é a casa de todos os filhos de Deus, amplamente aberta e acolhedora.

RESUMINDO

1187 A liturgia é a obra do Cristo inteiro, cabeça e corpo. Nosso Sumo Sacerdote a celebra sem cessar na liturgia celeste, com a santa mãe de Deus, os apóstolos, todos os santos e a multidão dos que já entraram no Reino.

1188 Em sua celebração litúrgica, a assembléia inteira desempenha o papel de “liturgo”, cada um segundo sua função. O sacerdócio batismal é o de todo o corpo de Cristo. Mas

---

[125]. Cf. DH 4
[126]. PO 5; cf. SC 122-127
[127]. Cf. SC 7
[128]. Cf. Hb 13,10
[129]. Cf. IGMR 259
[130]. Paulo VI, *Mysterium fidei*
[131]. Cf. SC 128
[132]. IGMR 271
[133]. IGMR 272

certos fiéis são ordenados pelo sacramento da Ordem para representar Cristo como cabeça do corpo.

1189 A celebração litúrgica comporta sinais e símbolos que se referem à criação (luz, água, fogo), à vida humana (lavar, ungir, partir o pão) e à história da salvação (os ritos da Páscoa). Inseridos no mundo da fé e assumidos pela força do Espírito Santo, esses elementos cósmicos, esses ritos humanos, esses gestos memoriais de Deus se tornam portadores da ação salvadora e santificadora de Cristo.

1190 A Liturgia da Palavra é uma parte integrante da celebração. O sentido da celebração é expresso pela Palavra de Deus que é anunciada e pelo compromisso da fé que ela exige como resposta.

A Economia Sacramental

1191 O canto e a música guardam uma conexão íntima com a ação litúrgica. Critérios de seu bom uso: a beleza expressiva da oração, a participação unânime da assembléia e o caráter sagrado da celebração.

1192 As santas imagens, presentes em nossas igrejas e em nossas casas, destinam-se a despertar e a alimentar nossa fé no mistério de Cristo. Por meio do ícone de Cristo e de suas obras salvíficas, é a ele que adoramos. Mediante as santas imagens da santa mãe de Deus, dos anjos e dos santos, veneramos as pessoas nelas representadas.

1193 O domingo, "dia do Senhor", é o dia principal da celebração da Eucaristia por ser o dia da ressurreição. É o dia da assembléia litúrgica por excelência, o dia da família cristã, o dia da alegria e do descanso do trabalho, O domingo é "o fundamento e o núcleo do ano litúrgico"[134]

1194 A Igreja "apresenta todo o mistério de Cristo durante o ciclo do ano, desde a Encarnação e o Natal até a Ascensão, até o dia de Pentecostes e até a expectativa da feliz esperança e do retorno do Senhor"[135]

1195 Celebrando a memória dos santos, primeiramente da Santa Mãe de Deus, em seguida dos apóstolos, dos mártires e dos outros santos, em dias fixos do ano litúrgico, a Igreja manifesta que está unida à Liturgia Celeste; glorifica a Cristo por ter realizado sua salvação em seus membros glorificados. O exemplo delas e deles a estimula em seu caminho para o Pai.

1196 Os fiéis que celebram a Liturgia das Horas unem-se a Cristo, nosso Sumo Sacerdote, por meio da oração dos salmos, da meditação da Palavra de Deus, de cânticos e bênçãos, a fim de serem associados à oração incessante e universal dele, que dá glória ao Pai e implora o dom do Espírito Santo sobre o mundo inteiro.

1197 Cristo é o verdadeiro templo de Deus, "o lugar em que reside a sua glória"; pela graça de Deus, também os cristãos se tornam templos do Espírito Santo, pedras vivas com as quais é construída a Igreja.

A Celebração do Mistério Cristão

1198 Em sua condição terrestre, a Igreja precisa de lugares onde a comunidade possa reunir-se: esses lugares são as nossas igrejas visíveis, lugares santos, imagens da Cidade Santa, a Jerusalém Celeste para a qual caminhamos como peregrinos.

1199 É nessas igrejas que a Igreja celebra o culto público para a glória da Santíssima Trindade; é nelas que ouve a Palavra de Deus e canta seus louvores, que eleva sua oração e que oferece o sacrifício de Cristo, sacramentalmente presente no meio da assembléia. Essas igrejas são também locais de recolhimento e de oração pessoal.

ARTIGO 2

DIVERSIDADE LITÚRGICA E UNIDADE

DO MISTÉRIO

TRADIÇÕES LITÚRGICAS E CATOLICIDADE DA IGREJA

1200 Desde a primeira comunidade de Jerusalém até a parusia, o mesmo mistério pascal é celebrado, em todo lugar, pelas Igrejas de Deus fiéis à fé apostólica. O mistério celebrado na liturgia é um só, mas as formas de sua celebração são diversas.

1201 A riqueza insondável do mistério de Cristo é tal que nenhuma liturgia é capaz de esgotar sua expressão. A história do surgimento e do desenvolvimento desses ritos atesta uma complementaridade surpreendente. Quando as Igrejas viveram essas tradições litúrgicas em comunhão na fé e nos sacramentos da fé, enriqueceram-se mutuamente e cresceram na fidelidade à tradição e à missão comum à Igreja toda.[136]

1202 As diversas tradições litúrgicas surgiram justamente em razão da missão da Igreja. As Igrejas de uma mesma área geográfica e cultural acabaram celebrando o mistério de Cristo com expressões particulares tipificadas culturalmente: na tradição do "depósito da

---

[134]. SC 106
[135]. SC 102
[136]. Cf. EN 63-64

fé”[137], no simbolismo litúrgico, na organização da comunhão fraterna, na compreensão teológica dos mistérios e nos tipos de santidade. Assim, Cristo, luz e salvação de todos os povos, é manifestado pela vida litúrgica de uma Igreja ao povo e à cultura aos quais ela é enviada e nos quais está enraizada. A Igreja é católica: pode integrar em sua unidade, purificando-as, todas as verdadeiras riquezas das culturas[138].

1203 As tradições litúrgicas ou ritos atualmente em uso na Igreja são o rito latino (principalmente o rito romano, mas também os ritos de certas Igrejas locais como o rito ambrosiano, ou de certas ordens religiosas) e os ritos bizantinos, alexandrino ou copta, siríaco, armênio, maronita e caldeu. “Obedecendo fielmente à tradição, o sacrossanto Concílio declara que a santa mãe Igreja considera como iguais em direito e em dignidade todos os ritos legitimamente reconhecidos, e que no futuro quer conservá-los e favorecê-los de todas as formas.”
[139]

LITURGIA E CULTURAS

1204 Por isso a celebração da liturgia deve corresponder ao gênio e à cultura dos diferentes povos[140]. Para que o mistério de Cristo seja “dado a conhecer a todos os gentios, para levá-los à obediência da fé” (Rm 16,26), deve ser anunciado, celebrado e vivido em todas as culturas, de sorte que estas não sejam abolidas, mas resgatadas e realizadas por ele[141]. É mediante sua cultura humana própria, assumida e transfigurada por Cristo, que a multidão dos filhos de Deus tem acesso ao Pai, para glorificá-lo, em um só Espírito.

1205 “Na liturgia, sobretudo na liturgia dos sacramentos, existe uma parte imutável — por ser de instituição divina —, da qual a Igreja é guardiã, e há partes suscetíveis de mudança, que ela tem o poder e, algumas vezes, até o dever de adaptar às culturas dos povos recentemente evangelizados[142].

1206 “A diversidade litúrgica pode ser fonte de enriquecimento, mas pode também provocar tensões, incompreensões reci-

procas e até mesmo cismas. Neste campo, é claro que a diversidade não deve prejudicar a unidade. Esta unidade não pode exprimir-se senão na fidelidade à fé comum, aos sinais sacramentais que a Igreja recebeu de Cristo, e à comunhão hierárquica. A adaptação às culturas requer uma conversão do coração e, se necessário, a ruptura com hábitos ancestrais incompatíveis com a fé católica.”[143]

RESUMINDO

Convém que a celebração da liturgia tenda a exprimir-se na cultura do povo em que a Igreja se encontra, sem submeter-se a ela. Por outro lado, a liturgia mesma é geradora e formadora de culturas.

1208 As diversas tradições litúrgicas (ou ritos), legitimamente reconhecidas por significarem e comunicarem o mesmo mistério de Cristo, manifestam a catolicidade da Igreja.

ritério que garante a unidade na pluralidade das tradições litúrgicas é a fidelidade à Tradição apostólica, isto é, a comunhão na fé e nos sacramentos recebidos dos apóstolos, comunhão significada e assegurada pela sucessão apostólica.

SEGUNDA SEÇÃO

OS SETE SACRAMENTOS DA IGREJA

1210. Os sacramentos da nova lei foram instituídos por Cristo e são sete, a saber: o Batismo, a Confirmação, a Eucaristia, a Penitência, a Unção dos Enfermos, a Ordem e o Matrimônio. Os setes sacramentos atingem todas as etapas e todos os momentos importantes da vida do Cristão: dão à vida de fé do cristão origem e crescimento, cura e missão. Nisto existe certa semelhança entre as etapas da vida natural e as da vida espiritual [144]

1211. Seguindo esta analogia, exporemos primeiramente os três sacramentos da iniciação cristã (Capítulo I), em seguida os sacramentos de cura (Capítulo II) e, finalmente os sacramentos que estão a serviço da comunhão e da missão dos fiéis (Capítulo III). Sem dúvida, esta disposição não é a única possível, mas permite ver que os sacramentos formam um organismo no qual cada um especificamente tem seu lugar vital. Neste

---

[137]. 2Tm 1,14
[138]. Cf. LG 23; UR 4
[139]. SC 4
[140]. Cf. SC 37-40
[141]. Cf. CT 53
[142]. João Paulo II, carta ap. *Vicesimus quintus annus* 16: AAS 81 (1989) 913
[143]. Ibid

[144] Cf Sto. Tomás de Aquino, S.Th. III,65,1. -

organismo, a eucaristia ocupa um lugar único por ser "sacramento dos sacramentos": "todos os demais sacramentos estão ordenados a este como a seu fim"[145]

CAPÍTULO I

OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ

1212. Pelos sacramentos da iniciação cristã – Batismo, Confirmação e Eucaristia – são lançados os fundamentos de toda vida cristã. "A participação na natureza divina, que os homens recebem como dom mediante a graça de Cristo, apresenta certa analogia com origem, o desenvolvimento e a sustentação da vida natural. Os fiéis, de fato,renascidos no Batismo, são fortalecidos pelo sacramento da Confirmação e, depois, nutridos com o alimento da vida eterna na Eucaristia. Assim, por efeito destes sacramentos da iniciação cristã, estão em condições de saborear cada vez mais os tesouros da vida divina e de progredir até alcançar a perfeição da caridade."[146]

ARTIGO 1

O SACRAMENTO DO BATISMO

1213. O santo Batismo é o fundamento de toda a vida cristã, a porta da vida no Espírito ("vitae spiritualis ianua") e a porta que abre o acesso aos demais sacramentos. Pelo Batismo somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus, tornamos-nos membros de Cristo, somos incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão[147]: "Baptismus est sacramentum regenerationis per aquan in verbo – O Batismo é o sacramento da regeneração pela água na Palavra"[148].

I. Como é chamado este sacramento?

1214. Ele é denominado Batismo com base no rito central pelo qual é realizado: batizar ("baptizein", em grego) significa "mergulhar", "imergir"; o "mergulho" na água simboliza o sepultamento do catecúmeno na morte de Cristo, da qual com Ele ressuscita[149] como "nova criatura"(2Cor 5,17; Gl 6,15).

1215. Este sacramento é também chamado "o banho da regeneração e da renovação no Espírito Santo"(Tt 3,5) pois ele significa e realiza este nascimento a partir da água e do Espírito, sem qual "ninguém pode entrar no Reino de Deus " (Jo 3,5).

1216. "Este banho é chamado iluminação, porque aqueles que recebem este ensinamento (catequético) têm o espírito iluminado..." [150] Depois de receber no Batismo o Verbo, "a luz verdadeira que ilumina todo homem" (Jo 1,9), o batizado "após Ter sido iluminado" [151], se converte em "filho da luz"[152] e em "luz ele mesmo (Ef 5,8):

O batismo é o mais belo e o mais magnífico Dom de Deus. (...) chamamo-lo de Dom, graça, unção, iluminação,veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo, e tudo o que existe de mais precioso. Dom porque é conferido àqueles que nada trazem; graça, porque é dado até a culpados; Batismo, porque o pecado é sepultado na água; unção, porque é sagrado e régio (tais são os que são ungidos); iluminação, porque é luz resplandecente: veste, porque cobre nossa vergonha; banho, porque lava; selo, porque nos guarda e é o sinal do senhorio de Deus[153].

II. O Batismo na economia da salvação

As prefigurações do Batismo na antiga aliança

1217. Na liturgia da noite pascal, quando da bênção da água batismal, a Igreja faz solenemente memória dos grandes acontecimentos na história da salvação que já prefiguravam o mistério do Batismo: Ó Deus, pelos sinais visíveis dos sacramentos realizais maravilhas invisíveis. Ao longo da história da salvação, vós vos servistes da água para fazer-nos conhecer a graça do Batismo[154].

1218. Desde a origem do mundo, a água, esta criatura humilde e admirável, é a fonte da vida e da fecundidade. A Sagrada Escritura a vê como "incubada" pelo Espírito de Deus[155]: já na origem do mundo, vosso espírito pairava sobre as águas para que elas recebessem a força de santificar[156].

1219. A Igreja viu na arca de Noé uma prefiguração da salvação pelo Batismo. Por ela, com efeito, "poucas pessoas, isto é, oito, foram salvas da água" (1Pd 3,20): Nas próprias águas do dilúvio prefigurastes o nascimento da nova humanidade de modo que a mesma água sepultasse os vícios e fizesse nascer a santidade[157].

---

[145] Sto.Tomás de Aquino, S. Th. III,65,3.
[146] Paulo VI, const. ap. Divinae consortium naturae, cf. OICA, praenotanda 1-2.
[147] Cf. Conc. De Florença: DS 1314; CIC, cân. 204, 1; 849; CCEO, cân. 675, 1.
[148] Catech. R. 2,2,5.
[149] Cf. Rm 6,3-4; Cl 2,12.
[150] S.Justino, Apol. 1,61: CA 1,168 (PG 6,421)
[151] Cf.Hb 10,32.
[152] Cf. 1Ts 5,5
[153] S,Gregório Nazianzeno, Or.40,3-4: PG 36,361C.
[154] MR, Vigília pascal 42: benção da água batismal.
[155] Cf. Gn 1,2.
[156] MR, Vigília pascal 42: benção da água batismal.
[157] Ibid.

1220. Se a água da fonte simboliza a vida, a água do mar é um símbolo da morte, razão pela qual o mar podia prefigurar o mistério da cruz. Por este simbolismo, o Batismo significa a comunhão com a morte de Cristo.

1221. É sobretudo a travessia do mar vermelho, verdadeira libertação de Israel da escravidão do Egito, que anuncia a libertação operada pelo Batismo: Concedestes aos filhos de Abraão atravessar o Mar Vermelho a pé enxuto, para que, livres da escravidão, prefigurassem o povo nascido na água do Batismo[158].

1222. Finalmente, o Batismo é prefigurado na travessia do Jordão pela qual o povo de Deus recebe o dom da terra prometida à descendência de Abraão, imagem da vida eterna. A promessa desta herança bem-aventurada realiza-se na nova aliança.

O Batismo de Cristo

1223. Todas as prefigurações da antiga aliança encontram sua realização em Cristo Jesus. Ele começa sua vida pública depois de Ter-se feito batizar por S.Joào Batista no Jordão[159], e após sua ressurreição confere esta missão aos apóstolos: "Ide,pois,fazei que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei" (Mt 28,19-20)[160].

1224. Nosso Senhor submeteu-se voluntariamente ao Batismo de S.João, destinado aos pecadores,para"cumprir toda a justiça"[161]. Este gesto de Jesus é uma manifestação de seu "aniquilamento"[162]. O espírito que pairava sobre as águas da primeira criação desce então sobre Cristo, preludiando a nova criação, e o Pai manifesta Jesus como seu "filho amado"[163].

1225. Foi em sua Páscoa que Cristo abriu a todos os homens as fontes do Batismo. Com efeito, já tinha falado fs paixão que iria sofrer em Jerusalém como de um "batismo"com o qual devia ser batizado [164]. O sangue e a água que escorreram do lado traspassado de Jesus crucificado[165] são tipos do Batismo e da Eucaristia, sacramentos da vida nova[166]. desde então é possível "nascer da água e do Espírito" para entrar no Reino de Deus (Jo 3,5). Vê, quando és batizado, donde vem o batismo, se não da cruz de Cristo, da morte de Cristo. Lá está todo o mistério: ele sofreu por ti. É nele que és redimido, é nele que és salvo e, por tua vez, te tornas salvador [167].

O Batismo na Igreja

1226. A partir do dia de pentecostes, a igreja celebrou e administrou o santo Batismo. Com efeito, S. Pedro declara à multidão impressionada com sua pregação: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão de vossos pecados. Então recebereis o dom do Espírito Santo" (AT 2,38). Os Apóstolos e seus colaboradores oferecem o Batismo a todo aquele que crer em Jesus: judeus, tementes a Deus, pagãos[168]. O Batismo aparece sempre ligado a fé: "Crê no Senhor e serás salvo, tu e a tua casa", declara S.Paulo a seu carcereiro de Filipos. O relato prossegue: "E imediatamente (o carcereiro) recebeu o Batismo, ele e todos os seus" (AT 16,31-33).

1227. Segundo o apóstolo S.Paulo, pelo Batismo o crente comunga na morte de Cristo; é sepultado e ressuscita com ele: Batizados em Cristo Jesus, em sua morte é que fomos batizados. Portando, pelo Batismo fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova (Rm 6,3-4)[169]. Os batizados "vestiram-se de Cristo"[170]. Pelo Espírito Santo o Batismo é um banho que purifica, santifica e justifica[171]. O Batismo é, pois, um banho de água no qual "a semente incorruptível" da Palavra de Deus produz seu efeito vivificante[172]. Sto. Agostinho dirá do Batismo: "Accedit verbum ad elementum, et fit Sacramentum - Une-se a palavra ao elemento, e acontece o sacramento"[173].

III. Como é celebrado o sacramento do Batismo?

A iniciação Cristã

1229. Tornar-se cristão, eis algo que se realiza desde os tempos dos apóstolos por um itinerário e uma iniciação que passa por várias etapas. Este itinerário pode ser percorrido com rapidez ou lentamente. Deverá sempre comportar alguns elementos essenciais: o anúncio da Palavra, o acolhimento do Evangelho acarretando uma conversão, a profissão de fé, o Batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso à Comunhão Eucarística.

---

[158] Ibid.
[159] Cf.Mt 3,13
[160] Cf. Mc 16,15-16
[161] Cf.Mt 3,15
[162] Cf. Fl 2,7
[163] Cf. Mt 3,16-17
[164] Cf. Mc 10,38; Lc 12,50
[165] Cf. Jo 19,34
[166] Cf. 1Jo 5,6-8.
[167] Sto.Ambrósio, Sacr. 2,2,6: CSEL 73,27-28 (PL 16,425-426).
[168] Cf. At 2,41; 8,12-13; 10,48; 16,15.
[169] Cf. Cl 2,12.
[170] Cf. Gl 3,27.
[171] Cf. 1Cor 6,11; 12,13
[172] Cf. 1Pd 1,23; Ef 5,26.
[173] Sto. Agostinho, In Ev. Jo 80,3.

1230. Esta iniciação tem variado muito ao longo dos séculos e de acordo com as circunstâncias. Nos primeiros séculos da Igreja a iniciação cristã conheceu um grande desenvolvimento com um longo período de catecumenato e uma seqüência de ritos preparatórios que balizavam liturgicamente a caminhada da preparação catecumenal e que desembocavam na celebração dos sacramentos da iniciação cristã.

1231. Quando o Batismo das crianças se tornou amplamente a forma habitual da celebração deste sacramento, esta passou a ser um único ato que integra de maneira muito resumida as etapas prévias à iniciação cristã. Por sua própria natureza, o Batismo das crianças exige um catecumenato pós-batismal. Não se trata somente da necessidade de uma instrução posterior ao Batismo, mas do desabrochar necessário da graça bastimal no crescimento da pessoa. É o lugar próprio do catecismo.

1232. O Concílio Vaticano II restaurou, para a Igreja latina, "o catecumenato dos adultos, distribuído em várias etapas"[174]. Encontram-se tais ritos no Ordo initiationis christiane adultorum (Ritual da iniciação cristã dos adultos). O Concílio por sua permitiu que "além dos elementos de iniciação fornecidos pela tradição cristã", fossem admitidos "em terra de missão estes outros elementos de iniciação cristã cuja prática constatamos em cada povo, na medida em possam ser adaptados ao rito cristão"[175]. Hoje em dia, portando, em todos os ritos latinos e orientais a iniciação cristã dos adultos começa desde a entrada deles no catecumenato, para atingir seu ponto culminante em um única celebração dos três sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia[176]. Nos ritos orientais a iniciação cristã das crianças começa no Batismo, seguido imediatamente pela Confirmação e pela Eucaristia, ao posso que no rito romano ela prossegue durante os anos de catequese, para terminar mais tarde com a confirmação e a Eucaristia, ápice de sua iniciação cristã[177].

A Mistagogia da Celebração

1234. O significado e a graça do sacramento do Batismo aparecem com clareza nos ritos de sua celebração. É acompanhando, com uma participação atenta, os gestos e as palavras desta celebração que os fiéis são iniciados nas riquezas que este sacramento significa e realiza em cada novo batizado.

1235. O sinal-da-cruz no limiar da celebração, assinala a marca de Cristo naquele que vai pertencer-lhe e significa a graça da redenção que Cristo nos proporcionou por sua cruz.

1236. O anúncio da palavra de Deus ilumina com a verdade revelada os candidatos e a assembléia, e suscita a resposta da fé, inseparável do Batismo. Com efeito, o Batismo é de maneira especial "o sacramento da fé", uma vez que é a entrada sacramental na vida de fé.

1237. Visto que o Batismo significa a libertação do pecado e de seu instigador, o Diabo, pronuncia-se um (ou vários) exorcismo(s) sobre o candidato, este é ungido com o óleo dos catecúmenos ou então o celebrante impõe-lhe a mão, e o candidato renuncia explicitamente a satanás. Assim preparado, ele pode confessar a fé da Igreja, à qual será "confiado" pelo Batismo[178].

1238. A água batismal é então consagrada por uma oração de epiclese (seja no próprio momento, seja na noite pascal). A Igreja pede a deus que, por seu Filho, o poder do Espírito Santo desça sobre esta água. Para que os que forem batizados nela "nasçam da água e do Espírito"(Jo 3,5).

1239. Segue então o rito essencial do sacramento: o Batismo propriamente dito, que significa e realiza a morte ao pecado e a entrada na vida da Santíssima Trindade por meio da configuração ao mistério pascal de Cristo. O batismo é realizado da maneira mais significativa pela tríplice imersão na água batismal. Mas desde a antigüidade ele pode também ser conferido derramando-se por três vezes, a água sobre a cabeça doa candidato.

1240. Na igreja latina, esta tríplice infusão é acompanhada das palavras do ministro: "N..., eu te batizo em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo". Nas liturgias orientais, estando o catecúmeno voltado para o nascente, o ministro diz "O servo de Deus N...., é batizado em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo". E a invocação de cada pessoa da Santíssima Trindade o ministro mergulha o candidato na água e o retira dela.

1241. A unção com o santo crisma, óleo perfumado consagrado pelo Bispo, significa o Dom do Espírito Santo ao novo batizado. Este tornou-se um cristão, isto é, "ungido" do Espírito Santo, incorporado a Cristo, que é ungido sacerdote, profeta e rei[179].

1242. Na liturgia das Igrejas do Oriente, a unção pós-bastimal é o sacramento da Crisma (Confirmação). Na liturgia romana, porém esta primeira unção anuncia outra, a do santo Crisma, que será feita pelo Bispo: o sacramento da Confirmação, que, por assim dizer "confirma "e encerra a unção bastimal.

---

[174] SC 64.
[175] SC 65; cf SC 37-40.
[176] Cf. AG 14; CIC, cân. 851;865;866.
[177] Cf. CIC cân. 851, 2, 868.
[178] Cf. Rm 6,17.
[179] Cf. OBP 62.

1243. A veste branca simboliza que o batizado “vestiu-se de Cristo”[180]: ressuscitou com Cristo. A vela, acesa no círio pascal, significa que Cristo iluminou o neófito. Em Cristo, os batizados são “a luz do mundo” (MT 5,14)[181]. O novo batizado é agora filho de Deus no Filho único. Pode rezar a oração dos Filhos de Deus: o Pai-Nosso.

1244. A primeira comunhão eucarística. Uma vez feito filho de Deus, revestido da veste nupcial. O neófito é admitido “ao festim das bodas do Cordeiro” e recebe o alimento da vida nova, o Corpo e o Sangue de Cristo. As Igrejas orientais mantêm uma consciência viva da unidade da iniciação cristã dando a Santa comunhão a todos os novos batizados e confirmados, mesmo às crianças. Lembrando-se da palavra do Senhor “Deixar vir a mim as crianças, não as impeçais” (Mc 10,14). A Igreja latina, que reserva a Santa comunhão aos que atingiram a idade da razão, exprime a abertura do Batismo para a Eucaristia aproximando do altar a criança recém-batizada para a oração do Pai-Nosso.

1245. A benção solene conclui a celebração do Batismo. Por ocasião do batismo de recém-nascidos, a benção da mãe ocupar um lugar especial.

IV. Quem pode receber o Batismo?

1246. “É capaz de receber o Batismo toda pessoa ainda não batizada, e somente ela.”[182]

O Batismo dos Adultos

1247. Desde as origens da Igreja, o Batismo dos adultos é a situação mais normal nas terras onde o anúncio do Evangelho é ainda recente. O catecumenato (preparação para o Batismo) ocupa então um lugar importante. Sendo iniciação à fé e à vida cristã, deve dispor para o acolhimento do Dom de Deus no Batismo, na Confirmação e na Eucaristia.

1248. O catecumenato, ou formação dos catecúmenos, tem por finalidade permitir a estes últimos, em resposta à iniciativa divina e em união com uma comunidade eclesial, que levem a conversão e a fé à maturidade. Trata-se de uma “formação à vida cristã integral(...) pela qual os discípulos são unidos a Cristo, seu mestre. Por isso, os catecúmenos devem ser iniciados (...)nos mistérios da salvação e na prática de uma vida evangélica, e introduzidos, mediante ritos sagrados celebrados em épocas sucessivas, na vida da fé, da liturgia e da caridade do povo de Deus”[183].

1249. Os catecúmenos “já estão unidos à igreja, já pertencem à casa de Cristo, não sendo raro levarem uma vida de fé, esperança e caridade”[184]. “A mãe Igreja já os envolve como seus em seu amor, cercando-os de cuidados.”[185]

O Batismo das crianças

1250. Por nascerem com uma natureza humana decaída e manchada pelo pecado original, também as crianças precisam do novo nascimento no Batismo[186], a fim de serem libertadas do poder das trevas e serem transferidas para o domínio da liberdade dos filhos de Deus[187], para o qual todos os homens são chamados. A gratuidade pura da graça da salvação é particularmente manifesta no Batismo das crianças. A Igreja e os pais privariam então a criança da graça inestimável de tornar-se filho de Deus se não lhe conferissem o Batismo pouco depois do nascimento[188].

1251. Os pais cristãos hão de reconhecer que esta prática corresponde também à sua função de alimentar a vida que Deus confiou a eles[189].

1252. A prática de batizar as crianças é uma tradição imemorial da Igreja. É atestada explicitamente desde o século II. Mas é bem possível que desde o início da pregação apostólica, quando “casas” inteiras receberam o batismo[190], também se tenha batizado as crianças[191].

Fé e Batismo

1253. O batismo é o sacramento da fé[192]. Mas a fé tem necessidade da comunidade dos crentes. Cada um dos fiéis só pode crer dentro da fé da Igreja. A fé que se requer para o Batismo não é uma fé perfeita e madura, mas um começo, que deve desenvolver-se. Ao catecúmeno ou a seu padrinho é feita a pergunta: “Que pedis à Igreja de Deus?”. Ele responde: “A fé!”.

1254. Em todos os batizados, crianças ou adultos, a fé deve crescer após o Batismo. É por isso que a Igreja celebra cada ano, na noite pascal, a renovação das promessas batismais. A preparação para o Batismo leva apenas ao limiar da vida nova. O Batismo é a fonte da vida nova em Cristo, fonte esta da qual brota toda a vida cristã

---

[180] Cf. Gl 3,27.
[181] Cf. Fl 2,15.
[182] CIC, cân. 864; CCEO, cân. 679.
[183] AG 14 ; cf. OICA 19 e 98.
[184] AG 14.
[185] LG 14: AAS 57 (1965) 19; cf. CIC, cân.206.788.
[186] Cf. DS 1514.
[187] Cf. Cl 1,12-14.
[188] Cf. CIC,cân.867; CCEO, cân. 686,1.
[189] Cf. LG 11:AAS 57 (1965) 15-16; ibid.41: AAS 57 (1965) 47; GS 48; AAS 58 (1966) 1067-1069; CIC cân. 774,2.1136.
[190] Cf. At 16,15.33; 18,8; 1cor 1,16.
[191] Cf. CDF, Pastoralis acti: AAS 72(1980), 1137-115b.
[192] Cf. Mc 16,16

1255. Para que a graça batismal possa desenvolver-se, é importante a ajuda dos pais. Este é também o papel do padrinho ou da madrinha, que devem ser cristãos firmes, capazes e prontos a ajudar o novo batizado, criança ou adulto, em sua caminhada na vida cristã[193]. A tarefa deles é uma verdadeira função eclesial ("officium"[194]). A comunidade eclesial inteira tem uma parcela de responsabilidade no desenvolvimento e na conservação da graça recebida no Batismo.

V. Quem pode batizar?

1256. São ministros ordinários do batismo o Bispo e o presbítero e, na Igreja latina, também o diácono[195]. Em caso de necessidade, qualquer pessoa mesmo não batizada, que tenha a intenção exigida, pode batizar[196], utilizando a fórmula batismal trinitária. A intenção requerida é querer fazer o que a Igreja faz quando batiza. A igreja vê a razão desta possibilidade na vontade salvífica universal de Deus[197] e a necessidade do Batismo para a salvação[198].

VI. A necessidade no Batismo

1257. O Senhor mesmo afirma que o Batismo é necessário para a salvação[199]. Também ordenou a seus discípulos que anunciassem o Evangelho e batizassem todas as nações[200]. O batismo é necessário, para a salvação, para aqueles aos quais o Evangelho foi anunciado e que tiveram a possibilidade de pedir este sacramento[201]. A Igreja não conhece outro meio senão o Batismo para garantir a entrada na bem-aventurança eterna; é por isso que cuida de não negligenciar a missão que recebeu do Senhor, de fazer "renascer da água e do Espírito" todos aqueles que podem ser batizados. Deus vinculou a salvação ao sacramento do Batismo, mas ele mesmo não está vinculado a seus sacramentos.

1258. Desde sempre, a Igreja mantém a firme convicção de que as pessoas que morrem em razão da fé, sem terem recebido o Batismo, são batizadas por sua morte por e com Cristo. Este Batismo de sangue, como o desejo do Batismo, acarreta os frutos do Batismo, sem ser sacramento.

1259. Para os catecúmenos que morrem antes de seu Batismo, seu desejo explícito de recebe-lo, juntamente com o arrependimento de seus pecados e a caridade, garante-lhes a salvação que não puderam receber pelo sacramento.

1260. "Sendo que Cristo morreu por todos e que a vocação última do homem é realmente uma só, a saber, divina, devemos sustentar que o Espírito Santo oferece a todos, sob forma que só Deus conhece a possibilidade de se associarem ao Mistério Pascal"[202].

Todo homem que, desconhecendo o Evangelho de Cristo e sua Igreja, procura a verdade e pratica a vontade de Deus segundo seu conhecimento dela pode ser salvo. Pode-se supor que tais pessoas teriam desejado explicitamente o Batismo se tivessem tido conhecimento da necessidade dele.

1261. Quanto às crianças mortas sem Batismo, a igreja 'só pode confia-las à misericórdia de Deus, como faz n tiro das exéquias por elas. Com efeito, a grande misericórdia de Deus "que quer que todos o homens se salvem"(1Tm 2,4), e a ternura de Jesus para com as crianças, que o levou a dizer "Deixai as crianças virem a mim, não as impeçais" (Mc 10,14), nos permitem esperar que haja um caminho de salvação para as crianças mortas sem Batismo. Eis por que é tão premente o apelo da Igreja de não impedir as crianças de virem a Cristo pelo Dom do santo Batismo.

VII. A graça do Batismo

1262. Os diferentes efeitos do Batismo são significados pêlos elementos sensíveis do rito sacramental. O mergulho na água faz apelo ao simbolismo da morte e da purificação, mas também da regeneração e da renovação. Os dois efeitos principais são, pois, a purificação pecados e o novo nascimento no Espírito Santo[203].

PARA A REMISSÃO DOS PECADOS...

1263. Pelo Batismo, todos os pecados são perdoados: o pecado original e todos os pecados pessoais, bem como todas as penas do pecado[204]. Com efeito, naqueles que foram regenerados não resta nada que os impeça de entrar no Reino de Deus: nem o pecado de Adão, nem o pecado pessoal, nem as seqüelas do pecado, das quais a mais grave é a separação de Deus.

1264. No batizado, porém, certas conseqüências temporais dos pecado permanecem, tais como os sofrimentos, a doença, a morte ou as fragilidade inerentes à vida, como as fraquezas de caráter etc.,assim como a propensão ao pecado, que a Tradição chama de

---

[193] Cf. CIC, cân. 872-874.
[194] Cf. SC 67.
[195] Cf. CIC, cân 861,1; CCEO cân. 677,1.
[196] Cf. CIC, cân. 861,2.
[197] Cf.1Tm 2,4.
[198] Cf. Mc 16,16.
[199] Cf. Jo 3,5.
[200] Cf. Mt 28,19-20; cf. DS 1618; LG 14; AG 5
[201] Cf. Mc 16,16.
[202] GS 22; cf. LG 16; AG7
[203] Cf. At 2,38; Jo 3,5.
[204] Cf. DS 1316.

concupiscência ou, metaforicamente, o "incentivo do pecado"("fomes peccati"): "Deixada para os nossos combates, a concupiscência não é capaz de prejudicar aqueles que, não consentindo nela, resistem com coragem pela graça de Cristo. Mas ainda: "um atleta não recebe a coroa se não lutou segundo as regras"(2Tm 2,5)"[205].

Uma Criatura Nova

1265. O Batismo não somente purifica de todos os pecados, mas também faz do neófito "uma criatura nova"[206] , um filho adotivo de Deus[207] que se tornou "participante da natureza divina "[208], membro de Cristo[209] e co-herdeiro com ele[210], templo do Espírito Santo[211].

1266. A Santíssima Trindade dá ao batizado a graça santificante, a graça da justificação, a qual torna-o capaz de crer em Deus, de esperar nele e de amá-lo por meio das virtudes teologais; concede-lhe o poder de viver e agir sob a moção do Espírito Santo por seus dons; permite-lhe crescer no bem pelas virtudes morais. Assim, todo o organismo da vida sobrenatural do cristão tem sua raiz no santo Batismo.

Incorporados á igreja, Corpo de Cristo

1267. O Batismo faz-nos membros do Corpo de Cristo. "Somos membros uns dos outros" (Ef 4,25). O Batismo incorpora á Igreja. Das fontes batismais nasce o único povo de Deus da nova aliança, que supera todos os limites naturais ou humanos das nações, das culturas, das raças e dos sexo: "Fomos todos batizados num só Espírito para sermos um só corpo" (1Cor 12,13).

1268. Os batizados tornaram-se "pedras vivas "para a construção de um edifício espiritual, para um sacerdócio santo" (1 Pd 2,5). Pelo Batismo, participam do sacerdócio de Cristo, de sua missão profética e régia; "sois a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa. O povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa" (1 Pd 2,9). O batismo faz participar do sacerdócio comum dos fiéis.

1269. Feito membro da Igreja, o batizado não pertence mais a si mesmo[212], mas aquele que morreu e ressuscitou por nós[213]. Logo, é chamado a submeter-se aos outros [214], a servi-los[215] na comunhão da Igreja, a ser "obediente e dócil" aos chefes da Igreja[216] e a considera-los com respeito e afeição[217]. Assim como o Batismo é a fonte de responsabilidade e de deveres o batizado também goza de direitos dentro da Igreja: de receber os sacramentos, de ser alimentado com a palavra de Deus e de ser sustentado pelos outros auxílios espirituais da Igreja[218]. "Tornados filhos de Deus pela regeneração (batismal), (os batizados) são obrigados a professar diante dos homens a fé que pela Igreja receberam de Deus"[219] e a participar da atividade apostólica e missionária do povo de Deus"[220].

O vínculo sacramental da unidade dos cristãos

1271. O Batismo constitui o fundamento da comunhão entre todos os cristãos, também com os que ainda não estão em comunhão plena com a Igreja católica: "Com efeito, aqueles que crêem em Cristo e foram validamente batizados acham-se em certa comunhão, embora não perfeita com a Igreja católica. (...) Justificados pela fé no Batismo, são incorporados a Cristo e, por isso, com razão, são honrados com o nome de cristãos e merecidamente reconhecidos pelos filhos da Igreja católica como irmãos no Senhor"[221]. O Batismo, pois, constitui o vínculo sacramental da unidade que liga todos os que foram regenerados por ele."[222].

Um Sinal Espiritual Indelével...

1272. Incorporado em Cristo pelo Batismo, o batizado é configurado a Cristo[223]. O Batismo sela o cristão com um sinal espiritual indelével ("character") de sua pertença a Cristo. Pecado algum apaga esta marca, se bem que possa impedir o Batismo de produzir frutos de salvação[224]. Dados uma vez por todas, o Batismo não pode ser reiterado.

---

[205] Conc. de trento: DS 1515.
[206] Cf. 2Cor 5,17.
[207] Cf. Gl 4,5-7.
[208] Cf. 2Pd 1,4.
[209] Cf. 1Cor 6,15; 12,27.
[210] Cf. Rm 8,17
[211] Cf. 1Cor 6,19
[212] Cf. 1Cor 6,19.
[213] Cf. 2Cor 5,15.
[214] Cf. Ef 5,21; 1Cor 16,15-16.
[215] Cf. Jo 13,12-15.
[216] Cf. Hb 13,17.
[217] Cf. 1Ts 5,12-13
[218] Cf. LG 37; CIC, cân 208-223; CCEO, cân. 675,2.
[219] LG 11.
[220] Cf. LG 17; AG 7,23.
[221] UR 3.
[222] UR 22.
[223] Cf. Rm 8,29.
[224] Cf. DS 1609-1619.

1273. Incorporados à Igreja pelo Batismo, os fiéis receberam o caráter sacramental que os consagra para o culto religioso cristão[225]. O selo batismal capacita e compromete os cristãos a servirem a Deus em uma participação viva na sagrada liturgia da Igreja e a exercerem seu sacerdócio batismal pelo testemunho de uma vida santa e de uma caridade eficaz[226]. O "selo do Senhor"("Dominicus character "[227]) é o selo com o qual o Espirito Santo nos marcou "para o dia da redenção" (EF 4,30)[228]. " O Batismo, com efeito, é o selo da vida eterna"[229]. O fiel que tiver "guardado o selo" até o fim, isto é que tiver permanecido fiel às exigências de seu Batismo, poderá caminhar "marcado pelo sinal da fé"[230], com a fé de seu Batismo, à espera da visão feliz de Deus – consumação da fé – e na esperança da ressurreição.

Resumindo

1275. A iniciação cristã realiza-se pelo conjunto de três sacramentos: o Batismo, que é o início da vida nova ; a confirmação, que é sua consolidação e a Eucaristia, que alimenta o discípulo com o Corpo e o Sangue de Cristo em vista de sua transformação nele.

1271 1276. Ide portando, e fazei que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo quanto vos ordenei" (MT 28,19-20).

1277, O Batismo constitui o nascimento para a vida nova em Cristo. Segundo a vontade do Senhor, ele é necessário para a salvação, como a própria Igreja, na qual o Batismo introduz.

1278. O rito essencial doa Batismo consiste em mergulhar na água o candidato ou em derramar água sobre sua cabeça, pronunciando a invocação da Santíssima Trindade, isto é, do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

1279. O fruto do Batismo ou graça batismal é uma realidade rica que comporta: a remissão do pecado original e de todos os pecados pessoais; o nascimento para a vida nova, pelo qual o homem se torna filho adotivo do Pai. membro de Cristo, templo do Espírito Santo. Com isto mesmo, o batizado é incorporado à Igreja, corpo de Cristo, e se torna participante do sacerdócio de Cristo.

1280. O batismo imprime na alma um sinal espiritual indelével, o caráter, que consagra o batizado ao culto da religião cristã. Em razão do caráter, o Batismo não pode ser reiterado[231]. 1281. Os que morrem por causa da fé, os catecúmenos e todos os homens que, sob o impulso da graça, sem conhecerem a Igreja, procuram com sinceridade a Deus e se esforçam por cumprir a vontade dele podem ser salvos, mesmo que não tenham recebido o Batismo[232]. 1282. Desde os tempos mais antigos, o Batismo é administrado às crianças, pois é uma graça e um Dom de Deus que não supõe méritos humanos; as crianças são batizadas na fé da Igreja. A entrada n vida cristã dá acesso a verdadeira liberdade.

1283. Quanto às crianças mortas sem Batismo, a liturgia da Igreja convida-nos a Ter confiança na misericórdia divina e a orar pela salvação delas. 1284. Em caso de necessidade, qualquer pessoa pode batizar, desde que tenha intenção de fazer o que faz a Igreja. E que derrame água sobre a cabeça do candidato dizendo: " Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

ARTIGO 2

O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO

1285. Juntamente com o Batismo e a Eucaristia, o sacramento da Confirmação constitui o conjunto dos "sacramentos da iniciação cristã" cuja unidade deve ser salvaguardada. Por isso, é preciso explicar aos fiéis que a recepção deste sacramento é necessária à consumação da graça batismal[233]. Com efeito, "pelo sacramento da confirmação (os fiéis) são vinculados mais perfeitamente à Igreja, enriquecidos de força especial do Espírito Santo, e assim mais estritamente obrigados à fé que, como verdadeiras testemunhas de Cristo, devem difundir e defender tanto por palavras como por obras"[234].

I.A confirmação na economia da salvação

1286. No antigo Testamento os profetas anunciaram que o Espírito do Senhor repousaria sobre o Messias esperado[235] em vista de sua missão salvífica[236]. A descida do espírito Santo sobre Jesus por ocasião de seu Batismo por João Batista foi o sinal de que era Ele quem devia vir, que Ele era o Messias, o Filho de Deus [237]. Concebido do Espírito Santo,

---

[225] Cf. LG 11.
[226] Cf. LG 10.
[227] Sto. Agostinho, Ep 98,5: PL 33,362.
[228] Cf. Ef 1,13-14;2Cor 1,21-22.
[229] Sto.Irineu,Dem. Ap.,3.
[230] MR, Cânon Romano 97.
[231] Cf. DS 1609 e 1624.
[232] CF. LG 16.
[233] Cf. OCF, praenotanda 1.
[234] Cf. LG 11; OCF, praenotanda 2.
[235] Cf. Is 11,2.
[236] Cf. Lc 4,16-22; Is 6,11.
[237] Cf. Mt 3,13-17; Jo 1,33-34.

toda a sua vida e toda sua missão se realizam em uma comunhão total com o mesmo Espírito, que o Pai lhe dá "sem medida"(Jo 3,34).

1287. Ora, esta plenitude do Espírito não devia ser apenas a do Messias; devia ser comunicada a todo o povo messiânico[238]. Por várias vezes Cristo prometeu esta efusão do Espírito[239], promessa que realizou primeiramente no dia da Páscoa [240] e em seguida, de maneira mais marcante, no dia de Pentecostes[241]. Repletos do Espírito Santo, os apóstolos começam a proclamar "as maravilhas de Deus" (At 2,11), e Pedro começa a declarar que esta efusão do Espírito é o sinal dos tempos messiânicos[242]. Os que então creram na pregação apostólica e que se fizeram batizar também receberam o Dom do Espírito Santo[243].

1288. "Desde então, os apóstolos, para cumprir a vontade de Cristo, comunicaram aos neófitos, pela imposição das mãos, o Dom do Espírito que leva a graça do batismo à sua consumação [244]. É por isso que na Epístolas aos hebreus ocupa um lugar, entre os elementos da primeira instrução cristã, a doutrina sobre os batismos e também sobre a imposição das mãos[245]. A imposição das mãos é com razão reconhecida pela tradição católica como a origem do sacramento da Confirmação que perpetua, de certo modo, na Igreja, a graça de Pentecostes"[246].

1289. Bem cedo, para melhor significar o Dom do Espírito Santo, acrescentou-se à imposição das mãos uma unção com óleo perfumado (crisma). Esta unção ilustra o nome de "cristão", que significa üngido"e que deriva a sua origem do próprio nome do Cristo, ele que "Deus ungiu com o Espírito Santo" (At 10,38). E este rito de unção existe até os nossos dias, tanto no Oriente como no Ocidente. Por isso, no Oriente, este sacramento é chamado Crismação, unção com crisma, ou nýron, que significa "crisma". No Ocidente, o termo Confirmação sugere que este sacramento, ao mesmo tempo, confirma o Batismo e consolida a graça batismal.

Duas Tradições: o Oriente e o Ocidente

1290. Nos primeiros séculos, a confirmação constitui em geral uma só celebração com o Batismo, formando com este, segundo a expressão de S.Cipriano, um "sacramento duplo"[247]. Entre outros motivos, a multiplicação dos batizados de crianças – e isto ao longo do ano todo – e a multiplicação das paróquias (rurais),(multiplicação) que amplia as dioceses, não permitem mais a presença do Bispo em todas as celebrações batismais. No Ocidente, visto que se deseja reservar ao Bispo a complementação do Batismo, se instaura a separação dos dois sacramentos em dois momentos distintos. O Oriente manteve juntos os dois sacramentos, tanto que a Confirmação é ministrada pelo presbítero que batiza. Todavia, este não o pode fazer senão com o "mýron" consagrado por um Bispo[248].

1291. Um costume da Igreja de Roma facilitou o desenvolvimento da prática ocidental graças a uma dupla unção com o santo crisma depois do Batismo: realizada já pelo presbítero sobre o neófito, ao sair este do banho batismal, ela é terminada por uma Segunda unção, feita pelo Bispo na fronte de cada um dos novos batizados[249]. A primeira unção com o santo crisma, a que é data pelo presbítero, permaneceu ligada ao rito batismal; ela significa a participação nas funções profética, sacerdotal e régia de Cristo. Se o Batismo é conferido a uma adulto, há uma só unção pós-batismal, a da confirmação.

1292 A prática da Igreja do Oriente sublinha mais a unidade da iniciação cristã. A Igreja latina exprime mais nitidamente a comunhão do novo cristão com seu Bispo, garante e servo da unidade de sua Igreja, de sua catolicidade de apostolicidade, e, com isto, o vínculo com as origens apostólicas da Igreja de Cristo.

II Os sinais e o rito da Confirmação

1293. No rito deste sacramento convém considerar o sinal da unção e aquilo que a unção designa e imprime: o selo espiritual. A unção, no simbolismo bíblico e antigo, é rica de significados: o óleo é sinal de abundância[250] e de alegria[251], ele purifica (unção antes e depois do banho) e torna ágil (unção dos atletas e dos lutadores), é sinal de cura, pois ameniza as contusões e as feridas[252], e faz irradiar beleza, saúde e força.

1294. Todos os significados da unção com óleo voltam a encontrar-se na vida sacramental. A unção, antes do Batismo, com o óleo dos catecúmenos significa purificação e fortalecimento; a unção dos enfermos exprime a cura e o reconforto. A unção com o santo crisma depois do Batismo na Confirmação e na Ordenação, é o sinal de uma consagração.

---

[238] Cf. Ez 36,25-27; Gl 3,1-2.
[239] Cf. Lc 12,12; Jo 3,5-8; 7,37-39; 16,7-15; At 18.
[240] Cf. Jo 20,22.
[241] Cf. At 2,1-4.
[242] Cf. At 2,17-18.
[243] Cf. At. 2,38.
[244] Cf. At 8,15-17; 19,5-6.
[245] Cf. Hb 6,2.
[246] Paulo VI, const. ap. Divinae consortium naturae.
[247] Cf. S.Cipriano, Epistola 73,21: CSEL 3/2,795 (PL 3,1169).
[248] Cf. CCEO, cân. 695,1; 696,1.
[249] Cf. Sto. Hipólito, tradap.21
[250] Cf. Dt 11,14 etc.
[251] Cf Sl 23,5;104,15.
[252] Cf Is 1,6; Lc 10,34.

Pela Confirmação, os cristãos isto é. Os que são ungidos, participam mais intensamente da missão de Jesus e da plenitude do Espírito Santo, de que Jesus é cumulado a fim de que toda a vida deles exale "o bom odor de Cristo"[253].

1295. Por esta unção, o confirmando recebe "a marca", o selo do Espírito Santo. O selo é o símbolo da pessoa[254], sinal de sua autoridade[255], de sua propriedade sobre um objeto[256] - assim, os soldados eram marcados com o selo de seu chefe, e os escravos com o de seu proprietário; o selo autentica um ato jurídico [257] ou um documento[258] e o torna eventualmente secreto[259].

1296. Cristo mesmo se declara marcado como selo de seu Pai[260]. Também o cristão está marcado por um selo: "Aquele que nos fortalece convosco em Cristo e nos dá a unção é Deus, o qual nos marcou com um selo e colocou em nossos corações o penhor do Espírito" (2 Cor 1,21-22)[261]. Este selo do Espírito Santo marca a pertença total a Cristo, o colocar-se a seu serviço, para sempre, mas também a promessa da proteção divina na grande provação escatológica[262].

A Celebração da Confirmação

1297. Um momento importante que antecede a celebração da Confirmação, mas que, de certo modo faz parte dela, é a consagração do santo crisma. É o Bispo que, na Quinta-Feira Santa, durante a missa do crisma, consagra o santo crisma para toda a diocese. Nas Igrejas do Oriente, esta consagração é até reservada ao patriarca: a liturgia de Antioquia exprime assim a epiclese da consagração do santo crisma(mýron): (Pai...enviai o vosso Espírito Santo) sobre nós e sobre este óleo que está diante de nós e consagrai-o, a fim de que seja para todos os que forem ungidos e marcados por ele: mýron santo, mýron sacerdotal, mýron régio, unção de alegria, a veste da luz, o manto da salvação, o Dom espiritual, a santificação das almas dos corpos, a felicidade imperecível, o selo indelével, o escudo da fé e o capacete terrível contra todas as obras do adversário[263].

1298. Quando a Confirmação é celebrada em separado do Batismo, como ocorre no rito romano, a liturgia do sacramento começa com a renovação das promessas do Batismo e com a profissão de fé dos confirmados. Assim aparece com clareza que a Confirmação se situa na seqüência do Batismo[264]. Quando um adulto é batizado, recebe imediatamente a Confirmação e participa da Eucaristia[265].

1299. No rito romano, o Bispo estende as mãos sobre o conjunto dos confirmados, gesto que, desde o tempo dos Apóstolos, é o sinal do Dom do Espírito. Cabe ao Bispo invocar a efusão do Espírito: Deus todo-poderoso, Pai de

Nosso Senhor Jesus Cristo, que pela água e pelo Espírito Santo fizestes renascer estes vossos servos, libertando-os do pecado, enviai-lhes o Espírito Santo Paráclito; daí-lhes, Senhor, o Espírito de sabedoria e inteligência, o espírito de conselho e fortaleza, o espírito da ciência e piedade, e enchei-os do espírito de vosso temor. Por Cristo Nosso Senhor.[266].

1300. Segue-se o rito essencial do sacramento. No rito latino, "o sacramento da Confirmação é conferido pela unção do santo crisma na fronte, feita com a imposição da mão, e por estas palavras: 'Accipe signaculum doni Spiritus Sancti'[267], 'N, recebe, por este sinal, o selo do Espírito Santo, o Dom de Deus'''[268]. Nas Igrejas orientais de rito bizantino, a unção do púpov faz-se depois de uma oração de epiclese sobre as partes mais significativas do corpo: a fronte, os olhos, o nariz, os ouvidos, os lábios, o peito, as costas, as mãos e os pés, sendo cada unção acompanhada da fórmula: Eqpxyís Ewpeãs Iiveúwxtos 'ayíov'[269], "Selo do Dom do Espírito Santo".

1301. O ósculo da paz, que encerra o rito do sacramento, significa e manifesta a comunhão eclesial com o Bispo e com todos os fiéis[270].

III. Os efeitos da Confirmação

1302. Da celebração ressalta que o efeito do sacramento da Confirmação é a efusão especial do Espírito Santo, como foi outorgado outrora aos apóstolos no dia de Pentecostes.

1303. Por isso, a confirmação produz crescimento e aprofundamento da graça batismal:

enraíza-nos mais profundamente na filiação divina, que nos faz dizer "Abba, Pai" (Rm 8,15);

---

[253] Cf. 2Cor 2,15.
[254] Cf. Gn 38,18;Ct 8,6.
[255] Cf. Gn 41,42.
[256] Cf. Dt 32,34.
[257] Cf. 1Rs 21,8.
[258] Cf. Jr 32,10.
[259] Cf. Is 29,11.
[260] Cf. Jo 6,27.
[261] Cf. Ef 1,3; 4,30.
[262] Cf. Ap 7,2-3;9.4; Ez 9,4-6.
[263] Pontificale iuxta ritum Ecclesiae Syrorum Occidentalium id est Antiochiae, Parte 1, versão latina Tipografia Poliglota Vaticana, 1941, app 36-37.
[264] Cf. SC 71.
[265] Cf. CIC, cân. 866
[266] Pontifical Romano, rito da Confirmação, 25.
[267] Paulo VI, const, ap Divinae consortium naturae.
[268] Paulo VI, const. ap. Divinae consortium naturae.
[269] Rituale per le Chiese orientali di rito bizantino in lingua greca, Pars 1, Libreria Editrice Vaticana, 1954, p.36.
[270] Cf. S. Hipólito, trad. Ap.,21

une-nos mais solidamente a Cristo;

aumenta em nós os dons do Espírito Santo;

torna mais perfeita nossa vinculação com a Igreja[271],

dá-nos uma força especial do Espírito Santo para difundir e defender a fé pela palavra e pela ação, como verdadeiras testemunhas de Cristo, para confessar com valentia o nome de Cristo e para nunca sentir vergonha em relação à cruz[272]:

Lembra-se, portanto, de que recebeste o sinal espiritual, o Espírito Santo de sabedoria e de inteligência, o Espírito de conselho e força, o Espírito de conhecimento e de piedade, o Espírito do santo temor, e conserva o que recebeste. Deus Pai te marcou com o sinal de, Cristo Senhor te confirmou e colocou em teu coração o penhor do Espírito[273].

1304. Como o Batismo, do qual é consumação, a Confirmação é dada uma só vez, pois imprime na alma uma marca espiritual indelével, o "caráter"[274], que é o sinal de que Jesus Cristo assinalou um cristão com o selo de se Espírito, revestindo-o da força do alto para ser sua testemunha[275].

1305. O "caráter" aperfeiçoa o sacerdócio comum dos fiéis, recebido no Batismo, e "o confirmado recebe o poder de confessar a fé de Cristo publicamente, e como que em virtude de um ofício (quasi ex-officio)"[276].

IV. Quem pode receber este sacramento?

1306. Todo o batizado ainda não confirmado pode e deve receber o sacramento da Confirmação[277]. Pelo fato de o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia formarem uma unidade, segue-se que "os fiéis têm a obrigação de receber tempestivamente esse sacramento"[278], pois sem a Confirmação e a Eucaristia, o sacramento do Batismo é sem dúvida válido e eficaz, mas a iniciação cristã permanece inacabada.

1307. O costume latino há séculos indica "a idade da razão" como ponto de referência para receber a Confirmação

Todavia, em perigo de morte deve-se confirmar as crianças, mesmo que ainda não tenham atingido o uso da razão[279].

1308. Se às vezes se fala da Confirmação como o "sacramento da maturidade cristã", nem por isso se deve confundir a idade adulta da fé com a idade adulta do crescimento natural, nem esquecer que a graça batismal é uma graça de eleição gratuita e imerecida que não precisa de uma "ratificação" para tornar-se efetiva. Sto. Tomás recorda isto:

A idade do corpo não constitui um prejuízo para a alma. Assim, mesmo na infância, o homem pode receber a perfeição da idade espiritual da qual fala o livro Sabedoria (4,8): "velhice venerável não e longevidade, nem é medida pelo número de anos". Assim é que muitas crianças graças a força do Espírito Santo que haviam recebido,

lutaram corajosamente e até os sangue por Cristo [280].

1309. A preparação para a Confirmação deve visar conduzir o cristã a uma união mas intima com o Cristo, a uma familiaridade mas intensa com o Espírito Santo, sua ação, seus dons e seus chamados, afim de poder assumir melhor as responsabilidades apostólicas da vida cristã. Por isso, a catequese da confirmação se empenhará em despertar o senso da pertença a Igreja de Jesus Cristo, tanto, á Igreja universal como á comunidade paroquial.

Esta última tem uma responsabilidade peculiar na preparação dos confirmandos[281].

1310. Para receber a Confirmação é preciso estar em estudo de graça. Convém recorrer ao sacramento da Penitência para ser purificado em vista do Dom do Espírito Santo. Uma oração mais intensa deve preparar para receber com docilidade e disponibilidade a força e as graças do Espírito Santo[282].

1311. Para a Confirmação, como para o Batismo, convém que os candidatos procurem a ajuda espiritual de um padrinho ou de uma madrinha. Convém que seja o mesmo do Batismo, a fim de marcar bem a unidade dos dois sacramentos[283].

V. O ministro da confirmação

1312. O ministro originário da Confirmação é o Bispo[284]. No Oriente, é normalmente o presbítero batizante que também ministra imediatamente a Confirmação em uma única e mesma celebração. mas o faz com o santo crisma consagrado pelo patriarca ou pelo Bispo, o que exprime a unidade apostólica da Igreja, cujos vínculos são reforçados pelo

---

[271] Cf. LG 11.
[272] Cf. DS 1319; LG 11;12.
[273] S.to Ambrósio, De myst. 7,42: PL 16,402-403.
[274] Cf. DS 1609.
[275] Cf. Lc 24,48-49.
[276] Sto. Tomás de Aquino, S. Th. III,72,5 ad 2.
[277] Cf. CIC, cân. 889, 1.
[278] CIC, cân. 890.
[279] Cf. CIC, cân 891; 883,3.
[280] Sto. Tomás de Aquino, S. Th. III, 72,8,ad 2.
[281] Cf. OCF praenotanda 3.
[282] Cf. At 1,14.
[283] Cf. OCF, praenotanda 5;6; CIC cân.893,1.2.
[284] Cf. LG 26.

sacramento da Consagração. Na Igreja latina aplica-se a mesma disciplina nos batizados de adultos

ou quando se admite à comunhão plena com a Igreja um batizado de outra comunidade cristã que não recebeu validamente o sacramento da Confirmação[285].

1313. No rito latino, o ministro ordinário da confirmação é o Bispo[286]. Embora o Bispo possa, quando houver necessidade, conceder aos presbíteros a faculdade de administrar a Confirmação[287], é conveniente que ele mesmo o confira, não esquecendo que é por este motivo que a celebração da Confirmação foi separada temporalmente do Batismo. Os Bispos são os sucessores dos Apóstolos, receberam a plenitude do sacramento da Ordem. A administração deste sacramento pêlos Bispos marca bem que ele tem como efeito unir aqueles que o receberam mais intimamente à Igreja, às suas origens apostólicas e à sua missão de dar testemunho de Cristo.

1314. Se um cristão estiver em perigo de morte, todo presbítero pode dar-lhe a Confirmação[288]. Com efeito, a Igreja não quer que nenhum de seus filhos, mesmo se de tenra idade, deixe este mundo sem Ter-se tornado perfeito pelo Espírito Santo com o Dom da plenitude de Cristo.

Resumindo

1315. "Tendo ouvido que a Samaria acolhera a palavra de Deus, os Apóstolos, que estavam em Jerusalém, enviaram-lhes Pedro e João. Estes, descendo até lá, oraram por eles, a fim de que recebessem o Espírito Santo. Pois ele ainda não descera sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em nome do Senhor Jesus. Então começaram a impor-lhes as mãos, e eles recebiam o Espírito Santo" (At 8,14-17).

1316, A Confirmação aperfeiçoa a graça batismal; é o sacramento que dá o Espirito Santo para enraizar-nos mais profundamente na filiação divina, incorporar-nos mais firmemente a Cristo, tornar mais sólida a nossa vinculação

com a Igreja, associar-nos mais à sua missão e ajudar-nos a dar testemunho da fé cristã pela palavra, acompanhada das obras.

1317. A Confirmação, como o Batismo, imprime na alma do cristão um sinal espiritual ou caráter indelével; razão pela qual só se pode receber este sacramento uma vez na vida.

1318. No Oriente, este sacramento é administrado imediatamente depois do batismo; é seguido da participação na Eucaristia, tradição que põe em destaque a unidade dos três sacramentos da iniciação cristã. Na Igreja latina administra-se este sacramento quando se atinge a idade da razão, e normalmente se reserva sua celebração ao Bispo significando assim que este sacramento corrobora o vínculo eclesial.

1319. Um candidato à Confirmação que tiver atingido a idade da razão deve professar a fé, estar em estado de graça, ter a intenção de receber o sacramento e estar preparado para assumir sua função de discípulo e de testemunha de Cristo, na comunidade eclesial e nas ocupações temporais.

1320. O rito essencial da Confirmação é a unção com o santo crisma na fronte do batizado (no Oriente, também sobre outros órgãos dos sentidos), com a imposição da mão do ministro e as palavras: "Accipe signaculum doni SpiritusSancti", "Recebe, por este sinal, o Dom do Espírito Santo", no rio romano, e "Signaculum doni Spiritus Sancti", "Selo do Dom do Espírito Santo", no rito bizantino,.

1321. quando a Confirmação é celebrada em separado do Batismo, sua vinculação com este é expressa, entre outras coisas, pela renovação dos compromissos batismais. A celebração da confirmação no decurso da Eucaristia contribui para sublinhar a unidade dos sacramentos da iniciação cristã.

ARTIGO 3

O SACRAMENTO DA EUCARISTIA

1322. A santa Eucaristia conclui a iniciação cristã. Os que foram elevados à dignidade do sacerdócio régio pelo Batismo e configurados mais profundamente a Cristo pela Confirmação, estes, por meio da Eucaristia, participam com toda a comunidade do próprio sacrifício do Senhor.

1323. "Na última ceia, na noite em que foi entregue, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de seu Corpo e Sangue. Por ele, perpetua pêlos séculos, até que volte, o sacrifício da cruz, confiando destarte à Igreja, sua dileta esposa, o memorial de sua morte e ressurreição: sacramento da piedade, sinal da unidade, vínculo da caridade, banquete pascal em que Cristo é recebido como alimento, o espírito é cumulado de graça e nos é dado o penhor da glória futura"[289].

I. A Eucaristia – fonte e ápice da vida eclesial

---

[285] Cf. CIC, cân. 883,2.
[286] Cf. CIC, cân. 882.
[287] Cf. CIC, cân. 884,2.
[288] Cf. CIC, cân. 883,3.
[289] SC 47.

1324. A Eucaristia é “fonte e ápice de toda a vida cristã”[290].“Os demais sacramentos, assim como todos ministérios

eclesiásticos e tarefas apostólicas, se ligam à sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Pois a santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa.”[291]

1325. “A comunhão de vida com Deus e a unidade do povo de Deu, pelas quais a Igreja é ela a mesma, a Eucaristia as significa e as realiza. Nela está o clímax tanto da ação pela qual, em Cristo, Deus santifica o mundo como do culto que no Espírito Santo os homens prestam a Cristo e, por ele, ao Pai.”[292]

1326. Finalmente, pela Celebração Eucarística já nos unimos à liturgia do céu e antecipamos a vida eterna, quando deus será tudo em todos (1Cor 15,28).

1327. Em sua palavra, a Eucaristia é o resumo e a suma de nossa fé “Nossa maneira de pensar concorda com a Eucaristia, e a Eucaristia, por sua vez, confirma nossa maneira de pensar”[293].

II. Como se chama este sacramento?

1328. A riqueza inesgotável deste sacramento exprime-se nos diversos nomes que lhe são dados. Cada uma destas designações evoca alguns de seus aspectos. Ele é chamado: Eucaristia, porque é a ação de graças a Deus. As palavras “eucharistein” (Lc 22,19.19; 1Cor 11,24) e “eulogein” (Mt 26,26; Mc 14,22) lembram as bênçãos judaicas que proclamam – sobretudo durante a refeição – as obras de Deus: a criação, a redenção e a santificação.

1329. Ceia do Senhor[294], pois se trata da ceia que o Senhor fez com seus discípulos na véspera de sua paixão, e da antecipação da ceia das bodas do cordeiro[295] na Jerusalém celeste. Fração do Pão, porque este rito, próprio da refeição judaica, foi utilizado por Jesus quando abençoava e distribuía o pão como presidente da mesa[296], sobretudo por ocasião da Última Ceia[297]. É por este gesto que os discípulos o reconhecerão após a ressurreição[298], e é com esta expressão que os primeiros cristãos designarão suas assembléias eucarísticas [299]. Com isso querem dizer que todos os que comem do único pão partido, Cristo, entram em comunhão com ele e já não formam senão um só corpo nele[300]. Assembléia eucarística (synaxxis, pronuncie “sináxis”), porque a Eucaristia é celebrada na assembléia dos fiéis, expressão visível da Igreja[301].

1330. Memorial da Paixão e da Ressurreição do Senhor. Santo Sacrifício, porque atualiza único sacrifício de Cristo Salvador e inclui a oferenda da Igreja; ou também santo sacrifício da Missa, “sacrifício de louvor”(Hb 13,15)[302], sacrifício espiritual[303], sacrifício puro[304] e santo, pois realiza e supera todos os sacrifícios da Antiga Aliança. Santa e divina Liturgia, porque toda a liturgia da Igreja encontra seu centro em sua expressão mais densa na celebração deste sacramento; é no mesmo sentido que se chama também celebração dos Santos Mistérios. Fala-se também do Santíssimo Sacramento, porque é o sacramento dos sacramentos. Com esta denominação designam-se as espécies eucarísticas guardadas no tabernáculo.

1331. Comunhão, porque é por este sacramento que nos unimos a Cristo, que nos torna participantes de seu Corpo e de seu Sangue para formamos um só corpo[305]; denomina-se ainda as “coisas santas: ta hagia (pronuncia-se “ta háguia” e significa “coisas santas”)[306] – este é o sentido primeiro da comunhão “comunhão dos santos” de que fala o Símbolo dos Apóstolos – pão dos anjos, pão do céu, remédio de imortalidade[307], viático...

1332. Santa Missa, porque a liturgia na qual se realizou o mistério da salvação termina com o envio dos fiéis (“missio, envio) para que cumpram a vontade de Deus em sua vida cotidiana.

III. A Eucaristia na economia da salvação

Os sinais do Pão e do Vinho

1333. Encontram-se no cerne da celebração da Eucaristia o pão e o vinho, os quais, pelas palavras de Cristo e pela invocação do Espírito Santo, se tornam o Corpo e o Sangue de Cristo. Fiel à ordem do Senhor, a Igreja continua fazendo, em sua memória, até a sua

---

[290] LG 11.
[291] PO 5.
[292] Congregação dos ritos instrução Eucharisticum mysterium, 6: AAS 69 (1967) 539-573.
[293] Sto. Irineu, ad. Haer. 4,18,5
[294] Cf 1Cor 11,20.
[295] Cf. AP 19,9.
[296] Cf. Mt 14,19; 15,36; Mc 8,6.19.
[297] Cf. Mt 26,26; 1Cor 11,24.
[298] Cf. Lc 24,13-35.
[299] Cf. At 2,42.46;20,7.11.
[300] Cf. 1Cor 10,16-17.
[301] Cf. 1Cor 11,17-34.
[302] Cf. Sl. 116,13.17.
[303] Cf. 1Pd 2,5.
[304] Cf. Mt 1,11
[305] Cf. 1Cor 10,16-17.
[306] Cf. Const. App. 8,13,12; SC 336,208 (Funk, Didascalia e Constitutiones Apostolorum 1,516); Didaché 9,5 SC 248,178 (Funk, Patres apostolici 1;22;22 Ibid 10,6 SC 248,180 (Funk, Patres apostolici 1,24).
[307] Sto. Inácio de Antioquia, Eph. 20,2.

volta gloriosa, o que fez na véspera de sua paixão; “Tomou o pão...” “Tomou o cálice cheio de vinho...” Ao se tornarem misteriosamente o Corpo e o Sangue de Cristo, os sinais do pão e do vinho continuam a significar também a bondade da criação. Assim no ofertório damos graças ao Criador pelo pão e pelo vinho[308], fruto “do trabalho do homem”, mas antes “fruto da terra” e “da videira”, dons do Criador. A Igreja vê neste gesto de Melquisedec, rei e sacerdote, que “trouxe pão e vinho” (Gn 14,18), uma prefiguração de sua própria oferta[309].

1334. Na antiga aliança, o pão e o vinho são oferecidos em sacrifício entre as primícias da terra, em sinal de reconhecimento ao Criador. Mas eles recebem também um novo significado no contexto do êxodo: os pães ázimos que Israel come cada ano na Páscoa comemoram a pressa da partida libertadora do Egito; a recordação do maná do deserto há de lembrar sempre a Israel que ele vive do pão da palavra de Deus[310]. Finalmente, o pão de todos os dias é o fruto da Terra Prometida, penhor da fidelidade de Deus às suas promessas. O “cálice de bênção”(1Cor 10,16), no fim da refeição pascal dos judeus, acrescenta à alegria festiva do vinho uma dimensão escatológica”da espera messiânica do restabelecimento de Jerusalém. Jesus instituiu sua Eucaristia dando um sentido novo e definitivo à benção do Pão e do Cálice.

1335. O milagre da multiplicação dos pães, quando o Senhor proferiu a bênção, partiu e distribuiu os pães a seus discípulos para alimentar a multidão, prefigura a superabundância deste único pão de sua Eucaristia[311]. O sinal da água transformada em vinho em Caná[312] já anuncia a hora da glorificação de Jesus. Manifesta a realização da ceia das bodas no Reino do Pai, onde os fiéis beberão o vinho novo[313], transformado no Sangue de Cristo.

1336. O primeiro anúncio da Eucaristia dividiu os discípulos, assim como o anúncio da paixão os escandalizou: “Essa palavra é dura! Quem pode escuta-la?” (Jo 6,60). A Eucaristia e a cruz são pedras de tropeço. É o mesmo mistério, e ele não cessa de ser ocasião de divisão. “Vós também quereis ir embora?” (Jo 6,67). Esta pergunta do Senhor ressoa através dos séculos como convite de seu amor a descobrir que só Ele tem “as palavras da vida eterna” (Jo 6,68) e que acolher na fé o Dom de sua Eucaristia é acolher a ele mesmo.

A Instituição da Eucaristia

1337. Tendo amado os seus, o Senhor amou-os até o fim. Sabendo que chegara a hora de partir deste mundo para voltar a seu Pai, no decurso de uma refeição lavou-lhes e deu-lhes o mandamento do amor[314]. Para deixar-lhes uma garantia deste amor, para nunca afastar-se dos seus e para fazê-los participantes de sua Páscoa, instituiu a Eucaristia como memória de sua morte e de sua ressurreição, e ordenou a seus apóstolos que a celebrassem até a sua volta “constituindo-os então sacerdotes do Novo Testamento”[315].

1338. Os três Evangelhos sinóticos e S. Paulo nos transmitiram o relato da instituição da Eucaristia; por sua vez, S. João nos relata as palavras de Jesus na sinagoga de Cafarnaum, palavras que preparam a instituição da eucaristia: Cristo designa-se como o pão da vida, descido do Céu [316].

1339. Jesus escolheu o tempo da Páscoa para realizar o que tinha anunciado em Cafarnaum: dar a seus discípulos seu Corpo e seu Sangue:

Veio o dia dos ázimos, quando devia ser imolada a páscoa. Jesus enviou então Pedro e João, dizendo: “Ide preparar-nos a Páscoa para comermos”.... Eles foram(...)e prepararam a Páscoa. Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: “Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer, pois eu vos digo que já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus”... E tomou um pão, deus graças, partiu-o e distribuiu-os a eles dizendo: “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória”. E, depois de comer, fez o mesmo com o cálice dizendo: “Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós” (Lc 22,7-20)[317].

1340. Ao Celebrar a Ultima Ceia com seus apóstolos durante a refeição pascal, Jesus deu seu sentido definitivo à páscoa judaica. Com efeito, a passagem de Jesus a seu Pai por sua Morte e Ressurreição, a Páscoa nova, é antecipada na ceia e celebrada na Eucaristia que realiza a Páscoa judaica e antecipa a Páscoa final da Igreja na glória do Reino.

“Fazei isto em memória de Mim”

1341. O mandamento de Jesus de repetir seus gestos e suas palavras “até que ele volte” não pede somente que se recorde de Jesus e do que ele fez. Visa à celebração litúrgica,

---

[308] Cf. SL 104,13-15.
[309] Cf. MR, Cânon Romano 95: “Supra quae”.
[310] Cf. Dt 8,3.
[311] Cf. MT 14,13-21; 15,32-39.
[312] Cf. Jo 2,11.
[313] Cf. Mc 14,25.
[314] Cf. Jo 13,1-17.
[315] Conc. de Trento: DS 1740.
[316] Cf. Jo 6.
[317] Cf. MT 26,17-29; Mc 14,12-25; 1Cor 11,23-25.

pêlos apóstolo e seus sucessores, do memorial de Cristo de sua vida, de sua Morte, de sua ressurreição e de sua intercessão junto ao Pai.

1342. Desde o inicio, a Igreja foi fiel ao mandato do Senhor. Da Igreja de Jerusalém se diz:

Eles eram perseverantes ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações.

(...) Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos mo templo e partiam o pão pelas casas, tomando o

alimento com alegria e simplicidade de coração (At 2,42.46).

1343. Era sobretudo "no primeiro dia da semana", isto é, no Domingo, o dia da Ressurreição de Jesus, que os cristãos se reuniam "para partir o pão"(At 20,7). Desde aqueles tempos até os nossos dias, a celebração da Eucaristia perpetuou-se, de sorte que hoje a encontramos em toda parte da Igreja, com a mesma estrutura fundamental. Ela continua sendo o centro da vida da Igreja.

1344. Assim de celebração em celebração, anunciando o Mistério Pascal de Jesus "até que ele venha" (1Cor 11,26)

o povo de Deus em peregrinação "avança pela porta estreita da cruz"[318] em direção ao banquete celeste, quando todos os eleitos se sentarão à mesa do Reino.

IV. A celebração litúrgica da Eucaristia

A missa de todos os séculos

1345. Desde os séculos II temos o testemunho de S. Justino Mártir sobre as grandes linhas do desenrolar da Celebração Eucarística, que permaneceram as mesmas até os nossos dias para todas as grandes famílias litúrgicas. Assim escreve, pelo ano de 155, para explicar ao imperador pagão Antônio Pio (138-161) o que os cristãos fazem:

"No dia 'do sol', como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades, quer dos campos. Lêem-se, na medida em que o tempo o permite, ora os comentários dos Apóstolos, ora os escritos dos Profetas. Depois, quando o leitor terminou, o que preside toma a palavra para aconselhar e exortar à – imitação de tão sublimes ensinamentos. A seguir pomo-nos todos de pé e elevamos nossas preces[319] por nós mesmos (...) e por todos os outros, onde quer que estejam, a fim de sermos de fato justos por nossa vida e por nossas ações, e fiéis aos mandamentos, para assim obtermos a salvação eterna. Quando as orações terminaram, saudamo-nos uns aos outros com um ósculo. Em seguida, leva-se àquele que Preside aos irmãos pão e vinho e um cálice de água e de vinho misturados. Ele os toma e faz subir louvor e Glória ao Pai do universo, no nome do Filho e do Espírito Santo e rende graças (em grego: eucharístia, que Significa 'ação de graças' longamente pelo fato de termos sido julgados dignos destes dons.

Terminadas as orações e as ações de graças, todo o povo presente prorrompe numa aclamação dizendo Amém.

Depois de o presidente Ter feito a ação de graças e o povo Ter respondido, os que entre nós se chamam diáconos distribuem a todos os que estão presentes pão, vinho e água 'eucaristizados' e levam (também) aos Ausentes"[320].

1346. A liturgia da Eucaristia desenrola-se segundo uma estrutura fundamental que se conservou ao longo dos séculos até nossos dias. Desdobra-se em dois grandes momentos que formam uma unidade básica:

a convocação, a Liturgia da Palavra, com as leituras, a homilia e a oração universal;

a Liturgia Eucarística, com a apresentação do pão e do vinho, a ação de graças consecratória e a comunhão.

Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística constituem juntas "um só e mesmo ato do culto"[321], com efeito, a mesa preparada para nós na Eucaristia é ao mesmo tempo a da Palavra de Deus e a do Corpo do Senhor[322].

1347. Por acaso não e exatamente esta a seqüência da Ceia Pascal de Jesus ressuscitado com seus discípulos? Estando a caminho explicou-lhes as Escrituras, e em seguida, colocando-se à mesa com eles, "tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e distribuiu-o a eles"[323].

A seqüência da celebração

1348. Todos se reúnem. Os cristãos ocorrem a um mesmo lugar para a Assembléia Eucarística, encabeçados pelo próprio Cristo, que é ator principal da Eucaristia. Ele é o sumo sacerdote da Nova Aliança. É ele mesmo quem preside invisivelmente toa celebração Eucarística. É representando-o que o Bispo ou o presbítero (agindo "em representação de

---

[318] AG 1.
[319] São Justino, Apol. 1,65: CA 1,184-186 (Pg 6,429).
[320] S. Justino, Apol, 1,65: CA 1,176-180 (PG 6,428).
[321] SC 56.
[322] Cf. DV 21.
[323] Cf. Lc 24,13-35,

Cristo-cabeça”) preside a assembléia, toma a palavra depois das leituras, recebe as oferendas e profere a oração eucarística. Todos têm sua parte ativa na celebração, cada uma a seu modo: os leitores, os que trazem as oferendas, os que dão a comunhão e todo o povo, cujo Amém manifesta a participação.

1349. A Liturgia da Palavra comporta “os escritos dos profetas” isto é, o antigo Testamento, e “as memórias dos Apóstolos”, isto é, as epístolas e os Evangelhos; depois da homilia, que exorta a acolher esta palavra como ela verdadeiramente é, isto é, como Palavra de Deus[324], e a pô-la em prática, vêm s intercessões por todos os homens, de acordo com a palavra do Apóstolo: “Eu recomendo, pois, antes de tudo, que se façam pedidos, orações, súplicas e ações de graças por todos os homens, pêlos reis e todos os que detêm a autoridade” (1 Tm 2,1-2).

1350. A apresentação das oferendas (o ofertório): trazemse então ao altar, por vezes em procissão, o pão e o vinho que serão oferecidos pelo sacerdote em nome de Cristo no Sacrifício Eucarístico e ali se tornarão o Corpo e o Sangue de Cristo. Este é o próprio gesto de Cristo na Última ceia, “tomando o pão e um cálice”. “ Esta oblação, só a Igreja a oferece, pura, ao criador, oferecendo-lhe com ação de graças o que provém de sua criação”[325]. A apresentação das oferendas ao altar assume o gesto de Melquisedec e entrega os dons do Criador nas mãos de Cristo. É ele que, em seu sacrifício, leva à perfeição todos os intentos humanos de oferecer sacrifícios.

1351. Desde os inícios, os cristãos levam, com o pão e o vinho para Eucaristia, seus dons para repartir com os que estão em necessidade. Este costume da coleta [326], sempre atual, inspira-se no exemplo de Cristo que se fez pobre para nos enriquecer [327].

Os que possuem bens em abundância e o desejam, dão livremente o que lhes parece bem, e o que se recolhe é entregue àquele que preside. Este socorre os órfãos e viúvas e os que, pôr motivo de doença ou qualquer outra razão, se encontram em necessidade, assim como os encarcerados e os imigrantes; numa palavra, ele socorre todos os necessitados[328].

1352. A anáfora. Com a Oração Eucarística, oração de ação de graças e de consagração, chegamos ao coração e ap ápice da celebração.

No prefácio, a Igreja rende graças ao Pai, pôr Cristo, no Espírito Santo, pôr todas as suas obras, pela criação, a redenção, a santificação.

Toda a comunidade junta-se então a este louvor incessante que a Igreja celeste, os anjos e todos os santos cantam ao Deus vezes santo.

1353. No epiclese ela pede ao Pai que envie seu Espírito Santo (ou o poder de sua bênção[329]) sobre o pão e o vinho, para que se tornem, pôr seu poder, o Corpo de Jesus Cristo, e para que aqueles que tomam parte na Eucaristia sejam um só corpo e um só espírito (certas tradições litúrgicas colocam a epiclese depois da anamnese).

No relato da instituição, a força das palavras e da ação de Cristo e o poder do Espírito Santo tornam sacramentalmente presentes, sob as espécies do pão e do vinho, o Corpo e o Sangue de Cristo, seu sacrifício oferecido na cruz uma vez pôr todas.

1354. Na anamnese que segue, a Igreja faz memória da Paixão, da Ressurreição e da volta gloriosa de Cristo Jesus; ela apresenta ao Pai a oferenda de seu Filho que nos reconcilia com ele.

Nas intercessões, a Igreja exprime que a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja do céu e da terra, dos vivos e dos falecidos, e na comunhão com os pastores da Igreja, o Papa, o Bispo da diocese, seu presbitério e seus diáconos, e todos os Bispos do mundo inteiro com suas igrejas.

1355. Na comunhão, precedida pela oração do Senhor e pela fração do pão, os fiéis recebem “o pão do céu” e “o cálice da salvação”, o corpo e o Sangue de Cristo, que se entregou “para a vida do mundo” (Jo 6,51):

Porque este pão e este vinho foram, segundo a antiga expressão, “eucaristizados[330], chamamos este alimento

de Eucaristia, e a ninguém é permitido participar na Eucaristia senão àquele que, admitindo como verdadeiros os nosso ensinamentos e tendo sido purificado pelo Batismo para a remissão dos pecados e para o novo nascimento, levar uma vida como Cristo ensinou”[331].

V. O sacrifício sacramental: ação de graças, memorial, presença

1356. Se os cristãos celebram a Eucaristia desde as origens, e sob uma forma que, em sua substância, não sofreu alteração através da grande diversidade dos tempos e das liturgias,

---

[324] Cf. 1Ts 2,13.
[325] Sto. Irineu, Ad. Haer., 4,18,4; cf. MT 1,11.
[326] Cf. 1Cor 16,1.
[327] Cf. 2Cor 8,9.
[328] S. Justino, Apol., 1,67: CA 1,186-188 (PG 6,429).
[329] Cf. MR, Cânon Romano 90.
[330] Cf. S. Justino, Apol. 1,65: CA 1.180 (PG 6,428).
[331] S. Justino, Apol., 1,66: CA 1,180(PG 6,428).

é porque temos consciência de estarmos ligados ao mandato do Senhor, dado na véspera de sua paixão: “Fazei isto em memória de mim ”(1Cor 11,24-25).

1357. Cumprimos esta ordem do Senhor celebrando o memorial de seu sacrifício. Ao fazermos isto, oferecemos ao Pai o que ele mesmo nos deu: os dons de sua criação, o pão e o vinho, que pelo poder do Espírito Santo e pelas palavras de Cristo se tornaram-se o Corpo e o Sangue de Cristo, o qual, assim, se torna real e misteriosamente presente.

1358. Pôr isso, temos de considerar a Eucaristia:

como ação de graças e louvor ao Pai;

como memorial sacrifical de Cristo e de seu corpo;

como presença de Cristo pelo poder de sua palavra e de seu espírito.

A ação de Graças e o Louvor ao Pai.

1359. A Eucaristia, sacramento e nossa salvação realizada pôr Cristo na cruz, é também um sacrifício de louvor em ação de graças pela obra da criação. No sacrifício eucarístico, toda a criação amada pôr Deus é apresentada ao Pai pôr meio da Morte e da Ressurreição de Cristo. Pôr Cristo, a Igreja pode oferecer o sacrifício de louvor em ação de graças pôr tudo o que Deus fez de bom, de belo e de justo na criação e na humanidade.

1360. A Eucaristia é um sacrifício de ação de graças ao Pai, uma bênção pela qual a Igreja exprime seu reconhecimento a Deus pôr todos os seus benefícios, pôr tudo o que ele realizou pôr meio da criação, da redenção e da santificação. Eucaristia significa, primeiramente, “ação de graças”.

1361. A Eucaristia é também o sacrifício de louvor pôr meio do qual a Igreja canta a glória de Deus em toda a criação. Este sacrifício de louvor só e possível através de Cristo: Ele une os fiéis à sua esposa, ao seu louvor e à sua intercessão, de sorte que o sacrifício de louvor ao Pai é oferecido pôr Cristo e com ele para ser aceito nele.

O Memorial Sacrifical de Cristo e de Seu Corpo, A Igreja

1362. A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, a atualização e a oferta sacramental de seu único sacrifício na liturgia da Igreja, que é o corpo dele. Em todas as orações eucarísticas encontramos, depois das palavras da instituição, uma oração chamada anamnese ou memorial.

1363. No sentido da Sagrada Escritura, o memorial não é somente a lembrança dos acontecimentos do passado, mas a proclamação das maravilhas que Deus realizou pôr todos os homens[332]. A celebração litúrgica desses acontecimentos torna-os de certo modo presentes e atuais. É desta maneira que Israel entende sua libertação do Egito: toda vez que é celebrada a Páscoa, os acontecimentos do êxodo tornam-se presentes à memória dos crentes, para que estes conformem sua vida a eles.

1364. O memorial recebe um sentido novo no Novo Testamento. Quando a Igreja celebra a Eucaristia, rememora a páscoa de Cristo. e esta se torna presente: o sacrifício que Cristo ofereceu uma vez pôr todas na cruz torna-se sempre atual[333]: “Todas as vezes que se celebra no altar o sacrifício da cruz, pelo qual Cristo nessa páscoa foi imolado, efetua-se a obra de nossa redenção”[334].

1365. Pôr este memorial das páscoa de Cristo, a Eucaristia é também um sacrifício. O caráter sacrifical da Eucaristia é manifestado nas próprias palavras da instituição: “Isto é o meu Corpo que será entregue pôr vós” e “Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que vai ser derramado pôr vós” (Lc 22,19-20). Na Eucaristia, Cristo dá este mesmo corpo que entregou pôr nós na cruz, o próprio sangue que “derramou pôr muitos para remissão dos pecados” (MT 26,28).

1366. A Eucaristia é portanto, um sacrifício porque representa (torna presente) o Sacrifício da Cruz, porque dele é memorial e porque aplica seus frutos:

(Cristo) nosso Deus e Senhor ofereceu-se a si mesmo a Deus Pai uma única vez, morrendo como intercessor sobre o altar da cruz, a fim de realizar pôr eles (Os homens) uma redenção eterna. Todavia. Como sua morte não devia pôr fim ao seu sacerdócio (Hb 7,24.27), na Última ceia. “na noite em que foi entregue”(1Cor 11,13), quis deixar à Igreja, sua esposa muito amada, um sacrifício visível (como o reclama a natureza humana) em que seria representado (feito presente) o sacrifício cruento que ia realizar-se uma vez pôr todas uma única vez na cruz, sacrifício este cuja memória haveria de perpetuar-se até o fim dos séculos (1Cor 11,23) e cuja virtude salutar de aplicar-se à remissão dos pecados que cometemos cada dia [335].

1367. O sacrifício de cristo e o sacrifício da Eucaristia são um único sacrifício: “É uma ‘só e mesma vítima, é o mesmo que oferece agora pelo ministério dos sacerdotes, que se ofereceu a si mesmo então na cruz. Apenas a maneira de oferecer difere[336]. “E porque

---

[332] Cf. Ex. 13,3.
[333] Cf. Hb 7,25-27.
[334] LG 3.
[335] Conc. de Trento: DS 1740
[336] Conc. de Trento, 22º sessão, Doctrina de ss. Missae Sacrifício, e 2: Ds 1743.

neste divino sacrifício que se realiza na missa, este mesmo Cristo que se ofereceu a si mesmo uma vez de maneira cruenta no altar da cruz, está contido e é imolado de maneira incruenta, este sacrifício é verdadeiramente propiciatório"[337].

1368. A Eucaristia é também o sacrifício da Igreja. A Igreja, que é o corpo de Cristo, participa da oferta de sua Cabeça. Com Cristo, ela mesma é oferecida inteira. Ela se une à sua intercessão junto ao Pai pôr todos os homens. Na Eucaristia, o sacrifício de Cristo se torna também o sacrifício dos membros de seu Corpo. A vida dos fiéis, seu louvor, seu sofrimento, sua oração, seu trabalho são unidos aos de Cristo e à sua oferenda total, e adquirem assim um valor novo. O sacrifício de Cristo, presente sobre o altar, dá a todas as gerações de cristãos a possibilidade de estarem unidos à sua oferta.

Nas catacumbas, a Igreja é muitas vezes representada como uma mulher em oração, com os braços largamente abertos em atitude de orante. Como Cristo que estendeu os braços na cruz, ela se oferece e intercede pôr todos os homens, pôr meio dele, com ele e nele.

1369. A Igreja inteira está unida à oferta e a intercessão de Cristo. Encarregado do ministério de Pedro na Igreja, o Papa está associado a cada celebração da Eucaristia em que ele é mencionado como sinal e servidor da unidade da Igreja Universal. O Bispo do lugar é sempre responsável pela Eucaristia, mesmo quando é presidida pôr um presbítero; seu nome é nela pronunciado para significar que é ele quem preside a Igreja particular, em meio ao presbitério e com a assistência dos diáconos. A comunidade intercede assim pôr todos os ministros que pôr e com ela, oferecem o Sacrifício Eucarístico:

Que se considere só esta Eucaristia que se faz sob a presidência do Bispo ou daquele a quem este encarregou.[338].

É pelo ministério dos presbíteros que se consuma o sacrifício espiritual dos fiéis, em união com o sacrifício de Cristo, único mediador, oferecido em nome de toda a Igreja na Eucaristia pelas mãos dos presbíteros, de forma incruenta e sacramental, até que o próprio Senhor venha[339].

1370. À oferenda de Cristo unem-se não somente os membros que estão ainda na terra, mas também os que já estão na glória do céu: é em comunhão com a santíssima Virgem Maria e fazendo memória dela, assim como de todos os santos e santas, que a Igreja oferece o Sacrifício Eucarístico. Na Eucaristia, a Igreja, com Maria, está como que ao pé da cruz, unida à oferta e à intercessão de Cristo.

1371. O Sacrifício Eucarístico é também oferecido pêlos fiéis defuntos "que morreram em Cristo e não estão ainda plenamente purificados"[340], para que possam entrar na luz e na paz de Cristo:

Enterrai este corpo onde quer que seja! Não tenhais nenhuma preocupação pôr ele! Tudo o que vos peço é que vos lembreis de mim no altar do Senhor onde quer que estejais[341].

Em seguida, oramos (na anáfora) pêlos santos padres os Bispos que faleceram, e em geral pôr todos os que adormeceram antes de nós, acreditando que haverá muito grande benefício para as almas, em favor das quais é oferecida, enquanto se encontra presente a santa e tão temível vítima. (...) Ao apresentarmos a Deus nossas súplicas pêlos que adormeceram, ainda que fossem pecadores, nós (...) apresentamos o Cristo imolado pôr nossos pecados, tornando propício, para eles e para nós, o Deus amigo dos homens[342].

1372. Sto. Agostinho resumiu admiravelmente esta doutrina que nos incita a uma participação cada vez mais completa no sacrifício de nosso redentor, que celebramos na Eucaristia:

Esta cidade remida toda inteira, isto é, a assembléia e a sociedade dos santos, é oferecida a Deus como um sacrifício universal pelo Sumo Sacerdote que, sob a forma de escravo, chegou a ponto de oferecer-se pôr nós em sua paixão, para fazer de nós o corpo de uma Cabeça tão grande. (...) Este é o sacrifício dos Cristãos: "Em muitos, ser um só corpo em Cristo" (Rm 12,5).

E este sacrifício, a igreja não cessa de reproduzi-lo no sacramento do altar bem conhecido pêlos fiéis, onde se vê que naquilo que oferece, se oferece a si mesma[343].

A Presença de Cristo pelo poder de sua Palavra e do Espírito Santo

1373. "Cristo Jesus, aquele que morreu, ou melhor, que ressuscitou, aquele que esta à direita de Deus e que intercede pôr nós" (Rm 8,34), está presente de múltiplas maneiras em sua Igreja[344]: em sua palavra, na oração de sua Igreja "lá onde dois ou três estão reunidos em meu nome" (MT 18,20), nos pobres, nos doentes, nos presos[345], em seus

---

[337] Ibid.
[338] Sto. Inácio de Antioquia, Smym. 8,1.
[339] PO 2.
[340] Conc. de Trento: DS 1743
[341] Sta. Mônica, antes de sua morte, a Sto. Agostinho e ao irmão dele; Conf. 9,11,27.
[342] S. Cirilo de Jerusalém, Catech, myst.., 5,9.10: PG 33,1116B-1117
[343] De civ. Dei, 10,6.
[344] Cf. LG 48.
[345] Cf. MT 25,31-46.

sacramentos, dos quais ele é o autor, no sacrifício da missa e na pessoa do ministro. Mas "sobretudo (está presente) sob as espécies eucarísticas"[346].

1374. O modo de presença de Cristo sob as espécies eucarísticas é único. Ele eleva a Eucaristia acima de todos os sacramentos e faz com que ela seja "como que o coroamento da vida espiritual e o fim ao qual tendem todos os sacramentos"[347]. No santíssimo sacramento da Eucaristia estão "contidos verdadeiramente, realmente e substancialmente o Corpo e o Sangue juntamente com a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e, pôr conseguinte, o Cristo todo"[348]. "Esta presença chama-se 'real' não pôr exclusão, como se as outras não fossem reais, mas pôr antonomásia, porque é substancial e porque pôr ela Cristo, Deus e homem, se torna presente completo[349].

1375. É pela conversão do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo que este se torna presente em tal sacramento. Os Padres da Igreja afirmaram com firmeza a fé da Igreja na eficácia da Palavra de Cristo e da ação do Espírito Santo para operar esta conversão. Assim S. João Crisóstomo declara:

Não é o homem que faz com que a coisas oferecidas se tornem Corpo e Sangue de Cristo, mas o próprio Cristo, que foi crucificado pôr nós. O sacerdote, figura de Cristo, pronuncia essas palavras, mas sua eficácia e a graça são de Deus. Isto é o meu Corpo, diz ele. Estas palavras transformam as coisas oferecidas[350].

E Sto. Ambrósio afirma acerca desta conversão:

Estejamos bem persuadidos de que isto não é o que a natureza formou, mas o que a bênção consagrou, e que a força da bênção supera a da natureza, pois pela bênção a própria natureza é mudada[351]. Pôr acaso a palavra de Cristo, que conseguiu fazer do nada o que não existia, não poderia mudar as coisas existentes naquilo que ainda não eram? Pois não é menos dar às coisas a sua natureza primeira do que mudar a natureza delas[352].

1376. O Concílio de Trento resume a fé católica ao declarar: "Pôr Ter Cristo, nosso Redentor, dito que aquilo que oferecia sob a espécie do pão era verdadeiramente seu Corpo, sempre se teve na Igreja esta convicção, que o santo Concílio declara novamente: pela consagração do pão e do vinho opera-se a mudança de toda substância do pão na substância do Corpo de Cristo Nosso Senhor e de toda a substância do vinho na substância do seu Sangue; esta mudança, a Igreja católica denominou-a com acerto e exatidão transubstanciação[353].

1377. A presença eucarística de Cristo começa no momento da consagração e dura também enquanto subsistirem as espécies eucarísticas. Cristo está presente inteiro em cada uma das espécies e inteiro em cada uma das partes delas, de maneira que a fração do pão não divide o Cristo[354].

1378. O culto da Eucaristia. Na liturgia da missa, exprimimos nossa fé na presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho, entre outras coisas, dobrando os joelhos, ou inclinando-nos profundamente em sinal de adoração do Senhor. "A Igreja católica professou e professa este culto de adoração que é devido ao sacramento da Eucaristia não somente durante a Missa, mas também fora da celebração dela, conservando com o máximo cuidado as hóstias consagradas, expondo-as aos fiéis para que as venerem com solenidade, levando-as em procissão."[355]

1379. A santa reserva (tabernáculo) era primeiro destinada a guardar dignamente a Eucaristia para que pudesse ser levada, fora da missa aos doentes e aos ausentes. Pelo aprofundamento da fé na presença real de Cristo em sua Eucaristia, a igreja tomou consciência do sentido da adoração silenciosa do Senhor presente sob as espécies eucarísticas. É pôr isso que o tabernáculo deve ser colocado em um local particularmente digno da igreja; deve ser construído de tal forma que sublinhe e manifeste a verdade da presença real de Cristo no santo sacramento.

1380. É altamente conveniente que cristo tenha querido ficar presente à sua Igreja desta maneira singular. Visto que estava para deixar o seus em sua forma visível, Cristo quis dar-nos sua presença sacramental; já que ia oferecer-se na cruz para nos salvar, queira que tivéssemos o memorial do amor com o qual nos amou "até o fim" (Jo 13,1), até o Dom de sua vida. Com efeito, em sua presença eucarística Ele permanece misteriosamente no meio de nós como aquele que nos amou e que se entregou pôr nós[356], e o faz sob os sinais que exprimem e comunicam este amor.

A Igreja e o mundo precisam muito do culto eucarístico, Jesus nos espera neste sacramento do amor. Não regateemos o tempo para ir encontra-lo na adoração, na

---

[346] SC t.
[347] Sto. Tomás de Aquino, S Th., III, 73,3.
[348] Conc. de Trento: DS 1651.
[349] MF.
[350] Prod. Jud. 1,6: PG 49,380C.
[351] Sto. Ambrósio, de mysteriis 9,50: CSEL 73,110 (Pl 16,405).
[352] De mysteriis, 9,50,52: PL 16,405-406.
[353] DS 1642.
[354] Cf. Conc. de Trento: DS 1641
[355] MF, 56.
[356] Cf. Gl 2,20.

contemplação cheia de fé e aberta a reparar as faltas graves e os delitos do mundo. Que a nossa adoração nunca cesse![357].

1381. “A presença do verdadeiro Corpo de Cristo e do verdadeiro Sangue de Cristo neste sacramento ‘não de pode descobrir pêlos sentidos, diz Sto. Tomás, mas só com fé, baseada na autoridade de Deus’. Pôr isso, comentando o texto de S. Lucas 22,19 (“isto é o meu Corpo que será entregue pôr vós”), São Cirilo declara: Não perguntes se é ou não verdade; aceita com fé as palavras do Senhor, porque ele, que é a verdade, não mente’’’[358].

Com devoção te adoro Adoro te devote

Latente divindade latens deitas,

Que, sob essas figuras, quae sub his figuris

Te escondes na verdade vere latitas.

Meu coração de pleno Tibi se cor meum,

Sujeito a ti, obedece, totum subiicit,

Pois que, em te contemplando quia, te contemplans,

Todo ele desfalece totum deficit.

A vista, o tato, o gosto, visus, tactus, gustus

Certo, jamais Ter alcança in te fallitur,

Pela audição somente sed auditu solo

Te crêem com segurança tudo creditur.

Creio em tudo o que disse Creo quidquid dixit.

De Deus Filho o Cordeiro Dei Filius:

Nada é mais da verdade nil hoc verbo

Quer tal a voz, verdadeiro. Veritatis verius[359].

VI. O banquete pascal

1382. A missa é ao mesmo tempo e inseparavelmente o memorial sacrifical no qual se perpetua o sacrifício da cruz, e o banquete sagrado da comunhão no Corpo e no Sangue do Senhor. Mas a celebração do Sacrifício Eucarístico está toda orientada para a união íntima dos fiéis com Cristo pela comunhão. Comungar é receber o próprio Cristo que se ofereceu pôr nós. 1383 O altar, em torno do qual a Igreja está reunida na celebração da Eucaristia, representa os dois aspectos de um mesmo mistério: o altar do sacrifício e a mesa do Senhor, e isto tanto mais porque o altar cristão é o símbolo do próprio Cristo, presente no meio da assembléia de seus fiéis, ao mesmo tempo como vítima oferecida pôr nossa reconciliação e como alimento celeste que dá a nós. “Com efeito, que é o altar de Cristo senão a imagem do Corpo de Cristo?” diz Sto. Ambrósio[360], e alhures: “O altar representa o Corpo (de Cristo), e o Corpo de Cristo está sobre o altar”[361]. A liturgia exprime esta unidade do sacrifício e da comunhão em muitas orações. Assim, a Igreja de Roma ora em sua anáfora:

Nós vos suplicamos que ela seja levada à vossa presença, para que, ao participarmos deste altar recebendo o Corpo e Sangue de vosso Filho, sejamos repletos de todas as graças e bênçãos do céu[362].

“Tomai e Comei Dele Todos Vós”: A Comunhão

1384. O Senhor nos convida insistentemente a recebê-lo no sacramento da Eucaristia “Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a Carne do Filho do homem e não beberdes o seu Sangue, não tereis a vida em vós” (J.o 6,53).

1385. Para responder a este convite, devemos preparar-nos para este momento tão grande e tão santo. S. Paulo exorta a um exame de consciência: “Todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente será réu do Corpo e do Sangue do Senhor. Pôr conseguinte que cada um examine a si mesmo antes de comer desse pão e beber desse cálice, pois aquele que come e bebe sem discernir o Corpo, come e bebe a própria condenação” Cor 11,27-29). Quem está consciente de um pecado grave deve receber o sacramento da reconciliação antes de receber a comunhão.

1386. Diante da grandeza deste sacramento, o fiel só pode repetir humildemente e com fé ardente a palavra do Centurião[363]: Domine, non sum dignus ut intres sub tectum meum sed tantum dic verbo et sanabitur anima mea- Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo”[364]. E na divina liturgia de S. João Crisóstomo os fiéis oram no mesmo espírito:

---

[357] João Paulo II Dominicae cenae, 3.
[358] Paulo VI, enc. Mysterium fidei: AAS 57 (1965) 757; Sto. Tomás de Aquino, S. Th.,III,75,, ed. Leon. 12,156; S. Cirilo de Alexandria, Commentarius in Lucam 22,19: PG 72,912.
[359] AHMA 50,589.
[360] Sacr. 5,7.
[361] Sacr. 4,7.
[362] MR. Prex eucharistica I seu Canon Romanus, 96, Tipografia Poliglota Vaticana, 1970, p.453.
[363] Cf. MT 8,8.
[364] MR, Ritus Communiones, 133, Tipografia Poliglota Vaticana, 1970,p.474.

Da vossa ceia mística fazei-me participar hoje, ó Filho de Deus.

Pois não revelarei o Mistério aos vossos inimigos, nem vos darei

Darei o beijo de judas. Mas, como o ladrão, clamo a vós:

Lembrai-vos de mim, Senhor, no vosso reino[365].

1387. A fim de se prepararem convenientemente para receber este sacramento, os fiéis observarão o jejum prescrito em sua Igreja[366]. A atitude corporal (gestos, roupa) há de traduzir o respeito, a solenidade, a alegria deste momento em que Cristo se torna nosso hóspede.

1388. É consentâneo com o próprio sentido da eucaristia que os, fiéis se tiverem as disposições requerida[367], comunguem quando participarem à missa [368], ”Recomenda-se muito aquela participação mais perfeita à missa pela qual os fiéis, depois da comunhão do sacerdote, comungam o Corpo do Senhor do mesmo sacrifício”[369].

1389. A Igreja obriga os fiéis “a participar da divina liturgia aos domingos e nos dias festivos”[370] menos uma vez ao ano, se possível no tempo pascal[371], preparados pelo sacramento da reconciliação. Mas recomenda vivamente aos fiéis que recebam a santa Eucaristia nos domingos e dias festivos, ou ainda com maior freqüência, e até todos os dias.

1390. Graças à presença sacramental de Cristo sob cada uma das espécies, a comunhão somente sob a espécie do pão permite receber todo o fruto de graça da Eucaristia. Por motivos pastorais, esta maneira de comungar estabeleceu-se legitimamente como o mais habitual no rito latino. “A santa comunhão realiza-se mais plenamente sob sua forma de sinal quando se faz sob as duas espécies. Pois sob esta forma o sinal do banquete eucarístico é mais plenamente realçado.”[372] Nos ritos orientais, esta é a forma habitual de comungar.

Os Frutos da Comunhão

1391. A comunhão aumenta a nossa união com Cristo. Receber a Eucaristia na comunhão traz como fruto principal a união íntima com Cristo Jesus. Pois o senhor diz: “Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em mim e eu nele” (Jo 6,56). A vida em Cristo tem seu fundamento no banquete eucarístico: “Assim como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que de mim se alimenta viverá por mim” (Jo 6,57):

Quando nas festas do Senhor os fiéis recebem o Corpo do Filho, proclamam uns aos outros a Boa Nova de que é dado o penhor da vida, como quando o anjo disse a Maria de Mágdala: “Cristo ressuscitou!”. Eis que agora também a vida e a ressurreição são conferidas àquele que recebe o Cristo[373].

1392. O que o alimento material produz em nossa vida corporal, a comunhão o realiza de maneira admirável em nossa vida espiritual. A comunhão da Carne de Cristo ressuscitado, “vivificado pelo Espírito Santo e vivificante”[374], conserva, aumenta e renova a vida da graça recebida do Batismo. Este crescimento da vida cristã precisa ser alimentado pela Comunhão Eucarística, pão da nossa peregrinação. Até o momento da morte, quando nós será dado como viático.

1393. A comunhão separa-nos do pecado. O Corpo de Cristo que recebemos na comunhão é “entregue por nós”, e o Sangue que bebemos é “derramado por muitos para remissão dos pecados”. Por isso a Eucaristia não pode unir-nos a Cristo sem purificar-nos ao mesmo tempo dos pecados cometidos e sem preservar-nos dos pecados futuros:

“Toda vez que o recebermos, anunciamos a morte do Senhor”[375].

Se anunciamos a morte do Senhor, anunciamos a remissão dos pecados, se toda vez que o seu Sangue é derramado, o é para a remissão dos pecados, devo recebê-lo, para que perdoe sempre os meus pecados. Eu que sempre peco, devo Ter sempre um remédio[376].

1394. Como o alimento corporal serve para restaurar a perda das forças, a Eucaristia fortalece a caridade que, na vida diária, tende a arrefecer; e esta caridade vivificada apaga os pecados veniais[377]. Ao dar-se a nós, Cristo reaviva nosso amor e nos torna capazes de romper as amarras desordenadas com as criaturas e de enraizar-nos nele: Visto que Cristo morreu por nós por amor, quando fazemos memória de sua morte no momento do sacrifício pedimos que o amor nos seja concedido pela vinda do Espírito Santo; pedimos humildemente que em virtude deste amor, pelo qual Cristo quis morrer por nós, nós

---

[365] Liturgia bizantina. Anaphora Iohannis Chrysostomi, Prex ante communionem: F.E.Brigthman,Liturgies Eastern and Western, Oxford, 1896, p. 394 (PG 63,920).
[366] Cf. CIC, cân. 919.
[367] Cf. CIC, cân. 916-917: AAS 75 (1983 II), pp. 165-166.
[368] No mesmo dias, os fiéis podem receber a Sagrada Eucaristia só uma Segunda vez. Pontificia Comissio Codici Iuris Canonici Authentici Interpretando, Responsa ad proposita dubia, 1: AAS 76 (1984) 746.
[369] SC 55.
[370] CF. OE 15.
[371] Cf CIC, Cân. 920.
[372] IGMR 240.
[373] Fanqîth, Ofício siro-antioqueno, vol. I, Comum, 237 a-b.
[374] PO 5.
[375] Cf. 1 Cor 11,26.
[376] Sto. Ambrósio, Sacr. 4,28: PL 16,446.
[377] Cf. Conc. de Trento: DS 1638.

também, recebendo a graça do Espírito Santo, possamos considerar o mundo como crucificado para nós, e sejamos nós mesmos crucificados para o mundo. (...) Tendo recebido o Dom de amor, morramos para o pecado e vivamos para Deus[378].

1395. Pela mesma caridade que acende em nós, a Eucaristia nos preserva dos pecados mortais futuros. Quanto mais participar-mos da vida de Cristo e quanto mais progredimos em sua amizade, tanto mais difícil de ele separar-nos pelo pecado mortal. A Eucaristia não é destinada a perdoar pecados mortais. Isso e próprio do sacramento da reconciliação. É próprio da Eucaristia ser o sacramento daqueles que estão na comunhão plena da Igreja.

1396. A unidade do corpo místico: a Eucaristia faz a Igreja. Os que recebem a eucaristia estão unidos mais intimamente a Cristo. Por isso mesmo, Cristo os une a todos os fiéis em um só corpo, a Igreja. A comunhão renova, fortalece, aprofunda esta incorporação à Igreja, realizada já pelo Batismo. No Batismo fomos chamados a constituir um só corpo[379]. A Eucaristia realiza este apelo: "O cálice da bênção que abençoamos não é comunhão com o Corpo de Cristo? Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão"(1Cor 10,16-17).

Se sois o corpo e os membros de Cristo, é vosso sacramento que é colocado sobre a mesa do Senhor, recebeis o vosso sacramento. Respondeis "Amém"("Sim, é verdade!") àquilo que recebeis, e subscreveis ao responder. Ouvis esta palavra: "o Corpo de Cristo", e respondeis: "Amém". Sede, pois, um membro de Cristo, para que o vosso Amém seja verdadeiro[380].

1397. A Eucaristia compromete com os pobres. Para receber na verdade o Corpo e o Sangue de Cristo entregues por nós, devemos reconhecer o Cristo nos mais pobres, seus irmãos[381]:

Degustaste o Sangue do Senhor e não reconheces sequer o irmão.

Desonras esta própria mesa, não julgando digno de compartilhar do teu alimento aquele que foi julgado digno de participar desta mesa.

Deus te libertou de todos os teus pecados e te convidou para esta mesa. E tu, nem mesmo assim, te tornaste mais misericordioso[382].

1398. A Eucaristia e a unidade dos cristãos. Diante da grandeza deste mistério, Sto. Agostinho exclama: "Ó sacramento da piedade! Ó sacramento da unidade! Ó vinculo da caridade![383]. Quanto mais dolorasas se fazem sentir as divisões da Igreja que rompem a participação comum à mesa do Senhor, tanto mais prementes são as orações ao Senhor para que voltem os dias da unidade completa de todos os que nele crêem.

1399. As Igrejas orientais que não estão em comunhão plena com a Igreja católica celebram a Eucaristia com um grande amor. "Essas Igrejas, embora separadas, têm verdadeiros sacramentos – principalmente, em virtude da sucessão apostólica, o sacerdócio e a Eucaristia -, que as unem intimamente a nós."[384] Por isso certa comunhão in sacris na Eucaristia é "não somente possível, mas até aconselhável, em circunst6ancias favoráveis e com a aprovação da autoridade eclesiástica"[385].

1400. As comunidades eclesiais oriundas da Reforma, separadas da Igreja católica, "em razão sobretudo da ausência do sacramento da ordem, não conservaram a substância própria e integral do mistério eucarístico"[386]. Por este motivo a intercomunhão eucarística com essas comunidades não é possível para a Igreja católica. Todavia, essas comunidades eclesiais, "quando fazem memória, na Santa ceia, da morte e da ressurreição do Senhor, professam que a vida consiste na comunhão com cristo e esperam sua volta gloriosa"[387].

1401 Quando urge uma necessidade de grave, a critério do ordinário, os ministros católicos podem dar os sacramentos (Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos) aos outros cristãos que não estão em plena comunhão com a Igreja católica, mas que os pedem espontaneamente: é preciso então que manifestem a fé católica no tocante a esses sacramentos e que apresentem as disposições exigidas[388].

VII. A Eucaristia – "penhor da glória futura"

1402. Em uma oração, a Igreja aclama o mistério da Eucaristia: "O sacrum convivium in quo Christus sumitur. Recolitur memoria passionis eius; mens impletar gratia et futurae gloriae nobis pignus datur – Ó sagrado banquete, em que de Cristo nos alimentamos. Celebra-se a memória de sua Paixão, o espírito é repleto de graça e se nos dá o penhor da glória[389]". Se a Eucaristia é o memorial da Páscoa do Senhor, se por nossa comunhão ao

---

[378] S. Fulgêncio de Ruspe, Fab. 28,17; CCL 91A, 813-814 (PL 65,789).
[379] Cf. 1Cor 12,13.
[380] Sto. Agostinho, Serm., 272: PL 38,1247.
[381] Cf. MT 25,40.
[382] S. João Crisóstomo, Hom. In Cor 27,5: PG 61,230.
[383] Sto. Agostinho, In Ev. Jo 26,13: CCL 36,266 (PL 35,1613); Cf. Conc. Vaticano II, SC 47: AAS 56 (1964) 113.
[384] UR 15.
[385] UR 15; cf. CIC, cân. 844,3.
[386] UR.22.
[387] UR 22.
[388] Cf. CIC, cân. 844,4.
[389] In. Sollemnitate ss.mi corporis et sanguinis Christi, Antiphona ad "Magnificat"in II Vesperis Liturgia Horarum, v, 3. Tipografia Poliglota Vaticana, 1973, p.502.

altar somos repletos “de todas as graças e bênçãos do céu”[390], a Eucaristia é também a antecipação da glória celeste.

1403. Quando da Última Ceia, o Senhor mesmo dirigia o olhar de seus discípulos para a realização da Páscoa no Reino de Deus: “Desde agora não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que convosco beberei o vinho novo no reino de meu Pai” (MT 26,29)[391]. Toda vez que a Igreja celebra a Eucaristia lembra-se desta promessa, e seu olhar se volta para “aquele que vem” (AP 1,4). Em sua oração, suspira por sua vinda: “Maran athà” (1Cor 16,22), “Vem, Senhor Jesus”(AP 22,20), “Venha vossa graça e passe este mundo!”[392]

1404. A Igreja sabe que, desde agora, o Senhor vem em sua Eucaristia, e que ali Ele está, no meio de nós. Contudo, esta presença é velada. Por isso, celebramos a Eucaristia “expectantes” beatam spem et adventum Salvatoris nostri Jesu Christi – aguardando a bem-aventurada esperança e a vinda de nosso Salvador Jesus Cristo”[393], pedindo “saciar-nos eternamente da vossa glória, quando enxugardes toda lágrima dos nossos olhos. Então, contemplando-vos como sois, seremos para sempre semelhantes a vós e cantaremos sem cessar os vosso louvores, por Cristo, Senhor nosso”[394].

1405. Desta grande esperança, a dos céus novos e da terra nova nos quais habitará a justiça[395], não temos penhor mais seguro, sinal mais manifestado do que a Eucaristia. Com efeito, toda vez que é celebrado este mistério, “opera-se a obra da nossa redenção”[396] e nós “partimos um mesmo pão, que é remédio de imortalidade, antidoto não para a morte, mas para a vida eterna em Jesus Cristo”[397].

Resumindo

1406. Jesus disse: “Eu sou o pão vivo, descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. (...) Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue tem vida eterna. (...) permanece em mim e eu nele” (Jo 6,51.54.56).

1407. A Eucaristia é o coração e o ápice da vida da Igreja, pois nela Cristo associa sua Igreja e todos os seus membros a seu sacrifício de louvor e de ação de graças oferecido uma vez por todas na cruz a seu Pai; por seu sacrifício ele derrama as graças da salvação sobre o seu corpo, que é a Igreja.

1408. A celebração Eucarística comporta sempre: a proclamação da Palavra de Deus, a ação de graças a deus Pai por todos os seus benefícios, sobretudo pelo Dom de seu Filho, a consagração do pão e do vinho e a participação no banquete litúrgico pela recepção do Corpo e do Sangue do Senhor. Estes elementos constituem um só e mesmo ato de culto.

1409. A Eucaristia é o memorial da páscoa de Cristo: isto é, da obra da salvação realizada pela vida, morte e Ressurreição de Cristo, obra esta tornada presente pela ação litúrgica.

1410. E Cristo mesmo, sumo sacerdote eterno da nova aliança, que, agindo pelo ministério dos sacerdotes, oferece o sacrifício eucarístico. E é também o mesmo Cristo, realmente presente sob as espécies do pão e do vinho, que é a oferenda do sacrifício Eucarístico.

1411. Só os sacerdotes validamente ordenados podem presidir a Eucaristia e consagrar o pão e o vinho para que se tornem o Corpo e o Sangue do Senhor.

1412. Os sinais essenciais do Sacramento Eucarístico são o pão de trigo e o vinho de uva, sobre os quais é invocada a bênção do Espírito Santo, e o sacerdote pronuncia as palavras da consagração ditas por Jesus durante a Última ceia: “Isto é o meu corpo entregue por vós. (...) Este é o cálice do meu Sangue (...)”.

1413. Por meio da consagração opera-se a transubstanciação do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo. sob as espécies consagradas do pão e do vinho, Cristo mesmo, vivo e glorioso, está presente de maneira verdadeira, real e substancial, seu Corpo e seu Sangue, com sua alma e sua divindade[398].

1414. Enquanto sacrifício, a Eucaristia é também oferecida em reparação dos pecados dos vivos e dos defuntos, e para obter de Deus benefícios espirituais ou temporais.

1415. Quem quer receber Cristo na comunhão eucarística deve estar em estado de graça. Se alguém tem consciência de Ter pecado mortalmente, não deve comungar a Eucaristia sem Ter recebido previamente a absolvição no sacramento da penitência.

1416. A santa comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo aumenta a união do comungante com o Senhor, perdoa-lhe os pecados veniais e o preserva dos pecados graves. Por serem reforçados os laços de caridade entre o comungante e Cristo, a recepção deste sacramento reforça a unidade da Igreja, corpo místico de Cristo.

---

[390] MR, cânon Romano: Supplices te rogamus.
[391] Cf. Lc 22,18; Mc 14,25.
[392] Didaché 10,6.
[393] Embolismo do Pai-Nosso; cf. Tt 2,13.
[394] MR, oração eucarística III, 116: oração pelos defuntos.
[395] Cf. 2Pd 3,13.
[396] LG 3.
[397] Sto. Inácio de Antioquia, Eph., 20,2
[398] Cf. Conc. de Trentos: DS 1640;1651.

1417. A Igreja recomenda vivamente aos fiéis que recebam a Santa Comunhão quando participam da celebração da Eucaristia; impõe-lhes a obrigação de comungar pelo menos uma vez por ano.

1418. Visto que Cristo mesmo está presente no Sacramento do altar, é preciso honra-lo com um culto de adoração. "A visita ao Santíssimo Sacramento é uma prova de gratidão, um sinal de amor e um dever de adoração para com Cristo, nosso Senhor."[399]

1419. Tendo Cristo passado deste mundo ao Pai, dá-nos na Eucaristia o penhor da glória junto dele: a participação no Santo Sacrifício nos identifica com o seu coração, sustenta as nossas forças ao longo da peregrinação desta vida, faz-nos desejar a vida eterna e nos une já à Igreja do céu, à santa Virgem Maria e a todos os santos.

CAPÍTULO II

OS SACRAMENTOS DE CURA

1420. Pelos sacramentos da iniciação cristã, o homem recebe a vida nova de Cristo. Ora, esta vida nós a trazemos "em vasos de argila" (2Cor 4,7). Agora ela ainda se encontra "escondida com Cristo em Deus" (Cl 3,3). Estamos ainda em "nossa morada terrestre"[400], sujeitos ao sofrimento, à doença e à morte. Esta nova vida de filhos de Deus pode ser tornar debilitada e até perdida pelo pecado.

1421. O Senhor Jesus Cristo, médico de nossas almas e de nossos corpos, que remiu os pecados do paralítico e restitui-lhes a saúde do corpo[401], quis que sua Igreja continuasse, na força do Espírito Santo, sua obra de cura e de salvação, também junto de seus próprios membros. É esta a finalidade dos dois sacramentos de cura: o sacramento da Penitência e o sacramento da Unção dos Enfermos.

ARTIGO 4

O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA E DA RECONCILIAÇÃO

1422. "Aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência obtêm da misericórdia divina o perdão da ofensa feita a Deus e ao mesmo tempo são reconciliados com a Igreja que feriram pecando, e a qual colabora para sua conversão com caridade, exemplo e orações."[402]

I Como se chama este sacramento?

1423. Chama-se sacramento da Conversão, pois realiza sacramentalmente o convite de Jesus à conversão[403], o caminho de volta ao Pai[404], do qual a pessoa se afastou pelo pecado. Chama-se sacramento da Penitência porque consagra um esforço pessoal e eclesial de conversão, de arrependimento e de satisfação do cristão pecador.

1424. É chamado sacramento da Confissão porque a declaração, a confissão dos pecados diante do sacerdote é um elemento essencial desse sacramento. Num sentido profundo esse sacramento também é uma "confissão", reconhecimento e louvor da santidade de Deus e de sua misericórdia para com o homem pecador. Também e chamado sacramento do perdão porque pela absolvição sacramental do sacerdote Deus concede "o perdão e a paz"[405]. É chamado sacramento da Reconciliação porque dá ao pecador o amor de Deus que reconcilia: "Reconciliai-vos com Deus" (2Cor 5,20). Quem vive do amor misericordioso de Deus está pronto a responder ao apelo do Senhor: "Vai primeiro reconciliar-te com teu irmão" (MT 5,24).

II. Por que um sacramento da Reconciliação após o Batismo?

1425. "Vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus"" (1Cor 6,11). É preciso tomar consciência da grandeza do Dom de Deus que nos é oferecido nos sacramentos da iniciação cristã para compreender até que ponto o pecado é algo que deve ser excluído daquele que se "vestiu de Cristo"[406]. Mas o apóstolo São João também diz: Se dissermos: "Não temos pecado' enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós" (1Jo 1,8). É o próprio Senhor nos ensinou a rezar: "Perdoa-nos os nossos pecados"(Lc 11,4), vinculando o perdão de nossas ofensas ao perdão que Deus nos concederá de nossos pecados.

1426. A conversão a Cristo, o novo nascimento pelo Batismo, o Dom do Espírito Santo, o Corpo e o Sangue de Cristo recebidos como alimento nos tornaram "santos e irrepreensíveis diante dele" (EF 1,4), como a própria Igreja, esposa de Cristo, é "santa e irrepreensível"(Ef 5,27). Entretanto, a nova vida recebida na iniciação cristã não suprimiu a fragilidade e a fraqueza da natureza humana, nem a inclinação ao pecado, que a tradição

---

[399] MF.
[400] Cf. 2Cor 5,1.
[401] Cf. Mc 2,1-12.
[402] LG 11.
[403] Cf. Mc 1,15.
[404] Cf. Lc 15,18.
[405] OP, fórmula da absolvição.
[406] Cf. Gl 3,27.

chama de concupiscência, que continua nos batizados para prová-los no combate da vida cristã, auxiliados pela graça de Cristo[407]. É o combate da conversão para chegar à santidade e à vida eterna, para a qual somos incessantemente chamados pelo Senhor[408].

III. A conversão dos batizados

1427. Jesus convida à conversão. Este apelo é parte essencial do anúncio do Reino: "Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho" (Mc 1,15). Na pregação da Igreja este apelo é feito em primeiro lugar aos que ainda não conhecem a Cristo e seu Evangelho. Além, disso o Batismo é o principal lugar da primeira e fundamental conversão. É pela fé na Boa Nova e pelo Batismo [409] que se renuncia ao mal e se adquire a salvação, isto é, a remissão de todos os pecados e o Dom da nova vida.

1428. Ora, o apelo de Cristo à conversão continua a soar na vida dos cristãos. Esta Segunda conversão é uma tarefa ininterrupta para toda a Igreja, que "reúne em seu próprio seio os pecadores" e que "é ao mesmo tempo santa e sempre, na necessidade de purificar-se, busca sem cessar a penitência e a renovação"[410]. Este esforço de conversão não é apenas uma obra humana. É o movimento do "coração contrito"[411] atraído e movido pela graça[412] a responder ao amor misericordioso de Deus que nos amou primeiro[413].

1429. Comprova-o a conversão de S. Pedro após a tríplice negação de seu mestre. O olhar de infinita misericórdia de Jesus provoca lágrimas de arrependimento[414] e, depois da ressurreição do Senhor, a afirmação, três vezes reiterada, de seu amor por ele[415]. A Segunda conversão também possuiu uma dimensão comunitária. Isto aparece no apelo do Senhor a toda uma Igreja: "Converte-te!" (Ap 2,5.16).

Sto. Ambrósio, referindo-se às duas conversões, diz que na Igreja "existem a água e as lágrimas: a água do Batismo e as lágrimas da penitência"[416].

IV. A penitência interior

1430. Como já nos profetas, o apelo de Jesus à conversão e à penitência não visa em primeiro lugar às obras exteriores, "o saco e a cinza", os jejuns e as mortificações, mas à conversão do coração, à penitência interior. Sem ela, as obras de penitência continuam estéreis e enganadoras: a conversão interior ao contrário, impele a expressar essa atitude por sinais visíveis, gestos e obras de penitência[417].

1431. A penitência interior é uma reorientação radical de toda a vida, um retorno, uma conversão para Deus de todo o nosso coração, uma ruptura com o pecado, uma aversão ao mal e repugnância às más obras que cometemos. Ao mesmo tempo, é o desejo e a resolução de mudar de vida com a esperança da misericórdia divina e a confiança na ajuda de sua graça. Esta conversão do coração vem acompanhada de uma dor e uma tristeza salutares, chamadas pelos Padres de "animi cruciatus (aflição espírito)", "compunctio cordis (arrependimento do coração)"[418].

1432. O coração do homem apresenta-se pesado e endurecido. É preciso que Deus dê ao homem um coração novo[419]. A conversão é antes de tudo uma obra da graça de Deus que reconduz nossos corações a ele: "converte-nos a ti, Senhor, e nos converteremos" (Lm 5,21). Deus nos dá a força de começar de novo. É descobrindo a grandeza do amor de Deus que nosso coração experimenta o horror e o peso do pecado e começa a Ter medo de ofender a Deus pelo mesmo pecado e de ser separado dele. O coração humano converte-se olhando para aquele que foi traspassado por nosso pecados[420].

Fixemos nossos olhos no sangue de Cristo para compreender como é precioso a seu Pai porque, derramado para nossa salvação, dispensou ao mundo inteiro a graça do arrependimento [421].

1433. Depois da Páscoa, o Espírito Santo "estabelecerá a culpabilidade do mundo a respeito do pecado"[422], a saber, que o mundo não acreditou naquele que o Pai enviou. Mas esse mesmo Espírito, que revela o pecado, é o Consolador[423] que dá ao coração do homem a graça do arrependimento e da conversão[424].

V. As múltiplas formas da penitência na vida cristã

---

[407] Cf. DS 1515.
[408] Cf. DS 1545; LG 40.
[409] Cf. At 2,38.
[410] LG 8.
[411] Cf. Sl 51,19.
[412] Cf. Jo 6,44;12.-,32.
[413] Cf. 1Jo 4,10.
[414] Cf. Lc 22,61-62.
[415] Cf Jo 21,15-17.
[416] Ep 41,12:Pl 16,1116B.
1423[417] Cf. Jl 2,12-13; Is 1,16-17; Mt 6,16-18.
[418] Cf. Conc. de Trento: Ds 1676-1678;1705 Catech. R.2,5,4.
[419] Cf. Ez 36,26-27.
[420] Cf. Jo 19,37; Zc 2,10.
[421] S. Clemente de Roma, Cor 7,4.
[422] Cf. Jo 16,8-9.
[423] Cf. Jo 15,26.
[424] Cf At 2,36-38; cf João Paulo II, dev 27-48.

1434. A penitência interior dos cristão pode ser expressões bem variadas. A escritura e os padres insistem principalmente em três formas: o jejum, a oração e a esmola[425], que exprimem a conversão com relação a si mesmo, a Deus e aos outros. Ao lado da purificação radical operada pelo batismo ou pelo martírio, citam, como meio de obter o perdão dos pecados, os esforços empreendidos para reconciliar-se com o próximo, as lágrimas de penitência, a preocupação com a salvação do próximo[426], a intercessão dos santos e a prática da caridade, "que cobre uma multidão de pecados" (1Pd 4,8).

1435. A conversão se realiza na vida cotidiana por meio de gestos de reconciliação, do cuidado dos pobres, do exercício e da defesa da justiça e do direito[427], pela confissão das faltas aos irmãos, pela correção fraterna, pela revisão de vida, pelo exame de consciência pela direção espiritual, pela aceitação dos sofrimentos, pela firmeza na perseguição por causa da justiça. Tomar sua cruz cada dia, e seguir a Jesus é o caminho mais seguro da penitência[428].

1436. Eucaristia e penitência. A conversão e a penitência cotidiana encontram sua fonte e seu alimento na Eucaristia, pois nela se torna presente o sacrifício de Cristo que nos reconciliou com Deus; por ela são nutridos e fortificados aqueles que vivem da vida de Cristo: "ela é o antídoto que nos liberta de nossas faltas cotidianas e nos preserva dos pecados mortais"[429].

1437. A leitura da Sagrada Escritura, a oração da Liturgia das Horas e do Pai Nosso, todo ato sincero de culto ou de piedade reaviva em nós o espírito de conversão e de penitência e contribui para o perdão dos pecados.

1438. Os tempos e os dias de penitência ao longo do ano litúrgico (o tempo da quaresma, cada Sexta-feira em memória da morte do Senhor) são momentos fortes da prática penitencial da Igreja[430]. Esses tempos são particularmente apropriados aos exercícios espirituais, às liturgias penitenciais, às peregrinações em sinal de penitência, às privações voluntárias como jejum e a esmola, à prática fraterna (obras de caridade e missionárias).

1439. O dinamismo da conversão e da penitência foi maravilhosamente descrito por Jesus na parábola do "filho pródigo", cujo centro é "o pai misericordioso"[431]: o fascínio de uma liberdade ilusória, o abandono da casa paterna; a extrema miséria em que se encontra o filho depois de esbanjar sua fortuna; a profunda humilhação de ver-se obrigado a cuidar de porcos e, pior ainda, de querer matar a fome com a sua ração; a reflexão sobre os bens perdidos; o arrependimento e a decisão de declarar-se culpado diante do pai; o caminho de volta; o generoso acolhimento da parte do pai; a alegria do pai: tudo isso são traços específicos do processo de conversão. A bela túnica, o anel e o banquete da festa são símbolos desta nova vida, pura, digna, cheia de alegria, que é a vida do homem que volta a Deus e ao seio de sua família, que é a Igreja. Só o coração de Cristo que conhece as profundezas do amor do Pai pôde revelar-nos o abismo de sua misericórdia de uma maneira tão simples e tão bela.

VI. O sacramento da Penitência e da Reconciliação

1440. O pecado é antes de tudo uma ofensa a Deus, uma ruptura da comunhão com ele. Ao mesmo tempo é um atentado à comunhão com a Igreja. Por isso, a conversão traz simultaneamente o perdão de Deus e a reconciliação com a Igreja, o que é expresso e realizado liturgicamente pelo sacramento da Penitência e da Reconciliação[432].

Só DEUS PERDOA OS PECADOS

1441. Só Deus perdoa os pecados [433]. Por ser O Filho de Deus, Jesus diz de si mesmo: "O Filho do homem tem poder de perdoar pecados na terra" (Mc 2,10) e exerce esse poder divino: "Teus pecados estão perdoados!" (Mc 2,5) [434]. Mais ainda: em virtude de sua autoridade divina, transmite esse poder aos homens [435] para que o exerçam em seu nome.

1442. A vontade de Cristo é que toda a sua Igreja seja, na oração, em sua vida e em sua ação, o sinal e instrumento do perdão e da reconciliação que "ele nos conquistou ao preço de seu sangue". Mas confiou o exercício do poder de absolvição ao ministério apostólico, encarregado do "ministério da reconciliação" (2Cor 5,18). 0 apóstolo é enviado "em nome de Cristo", e "é o próprio Deus" que, por meio dele, exorta e suplica: "Reconciliai-vos com Deus" (2Cor 5,20).

RECONCILIAÇÃO COM A IGREJA

1443. Durante sua vida pública, Jesus não só perdoou os pecados, mas também manifestou o efeito desse perdão: reintegrou os pecadores perdoados na comunidade do povo de Deus, da qual o pecado os havia afastado ou até excluído. Um sinal evidente disso

---

[425] Cf. Tb 12,8; Mt 6,1-18.
[426] Cf. Tg 5,20.
[427] Cf. Am 5,24; 1,17.
[428] Cf. Lc 9,23.
[429] Conc. de Trento: DS 1638.
[430] Cf. SC 109-110; CIC cân. 1249-1253; CCEO, cân. 880-883.
[431] Cf. Lc 15,11-24.
[432] Cf. LG 11.
[433] Cf. Mc 2,7.
[434] Cf. Lc 7,48.
[435] Cf. Jo 20,21- 23.

é o fato de Jesus admitir os pecadores à sua mesa e, mais ainda, de Ele mesmo sentar-se à sua mesa, gesto que exprime de modo estupendo ao mesmo tempo o perdão de Deus [436] e o retomo ao seio do Povo de Deus[437].

1444. Conferindo aos apóstolos seu próprio poder de perdoar os pecados, o Senhor também lhes dá a autoridade de reconciliar os pecadores com a Igreja. Esta dimensão eclesial de sua tarefa exprime-se principalmente na solene palavra de Cristo a Simão Pedro: "Eu te darei as chaves do Reino dos Céus, e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus" (Mt 16,19). "O múnus de ligar e desligar, que foi dado a Pedro, consta que também foi dado ao colégio dos apóstolos, unido a seu chefe (cf. Mt 18,18; 28,16-20)."[438]

1445. As palavras ligar e desligar significam: aquele que excluirdes da vossa comunhão, será excluído da comunhão com Deus; aquele que receberdes de novo na vossa comunhão, Deus o acolherá também na sua. A reconciliação com a Igreja é inseparável da reconciliação com Deus.

0 SACRAMENTO DO PERDÃO

1446. Cristo instituiu o sacramento da Penitência para todos os membros pecadores de sua Igreja, antes de tudo para aqueles que, depois do Batismo, cometeram pecado grave e com isso perderam a graça batismal e feriram a comunhão eclesial. É a eles que o sacramento da Penitência oferece uma nova possibilidade de converter-se e de recobrar a graça da justificação. Os Padres da Igreja apresentam este sacramento como "a segunda tábua (de salvação) depois do naufrágio que é a perda da graça"[439].

1447. No curso dos séculos, a forma concreta segundo a qual a Igreja exerceu este poder recebido do Senhor variou muito. Nos primeiros séculos, a reconciliação dos cristãos que haviam cometido pecados particularmente graves depois do Batismo (por exemplo, a idolatria, o homicídio ou o adultério) estava ligada a uma disciplina bastante rigorosa, segundo a qual os penitentes deviam fazer penitência pública por seus pecados, muitas vezes durante longos anos, antes de receber a reconciliação. A esta "ordem dos penitentes" (que incluía apenas certos pecados graves) só se era admitido raramente e, em certas regiões, só uma vez na vida. No século VII, inspirados na tradição monástica do Oriente, os missionários irlandeses trouxeram para a Europa continental a prática "privada" da penitência que não mais exigia a prática pública e prolongada de obras de penitência antes de receber a reconciliação com a Igreja. O sacramento se realiza daí em diante de uma forma mais secreta entre o penitente e o presbítero. Esta nova prática previa a possibilidade da repetição, abrindo assim o caminho para uma freqüência regular a este sacramento. Permitia integrar numa única celebração sacramental o perdão dos pecados graves e dos pecados veniais. Em linhas gerais, é essa a forma de penitência praticada na Igreja até hoje.

1448. Mediante as mudanças por que passaram a disciplina e a celebração deste sacramento ao longo dos séculos, podemos discernir sua própria estrutura fundamental que consta de dois elementos igualmente essenciais: de um lado, os atos do homem que se converte sob a ação do Espírito Santo, a saber, a contrição, a confissão e a satisfação; de outro lado, a ação de Deus por intermédio da Igreja. A Igreja que, pelo Bispo e seus presbíteros, concede, em nome de Jesus Cristo, o perdão dos pecados e fixa a modalidade da satisfação, ora pelo pecador e faz penitência com ele. Assim o pecador é curado e reintegrado na comunhão eclesial.

1449. A fórmula da absolvição em uso na Igreja latina exprime os elementos essenciais deste sacramento: o Pai das misericórdias é a fonte de todo perdão. Ele opera a reconciliação dos pecadores pela páscoa de seu Filho e pelo dom de seu Espírito, por meio da oração e ministério da Igreja:

Deus, Pai de misericórdia, que, pela Morte e Ressurreição de seu Filho, reconciliou o mundo consigo e enviou o Espírito Santo para remissão dos pecados, te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz. E eu te absolvo dos pecados, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo [440].

VII. Os atos do penitente

1450. " A penitência impele o pecador a suportar tudo de boa vontade. Em seu coração está o arrependimento; em sua boca, a acusação; em suas obras, plena humildade e proveitosa satisfação"[441].

A CONTRIÇÃO

1451. Entre os atos do penitente, a contrição vem em primeiro lugar. Consiste "numa dor da alma e detestação do pecado cometido, com a resolução de não mais pecar no futuro"[442].

---

[436] Cf. Lc 15.
[437] Cf. Lc 19,9
[438] LG 22.
[439] Conc. de Trento, 6º sessão, *Decretum de iustificatione, c. 14: DS 1542; cf. Tertuliano, Paen. 4,2: CCL 1,326 (PL 1,1343).*
[440] Ritual Romano, *Rito da Penitência,* fórmula da absolvição.
[441] Catec. R. 2,5,21. Cf. Conc. de Trento: DS 1673.

1452. Quando brota do amor de Deus, amado acima de tudo, a contrição é "perfeita" (contrição de caridade). Esta contrição perdoa as faltas veniais e obtém também o perdão dos pecados mortais, se incluir a firme resolução de recorrer, quando possível, à confissão sacramental [443].

1453. A contrição chamada "imperfeita" (ou "atrição") também é um dom de Deus, um impulso do Espírito Santo. Nasce da consideração do peso do pecado ou do temor da condenação eterna e de outras penas que ameaçam o pecador (contrição por temor). Este abalo da consciência pode ser o início de uma evolução interior que será concluída sob a ação da graça, pela absolvição sacramental. Por si mesma, porém, a contrição imperfeita não obtém o perdão dos pecados graves, mas predispõe a obtê-lo no sacramento da penitência [444].

1454. Convém preparar a recepção deste sacramento fazendo um exame de consciência à luz da Palavra de Deus. Os textos mais adaptados a esse fim devem ser procurados na catequese moral dos evangelhos e das cartas apostólicas: Sermão da Montanha, ensinamentos apostólicos [445].

A CONFISSÃO DOS PECADOS

1455 A confissão dos pecados (acusação), mesmo do ponto de vista simplesmente humano, nos liberta e facilita nossa reconciliação com os outros. Pela acusação, o homem encara de frente os pecados dos quais se tornou culpado: assume a responsabilidade deles e, assim, abre-se de novo a Deus e à comunhão da Igreja, a fim de tomar possível um futuro novo.

1456. A declaração dos pecados ao sacerdote constitui uma parte essencial do sacramento da penitência: "Os penitentes devem, na confissão, enumerar todos os pecados mortais de que têm consciência depois de examinar-se seriamente, mesmo que esses pecados sejam muito secretos e tenham sido cometidos somente contra os dois últimos preceitos do decálogo [446], pois, às vezes, esses pecados ferem gravemente a alma e são mais prejudiciais do que os outros que foram cometidos à vista e conhecimento de todos " [447].

Quando os cristãos se esforçam para confessar todos os pecados que lhes vêm à memória, não se pode duvidar que tenham o intuito de apresentá-los todos ao perdão da misericórdia divina. Os que agem de outra forma, tentando ocultar conscientemente alguns pecados, não colocam diante da bondade divina nada que ela possa perdoar por intermédio do sacerdote. Pois, "se o doente tem vergonha de mostrar sua ferida ao médico, a medicina não pode curar aquilo que ignora" [448].

1457. Conforme o mandamento da Igreja, "todo fiel, depois de ter chegado à idade da discrição, é obrigado a confessar seus pecados graves, dos quais tem consciência, pelo menos uma vez por ano"[449]. Aquele que tem consciência de ter cometido um pecado mortal não deve receber a Sagrada Comunhão, mesmo que esteja profundamente contrito, sem receber previamente a absolvição sacramenta1[450], a menos que tenha um motivo grave para comungar e lhe seja impossível chegar a um confessor[451]. As crianças devem confessar-se antes de receber a Primeira Eucaristia [452].

1458. Apesar de não ser estritamente necessária, a confissão das faltas cotidianas (pecados veniais) é vivamente recomendada pela Igreja[453]. Com efeito, a confissão regular de nossos pecados veniais nos ajuda a formar a consciência, a lutar contra nossas más tendências, a deixar-nos curar por Cristo, a progredir na vida do Espírito. Recebendo mais freqüentemente, por meio deste sacramento, o dom da misericórdia do Pai, somos levados a ser misericordiosos como ele [454]:

Quem confessa os próprios pecados já está agindo em harmonia com Deus. Deus acusa teus pecados; se tu também os acusas, tu te associas a Deus. O homem e o pecador são, por assim dizer, duas realidades: quando ouves falar do homem, foi Deus quem o fez; quando ouves falar do pecador, é o próprio homem quem o fez. Destrói o que fizeste para que Deus salve o que Ele fez. Quando começas a detestar o que fizeste, é então que tuas boas obras começam, porque acusas tuas más obras. A confissão das más obras é o começo das boas obras. Contribuis para a verdade e consegues chegar à luz [455].

A SATISFAÇÃO

1459. Muitos pecados prejudicam o próximo. É preciso fazer o possível para reparar esse mal (por exemplo restituir as coisas roubadas, restabelecer a reputação daquele que foi caluniado, ressarcir as ofensas e injúrias). A simples justiça exige isso. Mas, além disso, o

---

[442] Conc. de Trento: DS 1676.
[443] Cf. Conc. de Trento: DS 1677.
[444] Cf. Conc. de Trento: DS 1678; 1705.
[445] Cf. Rm 12-15; 1Cor 12-13; G1 5; Ef 4-6.
[446] Cf. Ex 20,17; Mt 5,28.
[447] Conc. de Trento: DS 1680.
[448] S. Jerônimo, *Commentarius in Ecclesiasten* 10,11: CCL 72,338, PL 23,1096; Conc. de Trento: DS 1680.
[449] CIC, cân. 989; cf. DS 1683; cf. DS 1708.
[450] Cf. Conc. de Trento: DS 1647; 1661.
[451] Cf. CIC, cân. 916; CCEO, cân. 711.
[452] Cf. CIC, cân. 914.
[453] Cf. Conc. de Trento: DS 1680; CIC, cân. 988, 2.
[454] Cf. Lc 6,36.
[455] Sto. Agostinho, In Jo 12,13

pecado fere e enfraquece o próprio pecador, como também suas relações com Deus e com o próximo. A absolvição tira o pecado, mas não remedeia todas as desordens que ele causou [456]. Liberto do pecado, o pecador deve ainda recobrar a plena saúde espiritual. Deve, portanto, fazer alguma coisa a mais para reparar seus pecados: deve "satisfazer" de modo apropriado ou "expiar" seus pecados. Esta satisfação chama-se também "penitência".

1460. A penitência imposta pelo confessor deve levar em conta a situação pessoal do penitente e procurar seu bem espiritual. Deve corresponder, na medida do possível, à gravidade e à natureza dos pecados cometidos. Pode consistir na oração, numa oferta, em obras de misericórdia, no serviço do próximo, em privações voluntárias, em sacrifícios e principalmente na aceitação paciente da cruz que devemos carregar. Essas penitências nos ajudam a configurar-nos com Cristo, que, sozinho, expiou nossos pecados [457] uma vez por todas. Permitem-nos também tomar-nos co-herdeiros de Cristo ressuscitado, "pois sofremos com ele" [458]:

Mas nossa satisfação, aquela que pagamos por nossos pecados, só vale por intermédio de Jesus Cristo, pois, não podendo coisa alguma por nós mesmos, "tudo podemos com a cooperação daquele que nos dá força"[459]. E, assim, não tem o homem de que se gloriar, mas toda a nossa "glória" está em Cristo...em quem oferecemos satisfação, "produzindo dignos frutos de penitência" [460], que dele recebem seu valor, por Ele são oferecidos ao Pai e graças a Ele são aceitos pelo Pa [461].

VIII. O ministro deste sacramento

1461. Como Cristo confiou a seus apóstolos o ministério da Reconciliação[462], os Bispos, seus sucessores, e os presbíteros, colaboradores dos Bispos, continuam a exercer esse ministério. De fato, são os Bispos e os presbíteros que têm, em virtude do sacramento da Ordem, o poder de perdoar todos os pecados "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

1462. O perdão dos pecados reconcilia com Deus, mas também com a Igreja. O Bispo, chefe visível da Igreja Particular, é, portanto, considerado, com plena razão, desde os tempos primitivos, aquele que principalmente detém o poder e o ministério da reconciliação: ele é o moderador da disciplina penitencial [463]. Os presbíteros, seus colaboradores, o exercem na medida em que receberam o múnus, quer de seu Bispo (ou de um superior religioso), quer do Papa, por meio do direito da Igreja [464].

1463. Alguns pecados particularmente graves são passíveis de excomunhão, a pena eclesiástica mais severa, que impede a recepção dos sacramentos e o exercício de certos atos eclesiais [465]. Neste caso, a absolvição não pode ser dada, segundo o direito da Igreja, a não ser pelo Papa, pelo Bispo local ou por presbíteros autorizados por eles [466]. Em caso de perigo de morte, qualquer sacerdote, mesmo privado da faculdade de ouvir confissões, pode absolver de qualquer pecado [467] e de qualquer excomunhão.

1464. Os sacerdotes devem incentivar os fiéis a receber o sacramento da Penitência e devem mostrar-se disponíveis a celebrar este sacramento cada vez que os cristãos o pedirem de modo conveniente [468]

1465. Ao celebrar o sacramento da Penitência, o sacerdote cumpre o ministério do bom pastor, que busca a ovelha perdida; do bom samaritano, que cura as feridas; do Pai, que espera o filho pródigo e o acolhe ao voltar; do justo juiz, que não faz acepção de pessoa e cujo julgamento é justo e misericordioso ao mesmo tempo. Em suma, o sacerdote é o sinal e o instrumento do amor misericordioso de Deus para com o pecador.

1466. O confessor não é o senhor, mas o servo do perdão de Deus. O ministro deste sacramento deve unir-se à intenção e à caridade de Cristo [469]. Deve possuir um comprovado conhecimento do comportamento cristão, experiência das coisas humanas, respeito e delicadeza diante daquele que caiu; deve amar a verdade, ser fiel ao magistério da Igreja e conduzir, com paciência, o penitente à cura e à plena maturidade. Deve orar e fazer penitência por ele, confiando-o à misericórdia do Senhor.

1467. Diante da delicadeza e da grandiosidade deste ministério e do respeito que se deve às pessoas, a Igreja declara que todo sacerdote que ouve confissões é obrigado a guardar segredo absoluto a respeito dos pecados que seus penitentes lhe confessaram, sob penas severíssimas [470]. Também não pode fazer uso do conhecimento da vida dos penitentes

---

[456] Cf. Conc. De Trento: DS 1712
[457] Cf. Rm 3,25; IJo 2,1-2.
[458] Rm 8,17; cf. Conc. de Trento: DS 1690.
[459] Cf. Fl 4,13.
[460] Cf. Lc 3,8.
[461] Conc.deTrento: DS 1691.
[462] Cf.Jo20,23; 2Cor 5,18.
[463] LG 26.
[464] Cf. CIC, cân. 844; 967-969; 972; CCEO, cân. 722, 3-4.
[465] Cf. CIC, cân. 1331; CCEO, cân. 1431.1434.
[466] Cf. CIC, cân. 1354-1357; CCEO, cân. 1420.
[467] Cf. CIC, cân. 976; CCEO, cân. 725.
[468] Cf. CIC, cân. 986; CCEO, cân. 735; PO 13.
[469] Cf. PO 13.
[470] Cf. CIC, cân. 983-984.1388,1; CCEO, cân. 1456.

adquirido pela confissão. Este segredo, que não admite exceções, chama-se "sigilo sacramental", porque o que o penitente manifestou ao sacerdote permanece "sigilado" pelo sacramento.

IX. Os efeitos deste sacramento

1468. "Toda a força da Penitência reside no fato de ela nos reconstituir na graça de Deus e de nos unir a Ele com a máxima amizade."[471] Portanto, a finalidade e o efeito deste sacramento é a reconciliação com Deus. Os que recebem o sacramento da Penitência com coração contrito e disposição religiosa "podem usufruir a paz e a tranqüilidade da consciência, que vem acompanhada de uma intensa consolação espiritual" [472]. Com efeito, o sacramento da Reconciliação com Deus traz consigo uma verdadeira "ressurreição espiritual", uma restituição da dignidade e dos bens da vida dos filhos de Deus, entre os quais o mais precioso é a amizade de Deus [473].

1469. Este sacramento nos reconcilia com a Igreja. O pecado fende ou quebra a comunhão fraterna. O sacramento da Penitência a repara ou restaura. Neste sentido, ele não cura apenas aquele que é restabelecido na comunhão eclesial, mas tem também um efeito vivificante sobre a vida da Igreja, que sofreu com o pecado de um de seus membros [474]. Restabelecido ou confirmado na comunhão dos santos, o pecador sai fortalecido pela participação dos bens espirituais de todos os membros vivos do Corpo de Cristo, quer estejam ainda em estado de peregrinação, quer já estejam na pátria celeste [475]:

Não devemos esquecer que a reconciliação com Deus tem como conseqüência, por assim dizer, outras reconciliações capazes de remediar outras rupturas ocasionadas pelo pecado: o penitente perdoado reconcilia-se consigo mesmo no íntimo mais profundo de seu ser, onde recupera a própria verdade interior; reconcilia-se com os irmãos que de alguma maneira ofendeu e feriu; reconcilia-se com a Igreja; e reconcilia-se com toda a criação [476].

1470. Neste sacramento, o pecador, entregando-se ao julgamento misericordioso de Deus, antecipa de certa maneira o julgamento a que será sujeito no fim desta vida terrestre. Pois é agora, nesta vida, que nos é oferecida a escolha entre a vida e a morte, e só pelo caminho da conversão poderemos entrar no Reino do qual somos excluídos pelo pecado grave [477]. Convertendo-se a Cristo pela penitência e pela fé, o pecador passa da morte para a vida "sem ser julgado" (Jo 5,24).

X. As indulgências

1471. A doutrina e a prática das indulgências na Igreja estão estreitamente ligadas aos efeitos do sacramento da Penitência.

QUE É A INDULGÊNCIA ?

" A indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa, (remissão) que o fiel bem-disposto obtém, em condições determinadas, pela intervenção da Igreja que, como dispensadora da redenção, distribui e aplica por sua autoridade o tesouro das satisfações (isto é, dos méritos) de Cristo e dos santos." [478]

" A indulgência é parcial ou plenária, conforme liberar parcial ou totalmente da pena devida pelos pecados." [479] Todos os fiéis podem adquirir indulgências (...) para si mesmos ou aplicá-las aos defuntos [480].

AS PENAS DO PECADO

1472. Para compreender esta doutrina e esta prática da Igreja, é preciso admitir que o pecado tem uma dupla conseqüência. O pecado grave priva-nos da comunhão com Deus e, consequentemente, nos toma incapazes da vida eterna; esta privação se chama "pena eterna" do pecado. Por outro lado, todo pecado, mesmo venial, acarreta um apego prejudicial às criaturas que exige purificação, quer aqui na terra, quer depois da morte, no estado chamado "purgatório". Esta purificação liberta da chamada "pena temporal" do pecado. Essas duas penas não devem ser concebidas como uma espécie de vingança infligida por Deus do exterior, mas, antes, como uma conseqüência da própria natureza do pecado. Uma conversão que procede de uma ardente caridade pode chegar à total purificação do pecador, de tal modo que não haja mais nenhuma pena [481].

1473. O perdão do pecado e a restauração da comunhão com Deus implicam a remissão das penas eternas do pecado. Mas permanecem as penas temporais do pecado. Suportando pacientemente os sofri- mentos e as provas de todo tipo e, chegada a hora, enfrentando serenamente a morte, o cristão deve esforçar-se para aceitar, como uma graça, essas penas temporais do pecado; deve aplicar-se, por meio de obras de

---

[471] Catec. R. 2,5,18.
[472] Conc. de Trento: DS 1674.
[473] Cf. Lc 15,32.
[474] Cf. 1Cor 12,26.
[475] Cf. LG 48-50.
[476] RP 31.
[477] Cf. lCor 5,11; Gl 5,19-21; Ap 22,15.
[478] Paulo VI, Cont. ap. *lndulgentiarum doctrina*, 1: AAS 59 (1967) 21.
[479] Paulo VI, Cont. *ap.lndulgentiarum doctrina*, 2: AAS 59 (1967) 21.
[480] CIC, cân. 994.
[481] Cf. Conc. de Trento: DS 1712-1713; 1820.

misericórdia e de caridade, como também pela oração e por diversas práticas de penitência, a despojar-se completamente do "velho homem" para revestir-se do "homem novo" [482].

NA COMUNHÃO DOS SANTOS

1474. O cristão que procura purificar-se de seu pecado e santificar-se com o auxílio da graça de Deus não está só. " A vida de cada um dos filhos de Deus se acha unida, por um admirável laço, em Cristo e por Cristo, com a vida de todos os outros irmãos cristãos na unidade sobrenatural do corpo místico de Cristo, como numa única pessoa mística." [483]

Na comunhão dos santos, "existe certamente entre os fiéis já admitidos na posse da pátria celeste, os que expiam as faltas no purgatório e os que ainda peregrinam na terra, um laço de caridade e um amplo intercâmbio de todos os bens" [484]. Neste admirável intercâmbio, cada um se beneficia da santidade dos outros, bem para além do prejuízo que o pecado de um possa ter causado aos outros. Assim, o recurso à comunhão dos santos permite ao pecador contrito ser purificado, mais cedo e mais eficazmente, das penas do pecado.

1476. Esses bens espirituais da comunhão dos santos também são chamados o tesouro da Igreja, "que não é uma soma de bens comparáveis às riquezas materiais acumuladas no decorrer dos séculos, mas é o valor infinito e inesgotável que têm junto a Deus as expiações e os méritos de Cristo, nosso Senhor, oferecidos para que a humanidade toda seja libertada do pecado e chegue à comunhão com o Pai. É em Cristo, nosso redentor, que se encontram em abundância as satisfações e os méritos de sua redenção" [485].

1477. "Pertence, além disso, a esse tesouro o valor verdadeiramente imenso, incomensurável e sempre novo que têm junto a Deus as preces e as boas obras da Bem-aventurada Virgem Maria e de todos os santos que, seguindo as pegadas de Cristo Senhor, por sua graça se santificaram e totalmente acabaram a obra que o Pai lhes confiara, de sorte que, operando a própria salvação, também contribuíram para a salvação de seus irmãos na unidade do corpo místico." [486]

OBTER A INDULGÊNCIA DE DEUS MEDIANTE A IGREJA

A indulgência se obtém de Deus mediante a Igreja, que, em virtude do poder de ligar e desligar que Cristo Jesus lhe concedeu, intervém em favor do cristão, abrindo-lhe o tesouro dos méritos de Cristo e dos santos para obter do Pai das misericórdias a remissão das penas temporais devidas a seus pecados. Assim, a Igreja não só vem em auxílio do cristão, mas também o incita a obras de piedade, de penitência e de caridade[487].

Uma vez que os fiéis defuntos em vias de purificação também são membros da mesma comunhão dos santos, podemos ajudá-los, entre outros modos, obtendo em favor deles indulgências para libertação das penas temporais devidas por seus pecados.

XI. A celebração do sacramento da Penitência

1480. Como todos os sacramentos, a Penitência é uma ação litúrgica. São estes ordinariamente os elementos da celebração: saudação e bênção do sacerdote, leitura da Palavra de Deus para iluminar a consciência e suscitar a contrição, exortação ao arrependimento; confissão que reconhece os pecados e os manifesta ao padre; imposição e aceitação da penitência; absolvição do sacerdote; louvor de ação de graças e despedida com a bênção do sacerdote.

1481. A liturgia bizantina conhece diversas fórmulas de absolvição, de 1449 forma deprecativa, que exprimem admiravelmente o mistério do perdão: "Que o Deus que pelo profeta Natã perdoou a Davi, que confessou seus próprios pecados; a Pedro, quando chorou amargamente; à prostituta, quando lavou seus pés com lágrimas; ao publicano e ao filho pródigo, que esse mesmo Deus vos perdoe, por mim, pecador, nesta vida e na outra, e vos faça comparecer em seu terrível tribunal sem vos condenar, Ele que é bendito nos séculos dos séculos. Amém"[488].

1482. O sacramento da Penitência também pode ter lugar no quadro de uma celebração comunitária, na qual as pessoas se preparam juntas para a confissão e também juntas agradecem pelo perdão recebido. Neste caso, a confissão pessoal dos pecados e a absolvição individual são inseridas numa liturgia da Palavra de Deus, com leituras e homilia, exame de consciência em comum, pedido comunitário de perdão, oração do Pai-Nosso e ação de graças em comum. Esta celebração comunitária exprime mais claramente o caráter eclesial da penitência. Mas, seja qual for o modo da celebração, o sacramento da Penitência sempre é, por sua própria natureza, uma ação litúrgica, portanto eclesial e pública [489].

1483. Em casos de necessidade grave, pode-se recorrer à celebração comunitária da reconciliação com confissão e absolvição gerais. Esta necessidade grave pode apresentar-

---

[482] Cf. Ef 4,24.
[483] Paulo VI, Const. ap. *Indulgentiarum doctrina,*
[484] Ibid.
[485] Paulo VI, Const. *ap.lndulgentiarum doctrina,* 5: AAS 59 (1967) 11.
[486] Paulo VI, Const. ap. *1ndulgentiarum doctrina,* 5.
[487] Cf. Paulo VI, loc. cit. 8; Conc. de Trento: DS 1835.
[488] *Euxologion to mega* (Atenas, 1922), p. 222.
[489] Cf. SC 26-27.

se quando há um perigo iminente de morte sem que o ou os sacerdotes tenham tempo suficiente para ouvir a confissão de cada penitente. A necessidade grave pode também apresentar-se quando, tendo-se em vista o número dos penitentes, não ha- vendo confessores suficientes para ouvir devidamente as confissões individuais num tempo razoável, de modo que os penitentes, sem culpa de sua parte, se veriam privados durante muito tempo da graça sacramental ou da sagrada Eucaristia. Nesse caso, os fiéis devem ter, para a validade da absolvição, o propósito de confessar individualmente seus pecados graves no devido tempo [490]. Cabe ao Bispo diocesano julgar se os requisitos para a absolvição geral existem [491]. Um grande concurso de fiéis por ocasião das grandes festas ou de peregrinação não constitui caso de tal necessidade grave [492].

1485. " A confissão individual e integral seguida da absolvição continua sendo o único modo ordinário pelo qual os fiéis se reconciliam com Deus e com a Igreja, salvo se uma impossibilidade física ou moral dispensar desta confissão." [493] Há razões profundas para isso. Cristo age em cada um dos sacramentos. Dirige-se pessoalmente a cada um dos 'pecadores: "Filho, os teus pecados estão perdoados" (Mc 2,5); ele é o médico que se debruça sobre cada um dos doentes que têm necessidade dele [494] para curá-los; ele os soergue e reintegra na comunhão fraterna. A confissão pessoal é, pois, a forma mais significativa da reconciliação com Deus e com a Igreja.

RESUMINDO

1485. "Dizendo isso, soprou sobre eles e Ihes disse: Recebei o Espírito Santo; aqueles a quem perdoardes os pecados ser-Ihes-ão perdoados; aqueles aos quais os retiverdes, ser-Ihes-ão retidos" (Jo 20,22-23).

1486. O perdão dos pecados cometidos após o Batismo é concedido por um sacramento próprio chamado sacramento da Conversão, da Confissão, da Penitência ou da Reconciliação.

1487. Quem peca fere a honra de Deus e seu amor, sua própria dignidade de homem chamado a ser filho de Deus e a saúde espiritual da Igreja, da qual cada cristão é uma pedra viva.

1488. Aos olhos da fé, nenhum mal é mais grave que o pecado, e nada tem conseqüências piores para os próprios pecadores, para a Igreja e para o mundo inteiro.

1489. Voltar à comunhão com Deus depois de a ter perdido pelo pecado é um movimento que nasce da graça do Deus misericordioso e solícito pela salvação dos homens. É preciso pedir esse dom precioso para si mesmo e também para os outros.

1490. O movimento de volta a Deus, chamado conversão e arrependimento, implica uma dor e uma aversão aos pecados cometidos e o firme propósito de não mais pecar no futuro. A conversão atinge, portanto, o passado e o futuro; nutre-se da esperança na misericórdia divina.

1491. O sacramento da Penitência é constituído de três atos do penitente e da absolvição dada pelo "sacerdote. Os atos do penitente são o arrependimento, a confissão ou manifestação dos pecados ao sacerdote e o propósito de cumprir a penitência e as obras de reparação.:

1492. O arrependimento (também chamado contrição) deve inspirar-se em motivos que decorrem da fé. o arrependimento estiver embasado no amor de caridade para com Deus, é chamado "perfeito"; se estiver fundado em outros motivos, será "imperfeito".

1493. Aquele que quiser obter a reconciliação com Deus e com a Igreja deve confessar ao sacerdote todos os pecados graves que ainda não confessou e de que se lembra depois de examinar cuidadosamente sua consciência. Mesmo sem ser necessária em si a confissão das faltas veniais, a Igreja não deixa de recomendá-la vivamente.

1494. O confessor propõe ao penitente o cumprimento de certos atos de "satisfação" ou de "penitência", para reparar o prejuízo causado pelo pecado e restabelecer os hábitos próprios ao discípulo de Cristo.

1495. Somente os sacerdotes que receberam da autoridade da Igreja a faculdade de absolver podem perdoar os pecados em nome de Cristo.

1496. Os efeitos espirituais do sacramento da Penitência são:

a reconciliação com Deus, pela qual o penitente recobra a graça;

a reconciliação com a Igreja;

a remissão da pena eterna devida aos pecados mortais;

a remissão, pelo menos em parte, das penas temporais, sequelas do pecado;

a paz e a serenidade da consciência e a consolação espiritual;

o acréscimo de forças espirituais para o combate cristão.

---

[490] Cf. CIC, cân. 962, 1.
[491] Cf. CIC, cân. 961, 2.
[492] Cf. CIC, cân. 961, 1.
[493] OP 31.
[494] Cf. Mc 2,17

1497. A confissão individual e integral dos pecados graves, seguida da absolvição, continua sendo o único meio ordinário de reconciliação com Deus e com a Igreja.

1498. Pelas indulgências, os fiéis podem obter para si mesmos e também para as almas do Purgatório a remissão das penas temporais, conseqüências dos pecados.

ARTIGO 5

A UNÇÃO DOS ENFERMOS

1499. "Pela sagrada Unção dos Enfermos e pela oração dos presbíteros, a Igreja toda entrega os doentes aos cuidados do Senhor sofredor e glorificado, para que os alivie e salve. Exorta os mesmos a que livremente se associem à paixão e à morte de Cristo e contribuam para o bem do povo de Deus."[495]

I. Seus fundamentos na economia da salvação

1500. A ENFERMIDADE NA VIDA HUMANA

A enfermidade e o sofrimento sempre estiveram entre os problemas mais graves da vida humana. Na doença, o homem experimenta sua impotência, seus limites e sua finitude. Toda doença pode fazer-nos entrever a morte.

1501. A enfermidade pode levar a pessoa à angústia, a fechar-se sobre si mesma e, às vezes, ao desespero e à revolta contra Deus. Mas também pode tomar a pessoa mais madura, ajudá-la a discernir em sua vida o que não é essencial, para voltar-se àquilo que é essencial. Não raro, a doença provoca uma busca de Deus, um retomo a Ele.

O ENFERMO DIANTE DE DEUS

1502. Q homem do Antigo Testamento vive a doença diante de Deus. É diante de Deus que ele faz sua queixa sobre a enfermidade [496], e é dele, o Senhor da vida e da morte, que implora a cura [497]. A enfermidade se toma caminho de conversão[498] e o perdão de Deus dá início à cura [499]. Israel chega à conclusão de que a doença, de uma forma misteriosa, está ligada ao pecado e, ao mal e que a fidelidade a Deus, segundo sua Lei, dá a vida: "Porque eu sou Iahweh, aquele que te restaura" (Ex 15,26). O profeta entrevê que o sofrimento também pode ter um sentido redentor para os pecados dos outros [500]. Finalmente, Isaías anuncia que Deus fará chegar um tempo para Sião em que toda falta será perdoada e toda doença será curada [501].

CRISTO - MÉDICO

1503. A compaixão de Cristo para com os doentes e suas nume rosas curas de enfermos de todo tipo[502] são um sinal evidente de que "Deus visitou o seu povo" [503] e de que o Reino de Deus está bem próximo. Jesus não só tem poder de curar, mas também de perdoar os pecados [504]: ele veio curar o homem inteiro, alma e corpo; é o médico de que necessitam os doentes [505]. Sua compaixão para com todos aqueles que sofrem é tão grande que ele se identifica com eles: "Estive doente e me visitastes" (Mt 25,36). Seu amor de predileção pelos enfermos não cessou, ao longo dos séculos, de despertar a atenção toda especial dos cristãos para com todos os que sofrem no corpo e na alma. Esse amor está na origem dos incansáveis esforços para aliviá-los.

1504. Muitas vezes Jesus pede aos enfermos que creiam [506]. Serve-se de sinais para curar: saliva e imposição das mãos [507], lama e ablução [508]. Os doentes procuram tocá-lo, [509]"porque dele saía uma força que a todos curava" (Lc 6,19). Também nos sacramentos Cristo continua a nos "tocar" para nos curar.

1505. Comovido com tantos sofrimentos, Cristo não apenas se deixa tocar pelos doentes, mas assume suas misérias: "Ele levou nossas enfermidades e carregou nossas doenças" [510]. Não curou todos os enfermos. Suas curas eram sinais da vinda do Reino de Deus. Anunciavam uma cura mais radical: a vitória sobre o pecado e a morte por sua Páscoa. Na cruz, Cristo tomou sobre si todo o peso do mal [511] e tirou o "pecado do mundo" (Jo 1,29). A enfermidade não é mais do que uma conseqüência do pecado. Por sua paixão e morte na cruz, Cristo deu um novo sentido ao sofrimento, que doravante pode configurar-nos com Ele e unir-nos à sua paixão redentora.

"CURAI OS ENFERMOS..."

---

[495] LG 11.
[496] Cf. Sl. 38.
[497] Cf. Sl 6,3; Is 38.
[498] Cf. Sl. 38,5; 39,9.12.
[499] Cf. Sl. 32,5; 107,20; Mc 2,5-12.
[500] Cf. Is 53,11.
[501] Cf. Is 33,24.
[502] Cf. Mt 4,24.
[503] Cf. Lc 7,16.
[504] Cf. Mc 2,5-12.
[505] Cf. Mc 2,17.
[506] Cf. Mc 5,34-36; 9,23.
[507] Cf. Mc 7,32-36; 8,22-25.
[508] Cf. Jo 9,6-15.
[509] Cf. Mc 3,10; 6,56.
[510] Mt 8,17; cf. Is. 53,4.
[511] Cf. Is. 53,4-6.

1506. Cristo convida seus discípulos a segui-lo, tomando cada um sua cruz [512]. Seguindo-o, adquirem uma nova visão da doença e dos doentes. Jesus os associa à sua vida pobre e de servidor. Faz com que participem de seu ministério de compaixão e de cura: "Partindo, eles pregavam que todos se arrependessem. E expulsavam muitos demônios e curavam muitos enfermos, ungindo-os com óleo" (Mc 6,12-13).

1507. O Senhor ressuscitado renova este envio ("Em meu nome... eles imporão as mãos sobre os enfermos e estes ficarão curados": Mc 16,17-18) e o confirma por meio dos sinais realizados pela Igreja ao invocar seu nome [513]. Esses sinais manifestam de um modo especial que Jesus é verdadeiramente "Deus que salva"[514].

1508. O Espírito Santo dá a algumas pessoas um carisma especial de cura [515] para manifestar a força da graça do ressuscita- do. Todavia, mesmo as orações mais intensas não conseguem obter a cura de todas as doenças. Por isso, S. Paulo deve aprender do Senhor que "basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que minha força manifesta todo o seu poder" (2Cor 12,9), e que os sofrimentos que temos de suportar podem ter como sentido "completar na minha carne o que falta às tribulações de Cristo por seu corpo, que é a Igreja" (Cl 1,24).

1509. "Curai os enfermos!" (Mt 10,8). A Igreja recebeu esta missão do Senhor e esforça-se por cumpri-la tanto pelos cuidados aos doentes como pela oração de intercessão com que os acompanha. Ela crê na presença vivificante de Cristo, médico da alma e do corpo. Esta presença age particularmente por intermédio dos sacramentos e, de modo especial, pela Eucaristia, pão que dá a vida eterna [516] a cujo liame com a saúde corporal S. Paulo alude [517].

1510. Entretanto, a Igreja apostólica conhece um rito próprio em favor dos doentes, atestado por S. Tiago: " Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja, para que orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará O doente e o Senhor o aliviará; e, se tiver cometido pecados, estes lhe serão perdoados" (Tg 5,14-15). A Tradição reconheceu neste rito um dos sete sacramentos da Igreja [518].

UM SACRAMENTO DOS ENFERMOS

1511. A Igreja crê e confessa que existe, entre os sete sacramentos, um sacramento especialmente destinado a reconfortar aqueles que são provados pela enfermidade: a Unção dos Enfermos.

Esta unção sagrada dos enfermos foi instituída por Cristo nosso Senhor como um sacramento do Novo Testamento, verdadeira e propriamente dito, insinuado por Marcos [519], mas recomendado aos fiéis e promulgado por. Tiago, Apóstolo e irmão do Senhor [520].

1512. Na tradição litúrgica, tanto no Oriente como no Ocidente, constam desde a Antigüidade testemunhos de unções de enfermos praticadas com óleo bento. No curso dos séculos, a Unção dos Enfermos foi cada vez mais conferida exclusivamente aos agonizantes. Por causa disso, recebeu o nome de "Extrema-Unção". Apesar desta evolução, a liturgia jamais deixou de orar ao Senhor para que o enfermo recobre a saúde, se tal convier à sua salvação [521].

1513. A constituição apostólica Sacram unctionem infirmorum, de 30 de novembro de 1972, seguindo o Concílio Vaticano II [522], estabeleceu que doravante, no rito romano, se observe o seguinte:

O sacramento da Unção dos Enfermos é conferido às pessoas acometidas de doenças perigosas, ungindo-as na fronte e nas mãos com óleo devidamente consagrado - óleo de oliveira ou outro óleo extraído de plantas -, dizendo uma só vez: "Por esta santa unção e por sua piíssima misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto de teus pecados, Ele te salve e, em sua bondade, alivie teus sofrimentos" [523].

II. Quem recebe e quem administra este sacramento?

EM CASO DE DOENÇA GRAVE...

1514. A Unção dos Enfermos "não é um sacramento só daqueles que se encontram às portas da morte. Portanto, tempo oportuno para receber a Unção dos Enfermos é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte por motivo de doença, debilitação física ou velhice" [524].

---

[512] Cf. Mt 10,38.
[513] Cf. At 9,34; 14,3.
[514] Cf. Mt 1,21; At 4,12.
[515] Cf. 1Cor 12,9.28.30.
[516] Cf. Jo 6,54.58.
[517] Cf. 1Cor 11,30.
[518] Cf. DS 216; 1324-1325; 1695-1696; 1716-1717.
[519] Cf. Mc 6,13.
[520] Conc. de Trento, 14ª sessão, *Doctrina de sacramento extremae Unctionis*, c. 1: DS 1695; cf. Tg 5,14-15.
[521] Cf. DS 1696.
[522] Cf. SC 73.
[523] Cf. CIC, cân. 847,1.
[524] SC 73; cf. CIC cân. 1004, 1; 1005; 1007; CCEO, cân. 738.

1515. Se um enfermo que recebeu a Unção dos Enfermos recobrar a saúde, pode, em caso de recair em doença grave, receber de novo este sacramento. No decorrer da mesma enfermidade, este sacramento pode ser reiterado se a doença se agravar.Permite-se receber a Unção dos Enfermos antes de uma cirurgia de alto risco. O mesmo vale também para as pessoas de idade avançada, cuja fragilidade se acentua.

"...QUE CHAME OS PRESBÍTEROS DA IGREJA "

1516. Só os sacerdotes (bispos e presbíteros) são ministros da Unção dos Enfermos [525]. É dever dos pastores instruir os fiéis sobre os benefícios deste sacramento. Que os fiéis incentivem os doentes a chamar o sacerdote, para receber este sacramento. Que os doentes se preparem para recebê-lo com boas disposições, com a ajuda de seu pastor e de toda a comunidade eclesial, que é convidada acercar de modo especial os doentes com suas orações e atenções fraternas.

III. Como é celebrado este sacramento?

1517. Como todos os sacramentos, a Unção dos Enfermos é uma celebração litúrgica e comunitária [526], quer tenha lugar na família, no hospital ou na Igreja, para um só enfermo ou para todo um grupo de enfermos. E de todo conveniente que ela se celebre dentro da Eucaristia, memorial da Páscoa do Senhor. Se as circunstâncias o permitirem, a celebração do sacramento pode ser precedida pelo sacramento da Penitência e seguida pelo sacramento da Eucaristia. Como sacramento da Páscoa de Cristo, a Eucaristia deveria sempre ser o último sacramento da peregrinação terrestre, o "viático" para a "passagem" à vida eterna.

1518. Palavra e sacramento formam um todo inseparável. A Liturgia da Palavra, precedida de um ato penitencial, abrirá a celebração. As palavras de Cristo, o testemunho dos apóstolos despertam a fé do enfermo e da comunidade para pedir ao Senhor a força de seu Espírito.

1519. A celebração do sacramento compreende principalmente os elementos seguintes: "os presbíteros da Igreja" [527] impõem - em silêncio - as mãos aos doentes; oram sobre eles na fé da Igreja [528].É a epiclese própria deste sacramento. Realizam então a unção com óleo consagrado, que, se possível, deve ser feita pelo Bispo.

Essas ações litúrgicas indicam a graça que esse sacramento confere aos enfermos.

IV. Os efeitos da celebração deste sacramento

1520. Um dom particular do Espírito Santo. O principal dom deste sacramento é uma graça de reconforto, de paz e de coragem para vencer as dificuldades próprias do estado de enfermidade grave ou da fragilidade da velhice. Esta graça é um dom do Espírito Santo que renova a confiança e a fé em Deus e fortalece contra as tentações do maligno, tentação de desânimo e de angústia diante da morte [529]. Esta assistência do Senhor pela força de seu Espírito quer levar o enfermo à cura da alma, mas também à do corpo, se for esta a vontade de Deus [530]. Além disso, "se ele cometeu pecados, eles lhe serão perdoados" (Tg 5,15) [531].

1521. A união com a paixão de Cristo. Pela graça deste sacramento o enfermo recebe a força e o dom de unir-se mais intimamente à paixão de Cristo: de certa forma ele é consagrado para produzir fruto pela configuração à paixão redentora do Salvador. O sofrimento, seqüela do pecado original, recebe um sentido novo: torna-se participação na obra salvífica de Jesus.

1522. Uma graça eclesial. Os enfermos que recebem este sacramento, "associando-se livremente à paixão e à morte de Cristo", "contribuem para o bem do povo de Deus" [532]. Ao celebrar este sacramento, a Igreja, na comunhão dos santos, intercede pelo bem do enfermo. E o enfermo, por sua vez, pela graça deste sacramento, contribui para a santificação da Igreja e para o bem de todos os homens pelos quais a Igreja sofre e se oferece, por Cristo, a Deus Pai.

1523. Uma preparação para a última passagem. Se o sacramento da Unção dos Enfermos é concedido a todos os que sofrem de doenças e enfermidades graves, com mais razão ainda cabe aos que estão às portas da morte (“in exitu vitae constituti”) [533]. Por isso, também foi chamado “sacramentum exeuntium” [534]. A Unção dos Enfermos completa nossa conformação com a Morte e Ressurreição de Cristo, como o Batismo começou a fazê-lo. É o termo das sagradas unções que acompanham toda a vida cristã: a do Batismo, que selou em nós a nova vida; a da confirmação, que nos fortificou para o combate desta

---

[525] Cf. Conc. de Trento: DS 1697; 1719; CIC cân. 1003; CCEO cân. 739,1.
[526] Cf. SC 27.
[527] Cf. Tg 5,14.
[528] Cf. Tg 5,15.
[529] Cf. Hb 2,15.
[530] Cf. Conc. de Florença: DS 1325.
[531] Tg 5,15; Cf. Conc. de Trento: DS 1717.
[532] LG 11.
[533] Conc. de Trento: DS 1698.
[534] Ibid.

vida. Esta derradeira unção fortalece o fim de nossa vida terrestre como que de um sólido baluarte para enfrentar as últimas lutas antes da entrada na casa do Pai [535].

V. O viático, último sacramento do cristão

1524. Aos que estão para deixar esta vida, a Igreja oferece, além da Unção dos Enfermos, a Eucaristia como viático. Recebida neste momento de passagem para o Pai, a comunhão do Corpo e Sangue de Cristo tem significado e importância particulares. É semente de vida eterna e poder de ressurreição, segundo as palavras do Senhor: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6,54). Sacramento de Cristo morto e ressuscitado, a Eucaristia é aqui sacramento da passagem da morte para a vida, deste mundo para o Pai [536].

1525. Assim como os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia constituem uma unidade chamada "os sacramentos da iniciação cristã", pode-se dizer que a Penitência, a Sagrada Unção e a Eucaristia como viático constituem, quando a vida cristã chega a seu término, "os sacramentos que preparam para a Pátria" ou os sacramentos que consumam a peregrinação.

RESUMINDO

1526. "Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o aliviará; e, se tiver cometido pecados, estes lhe serão perdoados" (Tg 5,14-15).

1527. O sacramento da Unção dos Enfermos tem por finalidade conferir uma graça especial ao cristão que está passando pelas dificuldades inerentes ao estado de enfermidade grave ou de velhice.

1528. O tempo oportuno para receber a sagrada unção é certamente aquele em que o fiel começa a encontrar-se em perigo de morte devido à doença ou à velhice.

1529. Cada vez que um cristão cair gravemente enfermo, pode receber a sagrada unção. Da mesma forma, pode recebê-la novamente se a doença se agravar.

1530. Só os sacerdotes (Bispos e presbíteros) podem administrar o sacramento da Unção dos Enfermos,. para conferi-lo, empregam óleo consagrado pelo Bispo ou, em caso de necessidade, pelo próprio presbítero celebrante.

1531. O essencial da celebração deste sacramento consiste na unção da fronte e das mãos do doente (no rito romano) ou de outras partes do corpo (no Oriente), unção acompanhada da oração litúrgica do presbítero celebrante, que pede a graça especial deste sacramento.

1532. A graça especial do sacramento da Unção dos Enfermos tem como efeitos:

a união do doente com a paixão de Cristo, para seu bem e o bem de toda a Igreja;

o reconforto, a paz e a coragem para suportar cristãmente os sofrimentos da doença ou da velhice;

o perdão dos pecados, se o doente não pode obtê-lo pelo sacramento da Penitência;

o restabelecimento da saúde, se isso convier à salvação espiritual;

a preparação para a passagem à vida eterna.

CAPÍTULO III

OS SACRAMENTOS DO SERVIÇO DA COMUNHÃO

1533. O Batismo, a Confirmação e a Eucaristia são os sacramentos da iniciação cristã. São a base da vocação comum de todos os discípulos de Cristo, vocação à santidade e à missão de evangelizar o mundo. Conferem as graças necessárias à vida segundo o Espírito nesta vida de peregrinos a caminho da Pátria.

1534. Dois outros sacramentos, a, ordem e o matrimônio, estão ordenados à salvação de outrem. Se contribuem também para a salvação pessoal, isso acontece por, meio do serviço aos outros. Conferem uma missão particular na Igreja e servem para a edificação do Povo de Deus.

1535. "Nesses sacramentos, os que já foram consagrados pelo Batismo e pela Confirmação [537] para" o sacerdócio comum de todos os fiéis podem receber consagrações específicas. Os que recebem o, sacramento da Ordem são consagrados para ser, em nome de Cristo, "pela palavra e pela graça de Deus, os pastores da Igreja" [538]. Por sua vez, "os esposos cristãos, para cumprir dignamente os deveres de seu estado são fortalecidos e como que consagrados por um sacramento especial" [539].

ARTIGO 6

O SACRAMENTO DA ORDEM

---

[535] Ibid.: DS 1694.
[536] Cf. Jo 13,1.
[537] Cf. LG 10.
[538] LG 11.
[539] GS 48.2.

1536. A Ordem é o sacramento graças ao qual a missão confiada por Cristo a seus Apóstolos continua sendo exercida na Igreja até o fim dos tempos; é, portanto, o sacramento do ministério apostólico. Comporta três graus: o episcopado, o presbiterado e o diaconado.

(Sobre a instituição e a missão do ministério apostólico por Cristo, veja-se acima. Aqui, só se trata da via sacramental pela qual se transmite este ministério.)

I. Por que o nome sacramento da Ordem?

1537. A palavra ordem, na Antigüidade romana, designava corpos constituídos no sentido civil, sobretudo o corpo dos que governavam. "Ordinatio" (ordenação) designa a integração num "ordo" (ordem). Na Igreja, há corpos constituídos que a Tradição, não sem fundamento na Sagrada Escritura [540], chama, desde os tempos primitivos, de "taxeis" (em grego; pronuncie "tacseis"), de "ordines" (em latim). Por exemplo, a liturgia fala do "ordo episcoporum" (ordem dos bispos), do "ordo presbyterorum" (ordem dos presbíteros), do "ordo diaconorum" (ordem dos diáconos). Outros grupos recebem também este nome de "ordo": os catecúmenos, as virgens, os esposos, as viúvas etc.

1538. A integração em um desses corpos da Igreja era feita por um rito chamado ordinatio, ato religioso e litúrgico que consistia numa consagração, numa bênção ou num sacramento. Hoje a palavra "ordinatio" é reservada ao ato sacramental que integra na ordem dos bispos, presbíteros e diáconos e que transcende uma simples eleição, designação, delegação ou instituição pela comunidade, pois confere um dom do Espírito Santo que permite exercer um "poder sagrado" ("sacra potestas") [541] que só pode vir do próprio Cristo, por meio de sua Igreja. A ordenação também é chamada "consecratio" por ser um pôr à parte, uma investidura, pelo próprio Cristo, para sua Igreja. A imposição das mãos do bispo, com a oração consecratória, constitui o sinal visível desta consagração.

II. O sacramento da Ordem na economia da salvação

O SACERDÓCIO NA ANTIGA ALIANÇA

1539. O povo eleito foi constituído por Deus como "um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Ex 19,6) [542]. Mas, dentro do povo de Israel, Deus escolheu uma das doze tribos, a de Levi, reservando-a para o serviço litúrgico [543]; Deus mesmo é sua herança [544]. Um rito próprio consagrou as origens do sacerdócio da antiga aliança [545]. Os sacerdotes são aí "constituídos para intervir em favor dos homens em suas relações com Deus, a fim de oferecer dons e sacrifícios pelos pecados" [546].

1540. Instituído para anunciar a palavra de Deus[547] e para restabelecer a comunhão com Deus pelos sacrifícios e pela oração, esse sacerdócio continua, não obstante, impotente para operar a salvação. Precisa, por isso, repetir sem cessar os sacrifícios, e não é capaz de levar à santificação definitiva [548], que só o sacrifício de Cristo deveria operar.

1541. Entretanto, a liturgia da Igreja vê no sacerdócio de Aarão, no ser- viço dos levitas e na instituição dos setenta "anciãos" [549] prefigurações do ministério ordenado da nova aliança. Assim, no rito latino, a Igreja reza no prefácio consecratório da ordenação dos bispos:

Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo por vossa palavra estabelecestes leis na Igreja; e escolhestes desde o princípio um povo santo, descendente de Abraão, dando-lhe chefes e sacerdotes, e jamais deixastes sem ministros o vosso santuário...[550]

1542 Na ordenação dos presbíteros, a Igreja reza:

Assisti-nos, Senhor, Pai santo. Já no Antigo Testamento, em sinais prefigurativos, surgiram vários ofícios por vós instituídos, de modo que, tendo à frente Aarão para guiar e santificar o vosso povo, lhes destes colaboradores de menor ordem e dignidade. Assim, no deserto, comunicastes a setenta homens prudentes o espírito dado a Moisés, que, com o auxílio deles, pôde mais facilmente governar o vosso povo. Do mesmo modo, derramastes copiosamente sobre os filhos de Aarão a plenitude concedida a seu pai, para que o serviço dos sacerdotes segundo a Lei fosse suficiente para os sacrifícios do tabernáculo [551].

1543. E, na oração consecratória para a ordenação dos diáconos, a Igreja professa:

Ó Deus todo poderoso...fazeis crescer...a vossa Igreja. Para a edificação do novo templo, constituístes três ordens de ministros para servirem ao vosso nome, como outrora escolhestes os filhos de Levi para o serviço do antigo santuário[552].

O ÚNICO SACERDÓCIO DE CRISTO

---

[540] Cf. Hb 5,6; 7,11; Sl. 110,4.
[541] Cf. LG 10.
[542] Cf. Is 61,6.
[543] Cf. Nm 1,48-53.
[544] Cf. Js 13,33.
[545] Cf. Ex 29,1-30; Lv 8.
[546] Cf. Hb 5,1.
[547] Cf. Ml 2,7-9.
[548] Cf. Hb 5,3; 7,27; 10,1-4.
[549] Cf. Nm 11,24-25.
[550] *Pontificale Romanum. De Ordinatione Episcopi* Prex ordinationis, 47, Tipografia Poliglota Vaticana, 1990, p. 24.
[551] Cf. *Pontificale Romanum. De Ordinatione Episcopi, presbyterorum et dia- conorum,* De Ordinatione presbyterorum. Prex ordinationis, 159, Tipografia Poliglota Vaticana, 1990, pp. 91-92.
[552] Cf. *Pontificale Romanum. De Ordinatione Episcopi, presbyterorum et diaconorum,* De Ordinatione diaconorum. Prex ordinationis, 207, Tipografia Poliglota Vaticana, 1990, p. 121.

1544. Todas as prefigurações do sacerdócio da antiga aliança encontram seu cumprimento em Cristo Jesus, "único mediador entre Deus e os homens" (1 Tm 2,5). Melquisedec, "sacerdote do Deus Altíssimo" (Gn 14,18), é considerado pela Tradição cristã como uma prefiguração do sacerdócio de Cristo, único "sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec" (Hb 5,10; 6,20), "santo, inocente, imaculado" (Hb 7,16), que "com uma única oferenda levou à perfeição, e para sempre, os que ele santifica" (Hb 10,14), isto é, pelo único sacrifício de sua Cruz.

1545. O sacrifício redentor de Cristo é único, realizado uma vez por todas. Não obstante, toma-se presente no sacrifício eucarístico da Igreja. O mesmo acontece com o único sacerdócio de Cristo: toma-se presente pelo sacerdócio ministerial, sem diminuir em nada a unicidade do sacerdócio de Cristo. "Por isso, somente Cristo é O verdadeiro sacerdote; os outros são seus ministros." [553]

DUAS PARTICIPAÇÕES NO SACERDÓCIO ÚNICO DE CRISTO

1546. Cristo, sumo sacerdote e único mediador, fez da Igreja "um Reino de sacerdotes para Deus, seu Pai" (Ap 1,6) [554]. Toda a comunidade dos fiéis é, como tal, sacerdotal. Os fiéis exercem seu sacerdócio batismal por meio de sua participação, cada qual segundo sua própria vocação, na missão de Cristo, Sacerdote, Profeta e Rei. É pelos sacramentos do Batismo e da Confirmação que os fiéis são "consagrados para ser...um sacerdócio santo" [555].

1547 O sacerdócio ministerial ou hierárquico dos bispos e dos presbíteros e o sacerdócio comum de todos os fiéis, embora "ambos participem, cada qual a seu modo, do único sacerdócio de Cristo" [556], diferem, entretanto, essencialmente, mesmo sendo "ordenados um ao outro" [557]. Em que sentido? Enquanto o sacerdócio comum dos fiéis se realiza no desenvolvimento da graça batismal, vida de fé, de esperança e de caridade, vida segundo o Espírito, o sacerdócio ministerial está a serviço do sacerdócio comum, refere-se ao desenvolvimento da graça batismal de todos os cristãos. É um dos meios pelos quais Cristo não cessa de construir e de conduzir sua Igreja. Por isso, é transmitido por um sacramento próprio, o sacramento da Ordem.

"IN PERSONA CHRISTI CAPITIS" (NA PESSOA DE CRISTO CABEÇA...)

1548. No serviço eclesial do ministro ordenado, é o próprio Cristo que está presente à sua Igreja enquanto Cabeça de seu Corpo, Pastor de seu rebanho, Sumo Sacerdote do sacrifício redentor, Mestre da Verdade. A Igreja o expressa dizendo que o sacerdote, em virtude do sacramento da Ordem, age "in persona Christi Capitis" (na pessoa de Cristo Cabeça) [558]:

Na verdade, o ministro faz as vezes do próprio Sacerdote, Cristo Jesus. Se, na verdade, o ministro é assimilado ao Sumo Sacerdote por causa da consagração sacerdotal que recebeu, goza do poder de agir pela força do próprio Cristo que representa ("virtute ac persona ipsius Christi") [559].

"Cristo é a origem de todo sacerdócio: pois o sacerdote da [Antiga] Lei era figura dele, ao passo que o sacerdote da nova lei age em sua pessoa. "[560]

1549. Pelo ministério ordenado, especialmente dos bispos e dos presbíteros, a presença de Cristo como chefe da Igreja se toma visível no meio da comunidade dos fiéis [561]. Segundo a bela expressão de Sto. Inácio de Antioquia, o Bispo é "typos tou Patros" I 142 (pronuncie: typos tu patrós), como a imagem viva de Deus Pai. [562].

1550. Esta presença de Cristo no ministro não deve ser compreendida como se este estivesse imune a todas as fraquezas humanas, ao espírito de dominação, aos erros e até aos pecados. A força do Espírito Santo não garante do mesmo modo todos os atos dos ministros. Enquanto nos sacramentos esta garantia é assegurada, de tal forma que mesmo o pecado do ministro não possa impedir o fruto da graça, há muitos outros atos em que a conduta humana do ministro deixa traços que nem sempre são sinal de fidelidade ao Evangelho e que podem, por conseguinte, prejudicar a fecundidade apostólica da Igreja.

1551. Esse sacerdócio é ministerial. "Esta missão que o Senhor confiou aos pastores de seu povo é um verdadeiro serviço." [563] Refere-se inteiramente a Cristo e aos homens. Depende inteiramente de Cristo e de seu sacerdócio único, e foi instituído em favor dos homens e da comunidade da Igreja. O sacramento da ordem comunica "um poder sagrado" que é o próprio poder de Cristo. O exercício desta autoridade deve, pois, ser medido pelo modelo de Cristo que, por amor, se fez o último e servo de todos [564]. "O

---

[553] Sto. Tomás de Aquino, Hebr., 7,4.
[554] Cf. Ap 5,9-10; lPd 2,5.9.
[555] LG 10.
[556] LG 10.
[557] LG 10.
[558] Cf. LG 10; 28; SC 33; CD 11; PO 2; 6.
[559] Pio XII, enc. *Mediator Dei.*
[560] Sto. Tomás de Aquino, S. Th. III,22,4.
[561] Cf. LG 21.
[562] Trall., 3, 1; cf. Magn., 6,1.
[563] LG 24.
[564] Cf. Mc 10,43-45; 1Pd 5,3.

Senhor disse claramente que cuidar de seu rebanho é uma prova de amor para com Ele." [565]

"EM NOME DE TODA A IGREJA "

1552. A tarefa do sacerdócio ministerial não é apenas representar Cristo - Cabeça da Igreja - diante da assembléia dos fiéis; ele age também em nome de toda a Igreja quando apresenta a Deus a oração da Igreja [566] e sobretudo quando oferece o sacrifício eucarístico [567].

1553 "Em nome de toda a Igreja" não quer dizer que os sacerdotes sejam os delegados da comunidade. A oração e a oferenda da Igreja são inseparáveis da oração e da oferenda de Cristo, sua Cabeça. Trata-se sempre do culto de Cristo na e por sua Igreja. É toda a Igreja, corpo de Cristo, que ora e se oferece, "per ipsum et cum ipso et in ipso" (por Ele, com Ele e nEle), na unidade do Espírito Santo, a Deus Pai. Todo o corpo, "caput et membra" (cabeça e membros), ora e se oferece, e é por isso que aqueles que são especialmente os ministros no corpo são chamados ministros não somente de Cristo, mas também da Igreja. É por representar Cristo que o sacerdócio ministerial pode representar a Igreja.

III. Os três graus do sacramento da Ordem

1554. "O ministério eclesiástico, divinamente instituído, é exercido em diversas ordens pelos que desde a antigüidade são chamados bispos, presbíteros e diáconos." [568] A doutrina católica, expressa na liturgia, no magistério e na prática constante da Igreja, reconhece que existem dois graus de participação ministerial no sacerdócio de Cristo: o episcopado e o presbiterado. O diaconado se destina a ajudá-los e a servi-los. Por isso, o termo "sacerdos" designa, na prática atual, os bispos e os sacerdotes, mas não os diáconos. Não obstante, ensina a doutrina católica que os graus de participação sacerdotal (episcopado e presbiterado) e o de serviço (diaconado) são conferidos por um ato sacramental chamado "ordenação", isto é, pelo sacramento da Ordem.

Que todos reverenciem os diáconos como Jesus Cristo, como também o Bispo, que é imagem do Pai, e os presbíteros como o senado de Deus e como a assembléia dos apóstolos: sem eles não se pode falar de Igreja[569].

A ORDENAÇÃO EPISCOPAL - PLENITUDE DO SACRAMENTO DA ORDEM

1555. "Entre aqueles vários ministérios, que desde os primeiros tempos são exercidos na Igreja, conforme atesta a Tradição, o lugar principal é ocupado pelo múnus daqueles que, constituídos no episcopado, conservam a semente apostólica por uma sucessão que vem ininterrupta desde o começo. "[570]

1556. Para desempenhar sua missão, "os Apóstolos foram enriquecidos por Cristo com especial efusão do Espírito Santo, que desceu sobre eles. E eles mesmos transmitiram a seus colaboradores, mediante a imposição das mãos, este dom espiritual que chegou até nós pela sagração episcopal" [571].

1557. O Concílio Vaticano II "ensina, pois, que pela sagração episcopal se confere a plenitude do sacramento da Ordem, que, tanto pelo costume litúrgico da Igreja como pela voz dos Santos Padres, é chamada o sumo sacerdócio, a realidade total ('summa') do ministério sagrado" [572].

1558. " A sagração episcopal, juntamente com o múnus de santificar, confere também os de ensinar e de reger... De fato, mediante a imposição das mãos e as palavras da sagração, é concedida a graça do Espírito Santo e impresso o caráter sagrado, de tal modo que os Bispos, de maneira eminente e visível, fazem as vezes do próprio Cristo, Mestre, Pastor e Pontífice, e agem em seu nome ('in eius persona agant')." [573] "Os Bispos, portanto, pelo Espírito Santo que lhes foi dado, foram constituídos como verdadeiros e autênticos mestres da fé, pontífices e pastores." [574]

1559. " Alguém é constituído membro do corpo episcopal pela sagração sacramental e pela hierárquica comunhão com o chefe e os membros do Colégio." [575] O caráter e a natureza colegial da ordem episcopal se manifestam, entre outras, na antiga prática da Igreja, que requer para a consagração de um novo Bispo a participação de vários Bispos [576]. Para a legítima ordenação de um Bispo, é hoje exigida uma especial intervenção do Bispo de Roma, em razão de sua qualidade de vínculo visível supremo da comunhão das Igrejas particulares na única Igreja e garantia de sua liberdade.

1560. Cada Bispo, como vigário de Cristo, tem o encargo pastoral da Igreja particular que lhe foi confiada, mas ao mesmo tempo ele, colegialmente, com todos os seus irmãos no

---

[565] S. João Crisóstomo, Sac., 2,4: PG 48,635D; cf. Jo 21,15-17.
[566] Cf. SC 33.
[567] Cf. LG 10.
[568] LG 28.
[569] Sto. lnácio de Antioquia, Trall., 3,1.
[570] LG 20.
[571] LG 21.
[572] Ibid.
[573] Ibid.
[574] CD 2.
[575] LG 22.
[576] Cf. ibid.

episcopado, deve ter solicitude por todas as Igrejas: "Se cada Bispo só é pastor propriamente dito da porção do rebanho que lhe foi confiada, sua qualidade de legítimo sucessor dos apóstolos por instituição divina o toma solidariamente responsável pela missão apostólica da Igreja" [577].

1561 Tudo o que acabamos de dizer explica por que a Eucaristia celebrada pelo Bispo tem um significado todo especial como expressão da Igreja reunida em tomo do altar sob a presidência daquele que representa visivelmente Cristo, Bom Pastor e Cabeça de sua Igreja [578].

A ORDENAÇÃO DOS PRESBÍTEROS - COOPERADORES DOS BISPOS

1562. "Cristo, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo (Jo 10,36), fez os Bispos participantes de sua consagração e missão, por meio dos apóstolos, de quem são sucessores. Os Bispos transmitiram legitimamente o múnus de seu ministério em grau diverso a pessoas diversas na Igreja." [579] "O múnus de seu ministério foi por sua vez confiado em grau subordinado aos presbíteros, para que - constituídos na ordem do presbiterado com o fito de cumprir a missão apostólica transmitida por Cristo - fossem os colaboradores da ordem episcopal." [580]

1563 "0 ofício dos presbíteros, por estar ligado à ordem episcopal, participa da autoridade com que o próprio Cristo constrói, santifica e rege seu corpo. Por isso, o sacerdócio dos presbíteros, supondo os sacramentos da iniciação cristã, é conferido por meio daquele sacramento peculiar mediante o qual os presbíteros, pela unção do Espírito Santo, são assinalados com um caráter especial e assim configurados com Cristo sacerdote, de forma apoderem agir em nome de Cristo Cabeça em pessoa." [581]

1564. "Embora os presbíteros não possuam o ápice do pontificado e no exercício de seu poder dependam dos Bispos, estão contudo com eles unidos na dignidade sacerdotal. Em virtude do sacramento da Ordem, segundo a imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote [582], eles são consagrados para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento. " [583]

1565. Em virtude do sacramento da Ordem, os presbíteros participam das dimensões universais da missão confiada por Cristo aos Apóstolos. O dom espiritual que receberam na ordenação prepara-os não para uma missão limitada e restrita, "mas para a missão amplíssima e universal da salvação até os confins da terra " [584], "com o espírito pronto para pregar o Evangelho por toda parte" [585].

1566. "Eles exercem seu sagrado múnus principalmente no culto eucarístico ou sinaxe, na qual, agindo na pessoa de Cristo e proclamando seu mistério, unem os pedidos dos fiéis ao sacrifício de sua Cabeça e, até a volta do Senhor, tomam presente e aplicam no sacrifício da missa o único sacrifício do Novo Testamento,

isto é, o sacrifício de Cristo que, como hóstia imaculada, uma vez por todas se ofereceu ao Pai. " [586] É desse sacrifício único que retiram a força de todo o seu ministério sacerdotal [587].

1567. "Solícitos cooperadores da ordem episcopal, seu auxílio e instrumento, chamados para servir ao povo de Deus, os sacerdotes formam com seu Bispo um único presbitério, empenhados, porém, em diversos ofícios. Em cada comunidade local de fiéis, tomam presente de certo modo o Bispo, ao qual se associam com coração confiante e generoso. Assumem, como próprias, as funções e as, solicitudes do Bispo e as exercem em seu empenho cotidiano pelos fiéis [588]. Os presbíteros só podem exercer seu ministério na dependência do Bispo e em comunhão com ele. A promessa de obediência que fazem ao Bispo no momento da ordenação e o ósculo da paz do Bispo no fim da liturgia da ordenação significam que o bispo os considera como seus colaboradores, filhos, irmãos e amigos, e em troca eles lhe devem amor e obediência.

1568. "Estabelecidos na ordem do presbiterado por meio da ordenação, os presbíteros estão ligados entre si por uma íntima fraternidade sacramental; de modo especial, porém, formam um só presbitério na diocese para cujo serviço estão escalados sob a direção do próprio Bispo." [589] A unidade do presbitério encontra uma expressão litúrgica na prática que recomenda que os presbíteros, por sua vez, imponham as mãos, depois do Bispo, durante o rito da ordenação.

A ORDENAÇÃO DOS DIÁCONOS - "PARA O SERVIÇO"

---

[577] Pio XII, enc. *Fidei donum;* cf. LG 23; CD 4; 36; 37; AG 5; 6; 38.
[578] Cf. SC 41; LG 26.
[579] LG 28.
[580] PO 2.
[581] PO 2.
[582] Cf. Hb 5,1-10; 7,24; 9,11-28.
[583] LG 28.
[584] PO 10.
[585] OT 20.
[586] LG 28.
[587] Cf. PO 2.
[588] LG 28.
[589] PO 8.

1569. No grau inferior da hierarquia encontram-se os diáconos. São-lhes impostas as mãos "não para o sacerdócio, mas para o serviço" [590]. Para a ordenação ao diaconado, só o Bispo impõe as mãos, significando assim que o diácono está especialmente ligado ao Bispo nas tarefas de sua "diaconia" [591].

1570. Os diáconos participam de modo especial na missão e na graça de Cristo [592]. São marcados pelo sacramento da Ordem comum sinal ("caráter"), que ninguém poderá apagar e que os configura a Cristo, que se fez "diácono", isto é, servidor de todos [593]. Cabe aos diáconos, entre outros serviços, assistir o Bispo e,os padres na celebração dos divinos mistérios, sobretudo a Eucaristia, distribuir a Comunhão, assistir ao Matrimônio e abençoá-lo, proclamar o Evangelho e pregar, presidir os funerais e consagrar-se aos diversos serviços da caridade [594].

1571. Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja latina restabeleceu o diaconato "como grau próprio e permanente da hierarquia" [595], ao passo que as Igrejas do Oriente sempre o mantiveram. Esse diaconato

permanente, que pode ser conferido a homens casados, constitui um importante enriquecimento para a missão da Igreja. De fato, será útil e apropriado que aqueles que cumprem na Igreja um ministério verdadeiramente diaconal, quer na vida litúrgica e pastoral, quer nas obras sociais e caritativas, "sejam corroborados e mais intimamente ligados ao altar pela imposição das mãos, tradição que nos vem desde os apóstolos. Destarte desempenharão mais eficazmente o seu ministério mediante a graça sacramental do diaconato" [596].

IV. A celebração deste sacramento

1572. A celebração da ordenação de um Bispo, de presbíteros ou de diáconos, devido à sua importância para a vida da Igreja particular, exige o concurso do maior número possível de fiéis. Deverá realizar-se de preferência num domingo e na catedral, com uma solenidade adaptada à circunstância. As três ordenações - do Bispo, do padre e do diácono - seguem o mesmo movimento. Seu lugar é no seio da Liturgia Eucarística.

1573. O rito essencial do sacramento da Ordem consta, para os três graus, da imposição das mãos pelo Bispo sobre a cabeça do ordenando e da oração consagratória específica, que pede a Deus a efusão do Espírito Santo e de seus dons apropriados ao ministério para o qual o candidato é ordenado [597].

1574. Como todos os sacramentos, ritos anexos cercam a celebração. Variando consideravelmente nas diferentes tradições litúrgicas, o que têm em comum é exprimir os múltiplos aspectos da graça sacramental. Assim, os ritos iniciais no rito latino - a apresentação e a eleição do ordinando, a alocução do Bispo, o interrogatório do ordinando, a ladainha de todos os santos - atestam que a escolha do candidato foi feita de conformidade com a prática da Igreja e preparam o ato solene da consagração, depois da qual diversos ritos vêm exprimir e concluir, de maneira simbólica, o mistério que acaba de consumar-se: para o Bispo e para o presbítero, a unção do santo crisma, sinal da unção especial do Espírito Santo que toma fecundo seu ministério; entrega do livro dos Evangelhos, do anel, da mitra e do báculo ao bispo, em sinal de sua missão apostólica de anúncio da Palavra de Deus, de sua fidelidade à Igreja, esposa de Cristo, de seu cargo de pastor do rebanho do Senhor; entrega da patena e do cálice ao presbítero, "a oferenda do povo santo" [598] que ele deve apresentar a Deus; entrega do livro dos Evangelhos ao diácono, que acaba de receber a missão de anunciar o Evangelho de Cristo.

V. Quem pode conferir este sacramento ?

1575. Foi Cristo quem escolheu os apóstolos, fazendo-os participar de sua missão e autoridade. Elevado à direita do Pai, Ele não abandonou seu rebanho, mas guarda-o por meio dos Apóstolos, sob sua constante proteção, e o dirige ainda pelos mesmos pastores que continuam até hoje sua obra [599]. Portanto, é Cristo "que concede" a uns serem apóstolos, a outros pastores [600]. Ele continua agindo por intermédio dos Bispos[601].

1576 Como o sacramento da Ordem é o sacramento do ministério apostólico, cabe aos Bispos, como sucessores dos apóstolos, transmitir "o dom espiritual" [602], "a semente apostólica" [603]. Os Bispos validamente ordenados, isto é, que estão na linha da sucessão apostólica, conferem validamente os três graus do sacramento da ordem [604].

---

[590] LG 29; cf. CD 15.
[591] Cf. Sto. Hipólito, Trad. ap., 8.
[592] Cf. LG 41, AG 16.
[593] Cf. Mc 10,45, Lc 22,27, S. Policarpo, Ep. ad Phil., 5,2.
[594] Cf. LG 29, SC 35, 4, AG 16.
[595] LG 29.
[596] AG 16.
[597] Cf. Pio XII, const ap. *Sacramentum Ordinis: D*S 3858.
[598] Cf. Pontificale Romanum. *De Ordinatione Episcopi, presbyterorum et diaconorum, De Ordinatione presbyterorum.* Traditio pauis et vini, 163, Tipografia Poliglota Vaticana, 1990, p. 95.
[599] Cf. MR, Prefácio dos apóstolos, I.
[600] Cf. Ef 4,11.
[601] Cf. LG 21.
[602] LG 21.
[603] LG 20.
[604] Cf. DS 794 e 802; CIC, cân. 1012; CCEO, cân. 744; 747.

VI. Quem pode receber este sacramento?

1577 "Só um varão ('vir') batizado pode receber validamente a ordenação sagrada. "[605] O Senhor Jesus escolheu homens ("viri") para formar o colégio dos doze Apóstolos [606], e os apóstolos fizeram o mesmo quando escolheram os colaboradores [607] que seriam seus sucessores na missão [608]. O colégio dos Bispos, ao qual os presbíteros estão unidos no sacerdócio, toma presente e atualiza, até o retomo de Cristo, o colégio dos doze. A Igreja se reconhece vinculada por essa escolha do próprio Senhor. Por isso, a ordenação de mulheres não é possível [609].

1578. Ninguém tem o direito de receber o sacramento da ordem. De fato, ninguém pode arrogar-se a si mesmo este cargo. A pessoa é chamada por Deus para esta honra [610]. Aquele que crê verificar em si os sinais do chamado divino ao ministério ordenado deve submeter humildemente seu desejo à autoridade da Igreja, à qual cabe a responsabilidade e o direito de convocar alguém para receber as ordens. Como toda graça, esse sacramento não pode ser recebido a não ser como um dom imerecido.

1579. Todos os ministros ordenados da Igreja latina, com exceção dos diáconos permanentes, normalmente são escolhidos entre os homens fiéis que vivem como celibatários e querem guardar o celibato "por causa do Reino dos Céus" (Mt 19,12). Chamados a consagrar-se com indiviso coração ao Senhor e a "cuidar das coisas do Senhor" [611], entregam-se inteiramente a Deus e aos homens. O celibato é um sinal desta nova vida a serviço da qual o ministro da Igreja é consagrado; aceito com coração alegre, ele anuncia de modo radiante o Reino de Deus [612]

1580. Nas Igrejas orientais, está em vigor, há séculos, uma disciplina diferente: enquanto os Bispos só são escolhidos entre os celibatários, homens casados podem ser ordenados diáconos e padres. Esta praxe é considerada legítima há muito tempo; esses padres exercem um ministério muito útil no seio de suas comunidades [613]. O celibato dos presbíteros, por outro lado, é muito honrado nas Igrejas orientais, e são numerosos os que o escolhem livremente, por causa do Reino de Deus. No Oriente como no Ocidente, aquele que recebeu o sacramento da Ordem não pode mais casar-se.

VII. Os efeitos do sacramento da Ordem

O CARÁTER INDELÉVEL "

1581. Este sacramento toma a pessoa semelhante a Cristo por meio de uma graça especial do Espírito Santo, para servir de instrumento de Cristo em favor de sua Igreja. Pela ordenação, a pessoa se habilita a agir como representante de Cristo, Cabeça da Igreja, em sua tríplice função de sacerdote, profeta e rei.

1582. Como no caso do Batismo e da Confirmação, esta participação na função de Cristo é concedida uma vez por todas. O sacramento da Ordem também confere um caráter espiritual indelével e não pode ser reiterado nem conferido temporariamente [614].

1583. Alguém validamente ordenado pode, é claro, por motivos graves, ser exonerado das obrigações e das funções ligadas à ordenação ou ser proibido de exercê-las [615], mas jamais poderá voltar a ser leigo no sentido estrito [616], porque o caráter impresso pela ordenação permanece para sempre. A vocação e a missão recebidas no dia de sua ordenação marcam a pessoa de modo permanente.

1584. Como, afinal de contas, quem age e opera a salvação é Cristo, por intermédio do ministro ordenado, a indignidade deste não impede Cristo de agir [617]. Sto. Agostinho diz isso categoricamente:

O ministro orgulhoso deve ser colocado junto com o diabo, mas nem por isso é contaminado o dom de Cristo, que, por esse ministro, continua a fluir em sua pureza e, por meio dele, chega límpido e cai em terra fértil... Na verdade, a virtude espiritual do sacramento se assemelha à luz: os que devem ser iluminados a recebem em sua pureza, pois, mesmo que tenha de atravessar seres mancha- dos, ela não se contamina [618].

A GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO

1585. A graça do Espírito Santo própria deste sacramento é a graça da configuração a Cristo Sacerdote, Mestre e Pastor, do qual o homem ordenado é constituído ministro.

1586 No caso do Bispo, trata-se de uma graça de força ("O Espírito que constitui chefes": Oração de consagração do Bispo do rito latino) [619]: a graça de guiar e de defender com

---

[605] CIC, cân. 1024.
[606] Cf. Mc 3,14-19; Lc 6,12-16.
[607] Cf. 1Tm 3,1-13; 2Tm 1,6; Tt 1,5-9.
[608] Cf. S. Clemente de Roma, Cor. 42,4: SC 167,168-170 (Funk 1,152); ibid. 55,3: SC 167,172 (Funk 1,156).
[609] Cf. MD 26-27; A AS 80 (1988) 1715-1720; id., Ep. ap. *Ordinatio sacerdotalis:* A AS 86 (1994) 545-548; CDF, *1nter Insigniores:* A AS 69 (1977) 98-116; id., *Responsum ad dubium circa doctrinam in Epist. Ap. "Ordinatio sacerdotalis" traditam:* AAS 87 (1995) 1114.
[610] Cf. Hb 5,4.
[611] Cf. 1Cor 7,32.
[612] Cf. PO 16.
[613] Cf. PO 16.
[614] Cf. Conc. de Trento: DS 1767; LG 21; 28; 29; PO 2.
[615] Cf. CIC, cân. 290-293; 1336, 1,3°,5°; 1338,2.
[616] Cf. Conc. de Trento: DS 1774.
[617] Cf. Conc. de Trento: DS 1612; DS 1154.
[618] In Jo 5,15.
[619] *Pontificale Romanum. De Ordinatione Episcopi, presbyterorum et diaco- norum,* De Ordinatione episcopi. Prex ordinationis, 47, Tipografia Poliglota Vaticana, 1990, p. 24.

força e prudência sua Igreja como pai e pastor, com um amor gratuito por todos e uma predileção pelos pobres, doentes e necessitados[620]. Esta graça o impele a anunciar o Evangelho a todos, a ser o modelo de seu rebanho, a precedê-lo no caminho da santificação, identificando-se na Eucaristia com Cristo sacerdote e vítima, sem medo de entregar a vida por suas ovelhas:

Pai, que conheceis os corações, concedei a vosso servo que escolhestes para o episcopado apascentar vosso santo rebanho e exercer irrepreensivelmente diante de vós o sumo sacerdócio, servindo-vos noite e dia; que ele tome incessantemente propício vosso olhar e ofereça os dons de vossa santa Igreja; que, em virtude do espírito do sumo sacerdócio, tenha o poder de perdoar os pecados segundo o vosso mandamento, distribua os cargos conforme vossa ordem e se desligue de todo vínculo em virtude do poder que destes aos apóstolos; que ele vos seja agradável por sua doçura e seu coração puro, oferecendo-vos um perfume agradável, por intermédio de vosso Filho, Jesus Cristo... [621]

1587. O dom espiritual conferido pela ordenação presbiteral se expressa por esta oração própria do rito bizantino. O bispo, impondo a mão, diz entre outras coisas:

Senhor, dignai-vos cumular do dom do Espírito Santo aquele que vos dignastes elevar ao grau do sacerdócio, a fim de que seja digno de manter-se irrepreensível diante de vosso altar, anunciar o Evangelho de vosso Reino, cumprir o ministério de vossa palavra de verdade, oferecer dons e sacrifícios espirituais, renovar vosso povo pelo banho da regeneração, de forma que ele próprio se encaminhe para o grande Deus e Salvador Jesus Cristo, vosso Filho único, no dia de sua segunda vinda, e que receba de vossa imensa bondade a recompensa de uma fiel administração de sua ordem [622].

1588. Quanto aos diáconos, "a graça sacramental lhes concede a força necessária para servir ao povo de Deus na' diaconia ' da liturgia, da palavra e da caridade, em comunhão com O Bispo e seu presbitério" [623].

1589. Diante da grandeza da graça e da missão sacerdotais, os santos doutores sentiram o urgente apelo à conversão, a fim de corresponder através de toda a sua vida Àquele de quem são constituídos ministros pelo sacramento. Neste sentido, S. Gregório Nazianzeno, ainda jovem sacerdote, não pôde deixar de exclamar:

É preciso começar a purificar-se antes de purificar os outros, é preciso ser instruído para poder instruir, é preciso tomar-se luz para iluminar, aproximar-se de Deus para aproximar dele os outros, ser santificado para santificar, conduzir pela mão e aconselhar com perspicácia [624]. Sei muito bem de quem somos ministros, em que nível nos encontramos e quem é aquele para o qual nos dirigimos. Conheço a sublimidade de Deus e a fraqueza do homem, mas também sua força [625]. [Quem é, pois, o sacerdote?] É o defensor da verdade, eleva-se com os anjos, glorifica com os arcanjos, leva ao altar celeste as vítimas do sacrifício, partilha do sacerdócio de Cristo, remodela a criatura, restabelecendo (nela) a imagem (de Deus), recria-a para o mundo do alto e, para dizer o que há de mais sublime, é divinizado e diviniza [626].

E o Santo Cura d'Ars: "É o sacerdote que continua a obra de redenção na terra "..."Se soubéssemos o que é o sacerdote na terra, morreríamos não de espanto, mas de amor"..."O sacerdócio é o amor do coração de Jesus" [627].

RESUMINDO

1590. S. Paulo disse a seu discípulo Timóteo: " Eu te exorto a reavivar o dom de Deus que há em ti pela imposição de minhas mãos" (2Tm 1,6), e "se alguém aspira ao episcopado, boa obra deseja" (1Tm 3,1). A Tito dizia ele: "Eu te deixei em Creta para cuidares da organização e ao mesmo tempo para que constituas presbíteros em cada cidade, cada qual devendo ser como te prescrevi" (Tt 1,5).

1591. Toda a Igreja é um povo sacerdotal. Graças ao Batismo, todos os fiéis participam do sacerdócio de Cristo. Esta participação se chama " sacerdócio comum dos fiéis". Baseado nele e a seu serviço existe outra participação na missão de Cristo, a do ministério conferido pelo sacramento da Ordem, cuja tarefa é servir em nome e na pessoa de Cristo Cabeça no meio da comunidade.

1592. O sacerdócio ministerial difere essencialmente do sacerdócio comum dos fiéis porque confere um poder sagrado para o serviço dos fiéis. Os ministros ordenados exercem seu serviço com o povo de Deus por meio ensinamento (munus docendi: " encargo de ensinar"), do culto divino {munus liturgicum: " encargo litúrgico") e do governo pastoral (munus regendi: " encargo de governar").

1593. Desde as origens, o ministério ordenado foi conferido e exercido em três graus: o dos bispos, o dos presbíteros e o dos diáconos. Os ministérios conferidos pela ordenação

---

[620] Cf. CD 13 e 16.
[621] Sto. Hipólito, Trad. ap., 3.
[622] Eucologia da liturgia bizantina.
[623] LG 29.
[624] Or., 2,71: PG 38,480B.
[625] Ibid., 2,74: PG 46, 481B.
[626] Ibid., 2,73: PG 35,481A
[627] Nodet, Jean-Marie Vianney, 100

são insubstituíveis na estrutura orgânica da Igreja. Sem o bispo, os presbíteros e os diáconos, não se pode falar de Igreja [628]. O Bispo recebe a plenitude do sacramento da ordem que o insere no Colégio episcopal e faz dele o chefe visível da Igreja particular que lhe é confiada. Os Bispos, como sucessores dos apóstolos e membros do Colégio, participam da responsabilidade apostólica e da missão de toda a Igreja, sob a autoridade do papa, sucessor de S. Pedro.

1595. Os presbíteros estão unidos aos bispos na dignidade sacerdotal e ao mesmo tempo dependem deles no exercício de suas funções pastorais,. são chamados a ser atentos cooperadores dos Bispos; formam em torno de seu Bispo o "presbitério", que com ele é responsável pela Igreja particular. Recebem do Bispo o encargo de uma comunidade paroquial ou de uma função eclesial determinada.

1596. Os diáconos são ministros ordenados para as tarefas de serviço da Igreja,. não recebem o sacerdócio ministerial, mas a ordenação lhes confere funções importantes no ministério da Palavra, do culto divino, do governo pastoral e do serviço da caridade, tarefas que devem cumprir sob a autoridade pastoral de seu Bispo.

1597. O sacramento da Ordem é conferido pela imposição das mãos, seguida de uma solene oração consecratória que pede a Deus, para o ordinando, as graças do Espírito Santo, necessárias para exercer seu ministério. A ordenação imprime um caráter sacramental indelével.

1598. A Igreja só confere o sacramento da ordem a homens (viris) batizados, cujas aptidões para o exercício do ministério foram devidamente comprovadas. Cabe à autoridade da Igreja a responsabilidade e o direito de chamar alguém para receber as Sagradas Ordens.

1599. Na Igreja latina, o sacramento da Ordem para o presbiterado normalmente é conferido apenas a candidatos que estão prontos a abraçar livremente o celibato e manifestam publicamente sua vontade de guardá-lo por amor do Reino de Deus e do serviço aos homens.

1600. Cabe aos Bispos conferir o sacramento da Ordem nos três graus.

ARTIGO 7

O SACRAMENTO DO MA TRIMÔNIO

1601. "A aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão da vida toda, é ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à geração e educação da prole, e foi elevada, entre os batizados, à dignidade de sacramento por Cristo Senhor." [629]

I. O Matrimônio no desígnio de Deus

1602. A sagrada Escritura abre-se com a criação do homem e da mulher à imagem e semelhança de Deus[630] se fecha-se com a visão das "núpcias do Cordeiro" (Ap 19)[631]. De um extremo a outro, a Escritura fala do casamento e de seu "mistério", de sua instituição e do sentido que lhe foi dado por Deus, de sua origem e de seu fim, de suas diversas realizações ao longo da história da salvação, de suas dificuldades provenientes do pecado e de sua renovação "no Senhor" (1Cor 7,39), na nova aliança de Cristo e da Igreja [632].

O MATRIMÔNIO NA ORDEM DA CRIAÇÃO

1603. "A íntima comunhão de vida e de amor conjugal que o Criador fundou e dotou com suas leis [...] O próprio [...] Deus é o autor do matrimônio." [633] A vocação para o Matrimônio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, conforme saíram da mão do Criador. O casamento não é uma instituição simplesmente humana, apesar das inúmeras variações que sofreu no curso dos séculos, nas diferentes culturas, estruturas sociais e atitudes espirituais. Essas diversidades não devem fazer esquecer os traços comuns e permanentes. Ainda que a dignidade desta instituição não transpareça em toda parte com a mesma clareza [634], existe, contudo, em todas as culturas, um certo sentido da grandeza da união matrimonial. "A salvação da pessoa e da sociedade humana está estreitamente ligada ao bem-estar da comunidade conjugal e familiar." [635]

1604. Deus, que criou o homem por amor, também o chamou para o amor, vocação fundamental e inata de todo ser humano. Pois o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus [636], que é Amor [637]. Tendo-os Deus criado homem e mulher, seu amor mutuo se torna uma imagem do amor absoluto e indefectível de Deus pelo homem. Esse amor é bom, muito bom, aos olhos do Criador, que "é amor" (l Jo 4,8.16). E esse amor abençoado por Deus é destinado a ser fecundo e a realizar-se na obra comum de preservação da

---

[628] Cf. Sto. Inácio de Antioquia, Trall., 3,1.
[629] CIC, cân. 1055, 1.
[630] Cf. Gn 1,26-27.
[631] Cf. Ap 19,7
[632] Cf. Ef 5,31-32.
[633] GS. 48,1.
[634] Cf. GS 47,2.
[635] GS 47, 1.
[636] Cf. Gn 1,27.
[637] Cf. l Jo 4,8.16.

criação: "Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a" (Gn 1,28).

1605. Que o homem e a mulher tenham sido criados um para o outro, a sagrada Escritura o afirma: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2,18). A mulher, "carne de sua carne" [638], isto é, igual a ele, bem próxima dele, lhe foi dada por Deus como um "auxílio" [639], representando, assim, "Deus, em quem está o nosso socorro"[640]. "Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne" (Gn 2,24). Que isto significa uma unidade indefectível de suas duas vidas, o próprio Senhor no-lo mostra lembrando qual foi, "na origem", o desígnio do Criador[641]: "De modo que já não são dois, mas uma só carne" (Mt 19,6).

O CASAMENTO SOB O REGIME DO PECADO

1606. Todo homem sofre a experiência do mal, à sua volta e em si mesmo. Esta experiência também se faz sentir nas relações entre o homem e a mulher. Sua união sempre foi ameaçada pela discórdia, pelo espírito de dominação, pela infidelidade, pelo ciúme e por conflitos que podem chegar ao ódio e à ruptura. Essa desordem pode manifestar-se de maneira mais ou menos grave, e pode ser mais ou menos superada, segundo as culturas, as épocas, os indivíduos. Tais dificuldades, no entanto, parecem ter um caráter universal.

1607. Segundo a fé, essa desordem que dolorosamente constatamos não vem da natureza do homem e da mulher, nem da natureza de suas relações, mas do pecado. Tendo sido uma ruptura com Deus, o primeiro pecado tem, como primeira conseqüência, a ruptura da comunhão original do homem e da mulher. Suas relações começaram a ser deformadas por acusações recíprocas [642]; sua atração mútua, dom do próprio Criador [643], transforma-se em relações de dominação e de cobiça [644]; a bela vocação do homem e da mulher para ser fecundos, multiplicar-se e sujeitar a terra [645] é onerada pelas dores de parto e pelo suor do ganha-pão [646].

1608. Não obstante, a ordem da criação subsiste, apesar de gravemente perturbada. Para curar as feridas do pecado, o homem e a mulher precisam da ajuda da graça que Deus, em sua misericórdia infinita, jamais lhes recusou [647]. Sem esta ajuda, o homem e a mulher não podem chegar a realizar a união de suas vidas para a qual foram criados "no princípio".

O CASAMENTO SOB A PEDAGOGIA DA LEI.

1609. Em sua misericórdia, Deus não abandonou o homem pecador. As penas que acompanham o pecado, "as dores da gravidez e de dar à luz"[648], O trabalho "com o suor de teu rosto" (Gn 3,19) constituem também remédios que atenuam os prejuízos do pecado. Após a queda, O casamento ajuda a vencer a centralização em si mesmo, o egoísmo, a busca do próprio prazer, e a abrir-se ao outro, à ajuda mútua, ao dom de si.

1610. A consciência moral concernente à unidade e à indissolubilidade do Matrimônio desenvolveu-se sob a pedagogia da lei antiga. A poligamia dos patriarcas e dos reis ainda não fora explicitamente rejeitada. Entretanto, a lei dada a Moisés visava proteger a mulher contra o arbítrio da dominação pelo homem, apesar de também trazer, segundo a palavra do Senhor, os traços da "dureza do coração" do homem, em razão da qual Moisés permitiu o repúdio da mulher [649].

1611. Examinando a aliança de Deus com Israel sob a imagem de um amor conjugal exclusivo e fiel [650], os profetas prepararam a consciência do povo eleito para uma compreensão mais profunda da unicidade e indissolubilidade do Matrimônio [651]. Os livros de Rute e de Tobias dão testemunhos comoventes do elevado sentido do casamento, da fidelidade e da ternura dos esposos. A Tradição sempre viu no Cântico dos Cânticos uma expressão única do amor humano, visto que é reflexo do amor de Deus, amor "forte como a morte", que "as águas da torrente jamais poderão apagar" (Ct 8,6- 7).

O CASAMENTO NO SENHOR

1612. A aliança nupcial entre Deus e seu povo Israel havia preparado a nova e eterna aliança na qual o Filho de Deus, encarnando-se e entregando sua vida, uniu-se de certa maneira com toda a humanidade salva por ele [652], preparando, assim, "as núpcias do Cordeiro"[653].

---

[638] Cf. Gn 2,23.
[639] Cf. Gn 2,18.
[640] Cf. Sl 121,2.
[641] Cf. Mt 19,4.
[642] Cf. Gn 3,12.
[643] Cf. Gn 2,23.
[644] Cf. Gn 3,16b.
[645] Cf. Gn 1,28.
[646] Cf. Gn 3,16-19.
[647] Cf. Gn 3,21.
[648] Cf. Gn 3,16.
[649] Cf. Mt 19,8; Dt 24,1.
[650] Cf. Os 1-3; Is 54; 62; Jr 2-3; 31; Ez 16; 23.
[651] Cf. Ml 2,13-17.
[652] Cf. GS 22.
[653] Cf. Ap 19,7.9.

1613. No limiar de sua vida pública, Jesus opera seu primeiro sinal - a pedido de sua Mãe - por ocasião de uma festa de casamento [654]. A Igreja atribui grande importância à presença de Jesus nas núpcias de Caná. Vê nela a confirmação de que o casamento é uma realidade boa e o anúncio de que, daí em diante, será ele um sinal eficaz da presença de Cristo.

1614 Em sua pregação, Jesus ensinou sem equívoco o sentido original da união do homem e da mulher, conforme quis o Criador desde o começo. A permissão de repudiar a própria, mulher, concedida por Moisés, era uma concessão devida à dureza do coração [655]; a união matrimonial do homem e da mulher é indissolúvel, pois Deus mesmo a ratificou: "O que Deus uniu, o homem não deve separar" (Mt 19,6).

1615 É provável que esta insistência sem equívoco na indissolubilidade do vínculo matrimonial deixasse as pessoas perplexas e aparecesse como uma exigência irrealizável [656]. Todavia, isso não quer dizer que Jesus tenha imposto um fardo impossível de carregar e pesado demais para os ombros dos esposos [657], mais pesado que a Lei de Moisés. Como Jesus veio para restabelecer a ordem inicial da criação perturbada pelo pecado, ele mesmo dá a força e a graça para viver o casamento na nova dimensão do Reino de Deus. É seguindo a Cristo, renunciando a si mesmos e tomando cada um sua cruz [658] que os esposos poderão "compreender" [659] o sentido original do casamento e vivê-lo com a ajuda de Cristo. Esta graça do matrimônio cristão é um fruto da Cruz de Cristo, fonte de toda vida cristã.

1616. É justamente isso que o apóstolo Paulo quer fazer entender quando diz: "E vós, maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la" (Ef 5,25-26), acrescentando imediatamente: "Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão ambos uma só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e sua Igreja" (Ef 5,31-32).

1617. Toda a vida cristã traz a marca do amor esponsal de Cristo e da Igreja. Já o Batismo, entrada no Povo de Deus, é um mistério nupcial: é, por assim dizer, o banho das núpcias [660] que precede o banquete de núpcias, a Eucaristia. O Matrimônio cristão se toma, por sua vez, sinal eficaz, sacramento da aliança de Cristo e da Igreja. O Matrimônio entre batizados é um verdadeiro sacramento da nova aliança, pois significa e comunica a graça [661].

A VIRGINDADE POR CAUSA DO REINO

1618. Cristo é o centro de toda a vida cristã. O vínculo com Ele está em primeiro lugar, na frente de todos os outros vínculos, familiares ou sociais [662]. Desde o começo da Igreja, houve homens e mulheres que renunciaram ao grande bem do Matrimônio para seguir o Cordeiro onde quer que fosse [663], para ocupar-se com as coisas do Senhor, para procurar agradar-lhe [664], para ir ao encontro do Esposo que vem [665]. O próprio Cristo convidou alguns para segui-lo neste modo de vida, cujo modelo continua sendo ele mesmo:

Há eunucos que nasceram assim do ventre materno. E há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens. E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus. Quem tiver capacidade para compreender compreenda! (Mt 19,12).

1619. A virgindade pelo Reino dos Céus é um desdobramento da graça batismal, um poderoso sinal da preeminência do vínculo com Cristo, da ardente expectativa de seu regresso, um sinal que também lembra que o Matrimônio é uma realidade da figura deste mundo que passa [666].

1620. Ambos, o sacramento do Matrimônio e a virgindade pelo Reino de Deus, provêm do próprio Senhor. É Ele que lhes dá sentido e concede a graça indispensável para vivê-los em conformidade com sua vontade[667]. A estima da virgindade por causa do Reino [668] e o sentido cristão do casamento são inseparáveis e se ajudam mutuamente:

Denegrir o Matrimônio é ao mesmo tempo minorar a glória da virgindade; elogiá-lo é realçar a admiração que se deve à virgindade... Porque, afinal, o que não parece um bem senão em comparação com um mal não pode ser verdadeiramente um bem, mas o que é ainda melhor que bens incontestáveis é o bem por excelência [669].

II. A celebração do Matrimônio

1621. No rito latino, a celebração do Matrimônio entre dois fiéis católicos normalmente ocorre dentro da santa missa, em vista do vínculo de todos os sacramentos com o mistério

---

[654] Cf. Jo 2 1-11.
[655] Cf. Mt 19,8.
[656] Cf. Mt 19,10.
[657] Cf. Mt 11,29-30.
[658] Cf. Mc 8,34.
[659] Cf. Mt 19,11.
[660] Cf. Ef 5,26-27.
[661] Cf. Conc. de Trento, 243 sessão, *Doctrina de sacramento matrimonii: DS 1800; CIC, cân. 1055,1.*
[662] Cf. Lc 14,26; Mc 10,28-31.
[663] Cf. Ap 14,4.
[664] Cf. 1Cor 7,32.
[665] Cf. Mt 25,6.
[666] Cf. Mc 12,25; 1Cor 7,31.
[667] Cf. Mt 19,3-12.
[668] Cf. LG 42; PC 12; OT 10.
[669] S. João Crisóstomo, Virg. 10,1; cf. FC 16.

pascal de Cristo [670]. Na Eucaristia se realiza o memorial da nova aliança, na qual Cristo se uniu para sempre à Igreja, sua esposa bem-amada, pela qual se entregou [671]. Portanto, é conveniente que os esposos selem seu consentimento de entregar-se um ao outro pela oferenda de suas próprias vidas, unindo-o à oferenda de Cristo por sua Igreja, que se toma presente no Sacrifício Eucarístico, e recebendo a Eucaristia, a fim de que, comungando no mesmo Corpo e no mesmo Sangue de Cristo, eles "formem um só corpo" nele [672].

1622. "Como gesto sacramental de santificação, a celebração litúrgica do Matrimônio...deve ser válida por si mesma, digna e frutuosa." [673] Convém, pois, que os futuros esposos se disponham à celebração de seu casamento recebendo o sacramento da Penitência.

1623. Segundo a tradição latina, são os esposos que, como ministros da graça de Cristo, se conferem mutuamente o sacramento do Matrimônio, expressando diante da Igreja seu consentimento. Nas tradições das Igrejas Orientais, os sacerdotes, Bispos ou presbíteros, são testemunhas do consentimento recíproco dos esposos [674], mas também é necessária a bênção deles para a validade do sacramento [675].

1624. As diversas liturgias são ricas em orações de bênção e de epiclese para pedir a Deus a graça e a bênção sobre o novo casal, especialmente sobre a esposa. Na epiclese deste sacramento, os esposos recebem o Espírito Santo como comunhão de amor de Cristo e da Igreja [676]. É Ele o selo de sua aliança, a fonte que incessantemente oferece seu amor, a força em que se renovará a fidelidade dos esposos.

III. O consentimento matrimonial

1625. Os protagonistas da aliança matrimonial são

Os Sete Sacramentos da Igreja

III. O consentimento matrimonial

1625. Os protagonistas da aliança matrimonial são um homem e uma mulher batizados, livres para contrair o matrimônio e que expressam livremente seu consentimento. “Ser livre” quer dizer:_

- não sofrer constrangimento;
- não ser impedido por uma lei natural ou eclesiástica.

1626. A Igreja considera a troca de consentimento entre os esposos como elemento indispensável “que produz o matrimônio”[660677]. Se faltar o consentimento, não há casamento.

1627. O consentimento consiste num “ato humano pelo qual os cônjuges se doam e se recebem mutuamente”[661]: “Eu te recebo por minha mulher” — “Eu te recebo por meu marido”[662]. Este consentimento que liga os esposos entre si encontra seu cumprimento no fato de “os dois se tomarem uma só carne”[663].

1628.O consentimento deve ser um ato da vontade de cada um dos contraentes, livre de violência ou de medo grave externo.[664]• Nenhum poder humano pode suprir esse consentimento[665]. Se faltar esta liberdade, o casamento será inválido.

1629. Por esta razão (ou por outras razões que tomam nulo e inexistente o Matrinônio[666]), a Igreja pode, após exame da situação pelo tribunal eclesiástico competente, declarar “a nulidade do casamento”, isto é, que o casamento jamais existiu. Neste caso, os contraentes ficam livres para casar-se, respeitando as obrigações naturais provenientes de uma união anterioi[667].

1630. O sacerdote (ou o diácono) que assiste à celebração do Matrimônio acolhe o consentimento dos esposos em nome da Igreja e dá a bênção da Igreja. A presença do ministro da Igreja (e também das testemunhas) exprime visivelmente que o casamento é uma realidade eclesial.

1631.Ë por esta razão que a Igreja normalmente exige de seus fiéis a forma *eclesiástica* da celebração do casamento[668]. Diversas razões concorrem para explicar esta determinação:

— O casamento-sacramento é um ato *litargico.* Por isso, convém que seja celebrado na liturgia pública da Igreja.

— O Matrimônio foi introduzido num *ordo* eclesial, cria direitos e deveres na Igreja, entre os esposos e relativos à prole.

— Sendo o matrimônio um estado de vida na Igreja, énecessário que haja certeza a seu respeito (daí a obrigação de haver testemunhas).

---

[670] Cf. SC 61.
[671] 655. Cf. LG 6.
[672] Cf. 1Cor 10,17.
[673] FC 67.
[674] Cf. CCEO can. 817.
[675] Cf. CCEO Can. 828.
[676] Cf. Ef 5,32.
[677] 660. CIC, cân. 1057, 1. —661. GS 48, 1; *cf.* CIC, cân. 1057,2.— 662.0cM 62, Tipografia Poliglota Vaticana, 1991, p. 17.— 663. Cf. Gn 2,24; Mc 10,8; Ef 5,31.— 664. *Cf.* dc, cân. 1103.— 665. CIC, cân. 1057, 1.— 666. Cf. CIC, cân. 1083-1108. —667. Cf. CIC,cân. 1071,1.3.—668.Cf.Conc.deTrento:DS 1813-1816;CIC,cân. 1108.

— O caráter público do consentimento protege o mútuo “Sim” que um dia foi dado e ajuda a permanecer-lhe fiel.

1632. Para que o “sim” dos esposos seja um ato livre e responsável e para que a aliança matrimonial tenha bases humanas e cristãs sólidas e duráveis, a *preparação* para o casamento é de primeira importância:

O exemplo e o ensinamento dos pais e da família continuam sendo o caminho privilegiado desta preparação.

O papel dos pastores e da comunidade cristã como “família de Deus” é indispensável para a transmissão dos valores humanos e cristãos do Matrimônio e da família[669], e mais ainda porque em nossa época muitos jovens conhecem a experiência dos lares desfeitos que não garantem mais suficientemente esta iniciação (feita dentro da família):

Os jovens devem ser instruídos convenientemente e a tempo sobre a dignidade, a função e o exercício do amor conjugal, a fim de que, preparados no cultivo da castidade, possam passar,

na idade própria, do noivado honesto para as núpcias[670].

Os CASAMENTOS MISTOS E A DISPARIDADE DE CULTO

1633 Em muitos países, a situação do *casamento misto* (entre católico e batizado não-católico) se apresenta com muita freqüência. Isso exige uma atenção particular dos cônjuges e dos pastores. O caso dos casamentos com *disparidade de culto* (entre católico e não-batizado) exige uma circunspecção maior ainda.

1634 A diferença de confissão entre os cônjuges não constitui obstáculo insuperável para o casamento, desde que consigam pôr em comum o que cada um deles recebeu em sua comunidade e aprender um do outro o modo de viver sua fidelidade a Cristo. Mas nem por isso devem ser subestimadas as dificuldades dos casamentos mistos. Elas se devem ao fato de que a separação dos cristãos é uma questão ainda não resolvida. Os esposos correm o risco de sentir o drama da desunião dos cristãos no seio do próprio lar. A disparidade de culto pode agravar ainda mais essas dificuldades. As divergências concernentes à fé, à própria concepção do casamento, como também mentalidades religiosas diferentes, podem constituir uma fonte de tensões no casamento, principalmente no que tange à educação dos filhos. Uma tentação pode então apresentar se: a indiferença religiosa.

1635. Conforme o direito em vigor na Igreja Latina, um casamento misto exige, para sua liceidade, a permissão *expressa* da autoridade eclesiástica[671][678]. Em caso de disparidade de culto, requer-se uma *dispensa expressa* do impedimento para a validade do casamento[672]. Esta permissão ou esta dispensa supõem que as duas partes conheçam e não excluam os fins e as propriedades essenciais do casamento, e também que a parte católica confirme o empenho, com o conhecimento também da parte não-católica, de conservar a própria fé e assegurar o batismo e a educação dos filhos na Igreja católica[673].

1636. Em multas regiões, graças ao diálogo ecumênico, as comunidades cristãs envolvidas conseguiram criar uma *pastoral comum para os casarmentos mistos.* Sua tarefa é ajudar esses casais a viver sua situação particular à luz da fé. Deve também ajudá-los a superar as tensões entre as obrigações que um tem para com o outro e suas obrigações para com suas comunidades eclesiais, além de incentivar o desabrochar daquilo que lhes é comum na fé e o respeito por tudo que os separa.

1637. Nos casamentos com disparidade de culto, o cônjuge católico tem uma missão particular: “Pois o marido não-cristão é santificado pela esposa, e a esposa nao-cristã é santificada pelo marido cristão” (lCor 7,14). Será uma grande alegria para o cônjuge cristão e para a Igreja se esta “santificação” levar o cônjuge à livre conversão à fé cristã[674]. O amor conjugal sincero, a humilde e paciente prática das virtudes familiares e a oração perseverante podem preparar o cônjuge não-cristão a acolher a graça da conversao.

IV. Os efeitos do sacramento do Matrimônio

1638 “Do Matrimônio válido origina-se entre os cônjuges um *vínculo* que, por sua natureza, é perpétuo e exclusivo; além disso, no matrimônio cristão, os cônjuges são robustecidos e como que consagrados por *um sacramento especial* aos deveres e à dignidade de seu estado.”[675]

O VÍNCULO MATRIMONIAL

1639 O consentimento pelo qual os esposos se entregam e se acolhem mutuamente é selado pelo próprio Deus[676]. De sua aliança “se origina também diante da sociedade uma instituição firmada por uma ordenação divina”[677]. A aliança dos esposos é integrada na aliança de Deus com os homens: “O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino

---

[678] 669.Cf.CIC, cân.1063.-670.GS49, 3. 671. Cf. dc, cân. 1124. —672. Cf. CIC, cân. 1086. —673. Cf. CIC, cân. 1125. — 674. *Cf.* lCor 7,16.

1640 O *vínculo matrimonial* é, pois, estabelecido pelo próprio Deus, de modo que o casamento realizado e consumado entre batizados jamais pode ser dissolvido. Este vínculo que resulta do ato humano livre dos esposos e da consumação do casamento é uma realidade irrevogável e dá origem a uma aliança garantida pela fidelidade de Deus. Não cabe ao poder da Igreja pronunciar-se contra esta disposição da sabedoria divina[679].

A GRAÇA DO SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

1641 "Em seu estado de vida e função, (os esposos cristãos) têm um dom especial dentro do povo de Deus."[680] Esta graça própria do sacramento do Matrimônio se destina a aperfeiçoar o amor dos cônjuges, a fortificar sua unidade indissolúvel. Por esta graça "eles se ajudam mutuamente a santificar-se na vida conjugal, como também na aceitação e educação dos filhos"[681].

1642 *Cristo é a fonte desta graça.* "Como outrora Deus tomou a iniciativa do pacto de amor e fidelidade com seu povo, assim agora o Salvador dos homens, Esposo da Igreja, vem ao encontro dos cônjuges cristãos pelo sacramento do Matrimônio."[682] Permanece com eles, concede-lhes a força de segui-Lo levando sua cruz e de Levantar-se depois da queda, perdoar-se mutuamente, carregar o fardo uns dos outros[683], "submeter-se uns aos outros no temor de Cristo" (Ef *5,21)* e amar-se com um amor sobrenatural, delicado e fecundo. Nas alegrias de seu amor e de sua vida familiar, Ele lhes dá, aqui na terra, um antegozo do festim de núpcias do Cordeiro.

Onde poderei haurir a força para descrever satisfatoriamente a felicidade do Matrimônio administrado pela Igreja, confirmado pela doação mútua, selado pela bênção? Os anjos o proclamam, o Pai celeste o ratifica... O casal ideal não é o de dois cristãos unidos por uma única esperança, um único desejo, uma única disciplina, o mesmo serviço? Ambos filhos de um mesmo Pai, servos de um mesmo Senhor. Nada pode separá-los, nem no espírito nem na carne; ao contrário, eles são verdadeiramente dois numa só carne. Onde a carne é uma só, um também é o espírito[684].

V. Os bens e as exigências do amor conjugal

1643. "O amor conjugal comporta uma totalidade na qual entram todos os componentes da pessoa apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afetividade, aspiração do espírito e da

vontade; o amor conjugal dirige-se a uma unidade profundamente pessoal, aquela que, para além da união numa só carne, não conduz senão a um só coração e a uma só alma; ele exige a *indissolubilidade* e a *fidelidade* da doação recíproca definitiva e abre-se à *fecundidade.* Numa palavra, trata-se das características normais de todo amor conjugal natural, mas com um significado novo que não só as purifica e as consolida, mas eleva-as, a ponto de tomá-las a expressão dos valores propriamente cristãos."[685]

A UNIDADE E A INDISSOLUBILIDADE DO MATRIMÔNIO

1644. O amor dos esposos exige, por sua própria natureza, a unidade e a indissolubilidade da comunidade de pessoas que engloba toda a sua vida: "De modo que já não são dois, mas uma só carne" (Mt 19,6). "Eles são chamados a crescer continuamente nesta comunhão por meio da fidelidade cotidiana à promessa matrimonial do dom total recíproco."[687] Esta comunhão humana é confirmada, purificada e aperfeiçoada pela comunhão em Jesus Cristo, concedida pelo sacramento do Matrimônio. E aprofundada pela vida da fé comum e pela Eucaristia recebida pelos dois.

1645. "A unidade do Matrimônio é também claramente confirmada pelo Senhor mediante a igual dignidade do homem e da

mulher como pessoas, a qual deve ser reconhecida no amor mútuo e perfeito."[688] A *poligamia* é contrária a essa igual dignidade e ao amor conjugal, que é único e exclusivo[689].

A FIDELIDADE DO AMOR CONJUGAL

1646. O amor conjugal exige dos esposos, por sua própria natureza, uma fidelidade inviolável. Isso é a conseqüência do dom de si mesmos que os esposos fazem um ao outro. O amor quer ser definitivo. Não pode ser "até nova ordem". "Esta união íntima, doação recíproca de duas pessoas e o bem dos filhos exigem a perfeita fidelidade dos cônjuges e sua indissolúvel unidade."[69~~

1647. O motivo mais profundo se encontra na fidelidade de Deus à sua aliança, de Cristo à sua Igreja. Pelo sacramento do Matrimônio, os esposos se habilitam a representar esta fidelidade e a testemunhá-la. Pelo sacramento, a indissolubilidade do casamento recebe um novo e mais profundo sentido.

1648 Pode parecer difícil e até impossível ligar-se por toda a vida a um ser humano. Por isso é de suma importância anunciar a Boa Nova de que Deus nos ama com um amor definitivo e irrevogável, que os esposos participam deste amor, que Ele os apóia e mantém e que, por meio de sua fidelidade, podem ser testemunhas do amor fiel de Deus. Os

esposos que, com a graça de Deus,dão esse testemunho, não raro em condições bem dificeis, merecem a gratidão e o apoio da comunidade eclesial [691679].

1649. Mas existem situações em que a coabitação matrimonial se toma praticamente impossível pelas mais diversas razões. Nestes casos, aIgreja admite a *separação* física dos esposos e o fim da coabitação. Os esposos não deixam de ser marido e mulher diante de Deus; não são livres para contrair uma nova união. Nesta difícil situação, a melhor solução seria, se possível, a reconciliação. A comunidade cristã é chamada a ajudar essas pessoas a viverem cristãmente sua situação, na fidelidade ao vínculo de seu casamento, que continua indissolúvel[692].

1650. São numerosos hoje, em muitos países, os católicos que recorrem ao *divórcio* segundo as leis civis e que contraem civilmente uma nova união. A Igreja, por fidelidade à palavra de Jesus Cristo ("Todo aquele que repudiar sua mulher e desposar outra comete adultério contra a primeira; e se essa repudiar seu marido e desposar outro comete adultério": Mc 10,11-12), afirma que não pode reconhecer como válida uma nova união, se o primeiro casamento foi válido. Se os divorciados tornam a casar-se no civil, ficam numa situação que contraria objetivamente a lei de Deus. Portanto, não podem ter acesso à comunhão eucarística enquanto perdurar esta situação. Pela mesma razão não podem exercer certas responsabilidades eclesiais. A reconciliação pelo sacramento da Penitência só pode ser concedida aos que se mostram arrependidos por haver violado o sinal da aliança e da fidelidade a Cristo e se comprometem a viver numa continência completa.

1651. A respeito dos cristãos que vivem nesta situação e geralmente conservam a fé e desejam educar cristãmente seus filhos, os sacerdotes e toda a comunidade devem dar prova de uma solicitude atenta, a fim de não se considerarem separados da Igreja, pois, como batizados, podem e devem participar da vida da Igreja:

Sejam exortados a ouvir a Palavra de Deus, a freqüentar o sacrifício da missa, a perseverar na oração, a dar sua contribuição às obras de caridade e às iniciativas da comunidade em favor da justiça, a educar os filhos na fé cristã, a cultivar o espírito e as obras de penitência para assim implorar, dia a dia, a graça de Deus[693].

A ABERTURA A FECUNDIDADE

1652 O instituto do Matrimônio e o amor dos esposos estão, por sua índole natural, ordenados à procriação e à educação dos filhos, e por causa dessas coisas (a procriação e a educação dos filhos), (o instituto do Matrimônio e o amor dos esposos) são como que coroados de sua maior glóna[694]. Os filhos são o dom mais excelente do Matrimônio e contribuem grandemente para o bem dos próprios pais. Deus mesmo disse: "Não convém ao homem ficar sozinho" (Gn 2,18), e "criou de início o homem como varão e mulher" (Mt 19,4); querendo conferir ao homem uma participação especial em sua obra criadora, abençoou o varão e a mulher dizendo: "Crescei e multiplicai-vos" (Gn 1,28). Donde se segue que o cultivo do verdadeiro amor conjugal e toda a estrutura da vida familiar que daí promana, sem desprezar os outros fms do Matrimônio, tendem a dispor os cônjuges a cooperar corajosamente com o amor do Criador e do Salvador que, por intermédio dos esposos, quer incessantemente aumentar e ennquecer sua família[695].

1653. A fecundidade do amor conjugal se estende aos frutos da vida moral, espiritual e sobrenatural que os pais transmitem a seus filhos pela educação. Os pais são os principais e primeiros educadores de seus filhos[696]. Neste sentido, a tarefa fundamental do Matrimônio e da família é estar a serviço da vida[697].

1654. Os esposos a quem Deus não concedeu ter filhos podem, no entanto, ter uma vida conjugal cheia de sentido, humana e cristãmente. Seu Matrimônio pode irradiar uma fecundidade de caridade, acolhimento e sacrifício.

VI. A Igreja doméstica

1655. Cristo quis nascer e crescer no seio da Sagrada Família de José e Maria. A Igreja não é outra coisa senão a "família de Deus". Desde suas origens, o núcleo da Igreja era em geral constituído por aqueles que, "com toda a sua casa", se tomavam cristãos[698680].Quando eles se convertiam, desejavam também que "toda a sua casa" fosse salva[699]. Essas famílias que se tomavam cristãs eram redutos de vida cristã num mundo incrédulo.

1656. Em nossos dias, num mundo que se tomou estranho e até hostil à fé, as famílias cristãs são de importância primordial, como lares de fé viva e irradiante. Por isso, o Concílio Vaticano II chama a família, usando uma antiga expressão, de "Ecclesia domestica"[700]. E no seio da família que os pais são "para os filhos, pela palavra e pelo exemplo.., os primeiros mestres da fé. E favoreçam a vocação própria a cada qual, especialmente a vocação sagrada"[701].

---

[679] 675. CIC, cân. 1134. —676. Cf. Mc 10,9. —677. GS 48, 1.— 678. GS 48,1. 691. Cf. FC 20. —692. Cf. FC 83; CIC, cân. 1151-1155. —693. FC 84.
[680] 694. GS 48, 1. — 695. GS 50, 1. — 696. Cf. GE 3. — 697. *Cf.* FC 28. — 698. *Cf.* **At** 18,8. Cf. At 16,31e 11,14. —700. LG 11~ cf FC 21 — 701 LEI 11 702 LEI 10. —703. GS 52, 1. — 704. FC 85.

1657. E na família que se exerce de modo privilegiado o *sacerdócio batismal* do pai de família, da mãe, dos filhos, de todos os membros da família, "na recepção dos sacramentos, na oração e ação de graças, no testemunho de uma vida santa, na abnegação e na caridade ativa"[702], O lar é, assim, a primeira escola de vida cristã e "uma escola de enriquecimento humano"[703]. É aí que se aprende a resistência à fadiga e a alegria do trabalho, o amor fratemo, o perdão generoso e mesmo reiterado e, sobretudo, o culto divino pela oração e oferenda de sua vida.

1658. Não podemos esquecer também cenas pessoas que, por causa das condições concretas em que precisam viver- muitas vezes contra a sua vontade -, estão particularmente próximas do coração de Jesus e merecem uma atenciosa afeição e solicitude da Igreja e principalmente dos pastores: o grande número de pessoas *celibatárias.* Muitas dessas pessoas ficam *sem família humana,* muitas vezes por causa das condições de pobreza. Há entre elas algumas que vivem essa situação no espírito das bem aventuranças, servindo a Deus e ao próximo de modo exemplar. A todas elas é preciso abrir as portas dos lares, "Igrejas domésticas", e da grande família que é a Igreja. "Ninguém está privado da família neste mundo: a Igreja é casa e família para todos,especialmente para quantos "estão cansados e oprimidos"[704].

RESUMINDO

1659. *S. Paulo diz: "Maridos, amai as vossas mulheres, como (to amou a Igreja... E grande este mistério: refiro-me à,relação entre Cristo e sua Igreja" (Ef 5,25.32).*

1660. *O pacto matrimonial, pelo qual um homem e uma mulher constituem entre si uma íntima comunidade de vida e de ai foi findado e dotado de suas leis próprias pelo Criador. sua natureza, é ordenado ao bem dos cônjuges, como tam à geração e educação dos filhos. Entre os batizados, foi elevado, por Cristo Senhor, à dignidade de sacramento[705].*

1661. *O sacramento do Matrimônio significa a união de Cristo com a Igreja. Concede aos esposos a graça de amarem-se com o* i *mo amor com que Cristo amou sua Igreja; a graça do sacrarmento leva à perfeição o amor humano dos esposos, consolida unidade indissolúvel e os santifica no caminho da vida eterna*

1662. *O Matrimônio se baseia no consentimento dos contraentes, isto é, na vontade de doar-se mútua e definitivamente* j *viver uma aliança de amor fiel e fecundo.*

1663. *Como o Matrimônio estabelece os cônjuges num estado pt co de vida na Igreja, convém que sua celebração seja pública no quadro de uma celebração litúrgica diante do sacerdote (ou de testemunha qualificada da Igreja), das testemunha da assembléia dos fiéis.*

1664. *A unidade, a indissolubilidade e a abertura à fecundidade essenciais ao Matrimônio. A poligamia é incompatível co unidade do matrimônio; o divórcio separa o que Deus u a recusa da fecundidade desvia a vida conjugal de seu*

mais excelente": a prole[707][681].

O novo casamento dos divorciados ainda em vida do legíi cônjuge contraria o desígnio e a lei de Deus que Cristo ensinou. Eles não estão separados da Igreja, mas não acesso à comunhão eucarística. Levarão vida cristã pri palmente educando seus filhos na fé.

O lar cristão é o.lugar em que os filhos recebem o primeiro anúncio da fé. Por isso, o lar é chamado, com toda razão, *de "Igreja doméstica", comunidade de graça e de oração, escola das virtudes humanas e da caridade cristã.*

CAPÍTULO IV

AS OUTRAS CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS

ARTIGO 1

OS SACRAMENTAIS

1667. "A santa mãe Igreja instituiu os sacramentais, que são sinais sagrados pelos quais, à imitação dos sacramentos, são significados efeitos principalmente espirituais, obtidos pela impetração da Igreja. Pelos sacramentais os homens se dispõem a receber o efeito principal dos sacramentos e são santificadas as diversas circunstâncias da vida."[708]

Os TRAÇOS CARACTERÍSTICOS DOS SACRAMENTAIS

1668. São instituidos pela Igreja em vista da santificação de certos ministérios seus, de certos estados de vida, de circunstâncias muito variadas da vida cristã, bem como do uso das coisas úteis ao homem. Segundo as decisões pastorais dos bispos, podem também responder às necessidades, à cultura e à história próprias do povo cristão de uma região ou época. Compreendem sempre uma oração, acompanhada de determinado sinal, como a imposição da mão, o sinal-da-cruz ou a aspersão com água benta (que lembra o Batismo).

1669. Dependem do sacerdócio batismal: todo batizado é chamado a ser uma "bênção"[709] e a abençoar[710]. Eis por que os leigos podem presidir ceflas bênçãos[7]"; quanto mais uma

---

[681] *705.* Cf. GS 48, 1; CIC, cân. 1055, 1. — 706. Cf. Cone. de Trento: DS 1—707. GS 50, 1. 708. SC 60; cf.CIC,cân 1166; CCEO, cân. 867. —709. Cf. Gn 12,2. —710. Cf. Lc 6,28; Rm 12,14; IPd 3,9. — 711. Cf. SC 79; CIC, cân. 1168.

bênção se referir à vida eclesíal e sacramental, tanto mais suapresidência será reservada ao ministério ordenado (bispos, presbíteros “padres” — ou diáconos[712]).

1670. Os sacramentais não conferem a graça do Espírito Santo à maneira dos sacramentos, mas, pela oração da Igreja preparam para receber a graça e dispõem à cooperação com ela.“Para os fiéis bem-dispostos, quase todo acontecimento da vida é santificado pela graça divina que fluí do mistério pascal da paixão, morte e ressurreição de Cristo, do qual todos os sacramentos e sacramentais adquirem sua eficácia. E quase não há uso honesto de coisas materiais que não possa ser dirigido à finalidade de santificar o homem e louvar a Deus. “[713]

As DIVERSAS FORMAS DE SACRAMENTAIS

Entre os sacramentais, figuram em primeiro lugar as bênçãos (de pessoas, da mesa, de objetos e lugares). Toda bênção é louvor de Deus e pedido para obter seus dons. Em Cristo, os cristãos são abençoados por Deus, o Pai “de toda a sorte de bênçãos espirituais”(Ef 1,3). E por isso que a Igreja dá a bênção invocando o nome de Jesus e fazendo habitualmente o sinal sagrado da cruz de Cristo.

Certas bênçãos têm um alcance duradouro: têm por efeito *consagrar* pessoas a Deus e reservar para o uso litúrgico objetos e lugares. Entre as destinadas a pessoas — não confundi-las com a ordenação sacramental — figuram a bênção do abade ou da abadessa de um mosteiro, a consagração das virgens e das viúvas, o rito da profissão religiosa e as bênçãos para certos ministérios da Igreja (leitores, acólitos, catequistas etc.). Como exemplos daquelas que se referem a objetos, podemos citar a dedicação ou a bênção de uma igreja ou altar, a bênção dos santos óleos, de vasos e vestes sacras, de sinos etc.

1673. Quando a Igreja exige publicamente e com autoridade, em nome de Jesus Cristo, que uma pessoa ou objeto seja protegido contra a influência do maligno e subtraído a seu domínio, fala-se de *exorcismo.* Jesus

o praticou[714682] é dele que a Igreja recebeu o poder e o encargo de exorcizar[715]. Sob uma forma simples, o exorcismo é praticado durante a celebração do Batismo. O exorcismo solene, chamado “grande exorcismo”, só pode ser praticado por um sacerdote, com a permissão do bispo.Nele é necessário proceder com prudência, observando estritamente as regras estabelecidas pela Igreja[716]. O exorcismo visa expulsar os demônios ou Livrar da influência demoníaca, e isto pela autoridade espiritual que Jesus confiou à sua Igreja. Bem diferente é o caso de doenças, sobretudo psíquicas, cujo tratamento depende da ciência médica. E importante, pois, verificar antes de celebrar o exorcismo se se trata de uma presença do maligno ou de uma doença.

A RELIGIOSIDADE POPULAR

1674. Além da liturgia sacramental e dos sacramentais, a catequese tem de Levar em conta as formas da piedade dos fiéis e da religiosidade popular. O senso religioso do povo cristão encontrou, em todas as épocas, sua expressão em formas diversas de piedade que circundam a vida sacramental da Igreja, como a veneração de relíquias, visitas a santuários, peregrinações, procissões, via-sacra, danças religiosas, o rosário, as medalhas etc.[717].

1675. Estas expressões prolongam a vida litúrgica da Igreja, mas não a substituem: “Considerando os tempos litúrgicos, estes exercícios devem ser organizados de tal maneira que condigam com a sagrada liturgia, dela de alguma forma derivem, para ela encaminhem o povo, pois que ela, por sua natureza, em muito os supera”[718].

1676. Há necessidade de um discernimento pastoral para sustentar e apoiar a religiosidade popular e, se for o caso, para purificar e retificar o sentido religioso que embasa essas devoções e para fazê-las progredir no conhecimento do mistério de Cristo (cf. CT 54). Sua prática está sujeita ao cuidado e julgamento dos bispos e às normas gerais da Igreja[719].

A religiosidade do povo, em seu núcleo, é um acervo de valores que responde com sabedoria cristã às grandes incógnitas da existência. A sabedoria popular católica tem uma capacidade de síntese vital; engloba criativamente o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto. Esta sabedoria é um humanismo cristão que afirma radicaLmente a dignidade de toda pessoa como filho de Deus, estabelece uma fraternidade fundamental, ensina a encontrar a natureza e a compreender o trabalho e proporciona as razões para a alegria e o humor, mesmo em meio a uma vida muito dura. Essa sabedoria é também para o povo um princípio de discemimento, um instinto evangélico pelo qual capta espontaneamente quando se serve na Igreja ao Evangelho e quando ele é esvaziado e asfixiado com outros interesses[720].

RESUMINDO

---

[682] 712. Cf. RM, Ben. 16; 18. — 713. SC 61. — 714. Cf. Mc 1,25-26. — 715. Cf. Mc *3,15;* 6,7.13; 16,17. —716. Cf. CIC, eân. 1172. — 717. Cf. Cone. de Nicéia II: DS 601; 603; Cone. de Trento: DS 1822. — 718. SC 13. — 719. Cf. CT *54.*

1677. *Chamamos de sacramentais os sinais sagrados instituídos pela Igreja, cujo objetivo é preparar os homens para receber o fruto dos sacramentos e santificar as diferentes circunstâncias da vida.*

1678. *Entre os sacramentais, ocupam lugar destacado as bênçãos. Compreendem ao mesmo tempo o louvor a Deus por suas obras e seus dons e a intercessão da Igreja, a fim de que os homens possam fazer uso dos dons de Deus segundo o espírito do Evangelho.*

1679. *Além da liturgia, a vida cristã se nutre de formas variadas da piedade popular, enraizadas em suas diferentes culturas. Velando para esclarecê-las à luz da fé, a Igreja favorece as formas de religiosidade popular que exprimem um instinto evangélico e uma sabedoria humana e que enriquecem a vida cristã.*

ARTIGO 2

OS FUNERAIS CRISTÃOS

1680. Todos os sacramentos, principalmente os da iniciação cristã, têm por finalidade a última Páscoa do Filho de Deus, aquela que, pela morte, o fez entrar na vida do Reino. Agora se realiza o que

o cristão confessa na fé e na esperança: "Espero a ressurreição dos modos e a vida do mundo que há de vir"[721].

720. Doe. de Puebla n. 448; cf. EN 48. — 721. Símbolo niceno - constantinopolitano.

I. A última Páscoa do cristão

1681. O sentido cristão da morte é revelado à luz do mistério pascal da Morte e Ressurreição de Cristo, em que repousa nossa única esperança. O cristão que morre em Cristo Jesus "deixa este corpo para ir morar junto do Senhor"[722].

1682. O dia da morte inaugura para o cristão, ao final de sua *vida sacramental,* a consumação de seu novo nascimento iniciado no Batismo, a "semelhança" definitiva à "imagem do Filho", conferida pela unção do Espírito Santo, e a participação na festa do Reino, antecipada na Eucaristia, mesmo necessitando de últimas purificações para vestir a roupa nupcial.

1683. A Igreja que, como mãe, trouxe sacramentalmente em seu seio o cristão durante sua regrinação terrena, acompanha-o, ao final de sua caminhada, para entregá-lo "as mãos do Pai". Ela oferece ao Pai, em Cristo, o filho de sua graça e deposita na terra, na esperança, o germe do corpo que ressuscitará na glória[723]. Esta oferenda é plenamente celebrada pelo Sacrifício Eucarístico. As bênçãos que a precedem e a seguem são sacramentais.

II. A celebração dos funerais

1684. Os funerais cristãos são uma celebração litúrgica da Igreja. O ministério da Igreja tem em vista aqui tanto exprimir a comunhão eficaz com o *defunto* como fazer a *comunidade* reunida participar das exéquias e lhe anunciar a vida eterna.

1685. Os diferentes ritos dos funerais exprimem o *caráter pascal* da morte cristã e respondem às situações e tradições de cada região, mesmo com relação à cor litúrgica[724].

1686. O *Ordo exsequiarum* (rito das exéquias) (OEx) da liturgia romana propõe três tipos de celebração dos funerais, correspondendo aos três lugares onde acontece (a casa, a igreja, o cemitério) e segundo a importância que a ele atribuem a família, os costumes Locais, a cultura e a piedade popular. Este esquema é, aliás, comum a todas as tradições litúrgicas e compreende quatro momentos principais:

1687. O *acolhimento da comunidade.* Uma saudação de fé abre a celebração. Os familiares do defunto são acolhidos com uma palavra de"consolação" (no sentido do Novo Testamento: a força do Espírito Santo na esperança)[725]. A comunidade orante que se reúne escuta também "as palavras de vida eterna". A morte de um membro da comunidade (ou o dia de aniversário, o sétimo ou o trigésimo dia) é um acontecimento que deve fazer ultrapassar as perspectivas "deste mundo" e levar os fiéis às verdadeiras perspectivas da fé em Cristo ressuscitado.

1688. A *Liturgia da Palavra,* por ocasião dos funerais, exige uma preparação bem atenciosa, pois a assembléia presente ao ato pode englobar fiéis pouco assíduos à liturgia e também amigos do falecido que não sejam cristãos. A homilia em especial deve "evitar o gênero literário de elogio fúnebre"[726] e iluminar o mistério da morte cristã com a luz de Cristo Ressuscitado.

1689. O *Sacrifício Eucarístico.* Se a celebração se realizar na igreja, a Eucaristia é o coração da realidade pascal da morte cristã[727]. E então que a Igreja exprime sua comunhão eficaz com o defunto: oferecendo ao Pai, no Espírito Santo, o sacrifício da morte e ressurreição de Cristo, ela lhe pede que seu filho seja purificado de seus pecados e de suas conseqüências e que seja admitido à plenitude pascal da mesa do Reino[728]. É pela Eucaristia assim celebrada que a comunidade dos fiéis, especialmente a família do defunto, aprende a viver em comunhão com aquele que "dormiu no Senhor", comungando do Corpo de Cristo, do qual é membro vivo, e rezando a seguir por ele e com ele.

1690. O adeus (“a Deus”) ao defunto é sua “encomendação a Deus” pela Igreja. Este é o “último adeus pelo qual a comunidade cristã saúda um de seus membros antes que o corpo dele seja levado à sepultura”[729][683]. A tradição bizantina o exprime pelo beijo de adeus ao falecido:

Com esta saudação fmaL “canta-se por causa de sua partida desta vida e por causa de sua separação, mas também porque há uma comunhão e uma reunião. Com efeito, ainda que mortos, não estamos separados uns dos outros, pois todos percorremos o mesmo caminho e nos reencontraremos no mesmo lugar. Jamais estaremos separados, pois vivemos por Cristo, e agora estamos unidos a Cristo, indo em sua direção... estaremos todos reunidos em Cristo”[730].

[683] 725. Cf. ITs 4,18. — 726. Cf. OEx, *De primo i~po exsequiarum,* 41, Tipografia Poliglota Vaticana, 1969, p. 21. — 727. Cf. OEx, *Praenotanda,* 1, Tipografia Poliglota Vaticana, 1969, p. 7. — 728. Cf. OEx, *De primo typo exsequiarwn,* 56, Tipografia Poliglota Vaticana, 1969, p. 26. — 729. Cf. OEx, *Praenotanda,* 1, Tipografia Poliglota Vaticana, 1969, p. 9. — 730. S. Sintão de Tessalônica, Sep., 367: PG *155,685.*